NA MESA-REDONDA: TRABALHO DIURNO PARA A INDÚSTRIA DA PANIFICAÇÃO?

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1970 N.º 17 129 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

CHUVA EM AGOSTO

Lisboa acordou hoje em pleno Inverno. Inverno aparente, claro, porque a chuva de Agosto é pouca e breve. Aliás, não vale a pena fazer grande espanto, por chover em Agosto não é tão raro como isso... Pràticamente (pelo menos nos últimos 30 anos) só o Algarve se pode gabar de não ter chuva no Verão. **(Ler notícia na página 9)**

Meio milhão de contos — saldo positivo da balança comercial de Angola em 6 meses

A balança comercial de Angola registou, no primeiro semestre deste ano, um saldo positivo de mais de meio milhão de contos, segundo informação da Agência Lusitânia que cita estatísticas divulgadas pelo Centro de Informação e Turismo da província. Por sua vez, notícias vindas de Lourenço Marques revelam que, nos cinco primeiros meses do ano, a balança de pagamentos de Moçambique registou um saldo negativo de mais de 790 mil contos (Cont. na ultima página)

LER NA 2.ª PÁG.

José Cardoso Pires — prestigio em França

«O DELFIM» CONSIDERADO EM FRANÇA COMO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO

Israel diz «não» a uma força russo-americana

TEL-AVIV, 28 — (F. P.) — O vice-presidente do Conselho, Yigal Allon, falando ontem, á noite, em Tel-Aviv, rejeitou a «ideia» lançada pelos conselheiros da Casa Branca para a criação de uma força comum americano-soviética com a missão de velar pelo respeito do acordo que ve-

(Continua na ultima página)

HOJE 32 PÁGS.

VISADO PELA CENSURA

férias no MUNDO

SÓ MAIS TRÊS DIAS PARA ENTREGA DOS CUPÕES

Como já dissemos, termina impreterìvelmente no próximo dia 31 o prazo estabelecido para a recepção das colecções de cupões do concurso «Férias no Mundo», após o que se procederá à numeração das colecções entregues e, posteriormente, ao envio, a cada um dos concorrentes, dos talões numerados que habilitam ao sorteio dos valiosos prémios instituídos para esta iniciativa.

Mais uma vez — e pela última vez — se avisam os concorrentes que preencheram erradamente os seus boletins de que devem enviar, igualmente até ao dia 31, um postal indicando o seu nome e morada e a cidade que desejam visitar, tendo em atenção que a escolha terá de cair numa das seguintes cidades: Londres, Paris, Amsterdão, Copenhague, Bruxelas, Madrid, Genéve, Frankfurt, Buenos Aires, Nova York, Rio de Janeiro, Joanesburgo e Salisbúria.

DISTINÇÃO PARA JOSÉ CARDOSO PIRES

«O DELFIM» CLASSIFICADO COMO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO EM FRANÇA

A versão francesa de «*O Delfim*», de José Cardoso Pires, foi classificada pelo suplemento literário de «*Le Monde*» como um dos treze melhores romances estrangeiros traduzidos este ano em França. Na lista, elaborada com um critério de selecção extremamente rigoroso, figuram obras de Jorge Luís Borges (« *Evaristo Carriego* »), Italo Calvino (« *Tempo Zero*»), Ernesto Hemingway (« *By-Line* »), Norman Mailler («*The Armies of the Night*») e Graham Greene (« *Travels with my Aunt*»).

Último livro em data do nosso distinto colaborador, «*O Delfim*», tem sido sucessivamente reeditado entre nós, constituindo, sem a mínima reticência, uma das obras da moderna ficção portuguesa realmente mais lidas, discutidas e analisadas em letra de forma. Ao promover a sua tradução para francês a casa Gallimard (que ali revelou José Cardoso Pires com a versão de «*O Hóspede de Job*» assegurou-lhe de imediato uma projecção excepcional, que os repetidos elogios da crítica mais avolumam.

Um dos melhores também para «La Quinzaine»

Aliás José Cardoso Pires não logrou apenas esta tradução: contratado como *autor Gallimard* — o que é uma distinção inédita para a nossa literatura —, outros volumes seus aparecerão em francês.

Também para «La Quinzaine Littéraire» o ultimo romance de José Cardoso Pires está entre as melhores obras estrangeiras que os franceses conheceram em 1969-1970.

Note-se a propósito que na lista de «*La Quinzaine*», não aparecem Hemingway, Calvino, Mailler e Greene. Em contrapartida surgem Julio Cortázar, Guilhermo Cabrera Infante e Mario Vargas Llosa, três sul-americanos que já não são descoberta para o publico leitor francês e outros nomes de primeira água: John Barth, Yasunari Kawabata, Philip Roth.

Numa das suas ultimas edições igualmente o semanário «*L'Express*», pela pena de Claude Mettra, se debruça sobre «*O Delfim*».

São dois terços de página (com uma fotografia de Jerry Bauer, correspondente da revista em Londres) de minuciosa análise, a que não falta uma tentativa de definição da singular arquitectura novelística de «*O Delfim*». Para Mettra há como que «escritas sucessivas, inquéritos, monólogos, diálogos, diário, graças aos quais o romancista espera acossar a paisagem obscura para despojá-la dos seus sortilégios».

«Como Robert Pinget ou Claude Simon» — acrescenta o crítico de «*L'Express*» —, «errando no tempo para desviar os rostos humildes, José Cardoso Pires esforça-se por delimitar as fronteiras duma existência que poderíamos nomear e descrever porque ela obdeceria á sua própria exigência. (...)

«A realidade porém está ausente, os homens e as mulheres desaparecem sob máscaras indecifráveis, a terra é como o céu, uma superfície plana que deforma os sonhos de cada um; os acontecimentos, todas as coisas da vida onde se escondem os jogos do desejo, do orgulho e da morte, são apenas sinais, marcas, insignificantes na sua opacidade e que desenham na indiferença o ritmo dos dias e das estações».

«Finalmente, para o poeta Marc Alyn (*in «Le Figaro Littéraire»*) o autor português «usa com mestria e naturalidade (...), entre Stendhal e o *nouveau roman*, as oposições de estilo mais vincadas para tornar sensível a divisão das suas personagens» acrescentando que «*O Delfim*» confirma a promessa de «*O Hóspede de Job*», «romance a todos os títulos notável».

Por efeitos de uma trovoada tem de ser adiada a abertura do 2.º canal da TV para o Norte

PORTO, 28 — A abertura do segundo canal da R. T. P., que abrangerá grande parte do Norte do País, estava prevista para o dia 1 de Setembro. Um caso imponderável impõe, porém, que aquela data seja alterada, não se sabe se para a segunda quinzena do mesmo mês, se para o dia 1 de Outubro.

Um dos transmissores intermediários (instalados na serra de Aire e em Aristal) foi sèriamente afectado pela forte trovoada do passado dia 2. Houve, portanto, necessidade de se adquirir peças sobressalentes, que hão-de vir de avião, da Noruega (de onde ainda não saíram), e só depois da sua instalação se poderá abrir o canal.

DE ONTEM PARA HOJE

NOVO DIRECTOR DE SERVIÇO DO I. N. I. I.

O dr. Eugénio Fialho Borralho é o novo director do 3.º Serviço do Instituto Nacional de Investigação Industrial.

Pessoa jovem: 30 anos apenas. Licenciou-se, em 1963, em Economia, com a média de 16 valores, no I. S. C. E. F., onde é 2.º assistente. Trabalha no I. N. I. I. desde 1960. É vogal da Comissão de Estatísticas do Ministério da Economia e vogal no Conselho Nacional de Estatística para as Estatísticas Industriais. Foi representante do Ministério da Economia no grupo «ad hoc» para selecção dos projectos a ser incluídos no Plano de Fomento. O dr. Fialho Borralho tem vários trabalhos de especialização publicados.

SEM A MÃO ESQUERDA

Uma carga de dinamite deflagrou prematuramente no Casal da Abrunheira (Caldas da Rainha): ficou sem a mão esquerda o cabouqueiro Manuel Lopes Colaço, de 29 anos.

APARECEU O CORPO DO FOGUEIRO DO «SANTA MARIA»

Próximo do farol de Santa Maria foi encontrado por pescadores de polvo o cadáver de Manuel da Costa Clara, fogueiro do caça-minas «Santa Maria», que desaparecera no passado dia 19 do corrente.

COMODORO GOMES RAMOS

O comodoro José de Aires Gomes Ramos foi louvado e condecorado pelo ministro da Marinha pela «actividade de deveras notável na Junta Nacional da Marinha Mercante», organismo de que é presidente. Condecoração que lhe foi atribuída: a medalha militar de prata de serviços distintos.

MORTE NO RIO E NO MAR

Morreu afogado no rio Alva (Oliveira do Hospital), por não saber nadar, Manuel Tavares Jerónimo, de 17 anos, mecânico, ali em férias.

—Acometido de congestão quando se banhava, morreu também no mar da Póvoa do Varzim José Carlos Dias da Silva, de 17 anos.

ADIDO MILITAR DO BRASIL EM LISBOA

O adido militar do Brasil em Lisboa, (capitão-de-mar-e-guerra Rodrigues Frazão, que em breve regressa ao seu país por ter terminado o exercício do cargo), foi condecorado pelo ministro da Defesa Nacional com a medalha de mérito militar de 2.ª classe. O futuro adido militar é o capitão-de-mar-e-guerra Brandão Padilha.

LOUSA FATAL

Uma lousa, em Valongo, desprendeu-se de um monte de entulho e matou o operário Augusto Teixeira de Carvalho, de 16 anos.

VIAÇÃO TRÁGICA

Duas motorizadas chocaram em Peniche: uma, conduzida por Luís Correia Delgado, de 20 anos, solteiro e a outra pelo padeiro Renato Timóteo, de 30, também solteiro. O acidente causou a morte deste ultimo.

—Também Manuel António Guerreiro, de 33 anos, casado, encontrou a morte em Lagos, quando, de motorizada, foi chocar com uma furgoneta. Deixa viuva e uma filha de 8 meses.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Bairro do Caramão e imediações (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Números pares da Rua Áurea entre as Ruas da Conceição e de S. Julião (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: ALFRAGIDE** — Av.ª D. Luís I, Rua Pinheiro Borges, Rua Daniel Augusto Silva, Rua Alves Botelho e imediações (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Sintra:** VINAGRE (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Rua Professor Leite Pinto, Rua Heróis de Dadrá, Lagoa e imediações (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Vila Franca:** CASTANHEIRA, VALA DO CARREGADO e Linha de A. T. entre Vila Franca e Vala do Carregado. (Das 7 ás 8 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Santa Catarina, Pedrógão e Paredes (Das 7 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho do Cartaxo:** CARTAXO, RIBEIRA DO CARTAXO, CRUZ DO CAMPO e linha de A. T. entre Cruz do Campo e Cartaxo (Das 8 às 12 horas).

7.ª Zona — VALADA, REGUENGO, PORTO DE MUGE e linha de A. T. entre Cruz do campo e Valada (Das 8 às 12 horas).

8.ª Zona — **Concelho de Azambuja: VILA NOVA DA RAINHA** e linha de A. T. entre Cruz do Campo e Vala do Carregado (Das 8 ás 12 horas).

MAIS AUTONOMIA PARA OS REITORES UNIVERSITÁRIOS

Por despacho exarado ontem, o ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, delegou nos reitores das Universidades competência para atribuição de regência de aulas teóricas aos professores extraordinários, assistentes, leitores e assistentes eventuais nos casos em que a lei prevê a possibilidade dessa atribuição.

Pelo mesmo despacho, o ministro delega ainda nos reitores competência para aprovação dos horários dos trabalhos escolares. Por sua vez, os Conselhos Administrativos das Universidades ficam com competência para aprovar os mapas de distribuição no serviço docente.

Estas medidas integram-se no espírito de autonomia pedagógica das Universidades, simplificando o funcionamento dos serviços e evitando os atrasos no pagamento de regências teóricas e práticas aos respectivos professores.

«Jockey Bar»

Inaugurou-se ontem, na Rua Nova de S. Mamede, 52, o «Jockey Bar», de que é gerente o sr. Leonel Silva Graça. Para assinalar o facto, foi servido um «cocktail» a numerosos convidados. O novo estabelecimento reune todas as condições para agradar aos seus futuros freqüentadores.

NA PRÓXIMA SEMANA EM LISBOA

Congresso da Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas

Cerca de 300 especialistas, representando pelo menos 28 países, participarão no XII Congresso da Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas (I. F. L. A.) que se realiza em Lisboa de 4 a 11 de Setembro.

Entre os países representados, contam-se a África do Sul, Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Checoslováquia, China (Formosa), Dinamarca, Espanha, E. U. A., Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, Israel, Japão, Noruega, Polónia, Portugal, Suécia, Suíça e Venezuela.

O Congresso é organizado pelo Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista que funciona no Instituto Superior de Agronomia e decorrerá num dos auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian sendo a comissão organizadora constituída pelos srs. prof. Caldeira Cabral e arquitectos paisagistas eng. António Faco Viana Barreto, Edgard Fontes e Gonçalo Ribeiro Teles.

Este congresso será uma confrontação entre as principais profissões que intervêm no desenvolvimento dos problemas de paisagem e procurará pôr em relevo as consequências mais importantes das múltiplas e, por vezes, contraditórias, intervenções na paisagem. Como o tema geral incide sobre os problemas da plasagem nos países em via de desenvolvimento, especialmente dos trópicos, os arquitectos paisagistas procurarão estabelecer uma síntese harmoniosa dos diferentes pontos de vista, que se traduz pela criação de novas paisagens, biològicamente equilibradas e que possam trazer ao homem nos trópicos, não só a satisfação das suas necessidades actuais, mas a certeza do seu futuro.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

NA
CASA NOVELO
CADA NOVELO
PARA TRICOTAR
ESCONDE ENORME DESEJO
DE SERVIR MELHOR
FABRICANTES
ESPERAMOS POR SI
A PARTIR DE 1 DE SETEMBRO
novelo
FIOS EXCLUSIVOS PARA TRICOTAR, LDA.
AV. DUQUE D'ÁVILA, 131, R/C., ESQ. — TEL. 58373 — LISBOA

MEYER LANSKY
REFORMADOR DA «MAFIA»

As novas disposições do acordo concluído entre os E. U. A. e a Suíça, referentes á descoberta do segredo bancário sob certas condições, causaram decerto grande inquietação a um homem. Chama-se ele Meyer Lansky: tem 68 anos e vive muito discretamente num confortável apartamento de Miami, situado no n.º 5001 da Collins Avenue.

Meyer Lansky leva uma vida bastante organizada e recatada, como convém a um homem de negócios de envergadura média que tenha decidido reformar-se. Paga pontualmente os impostos e as suas declarações de rendimentos são um modelo do género: não falha um cêntimo. Meyer Lansky sai pouco — tirando uma ou outra viagem de «turismo» á Europa, contenta-se com um passeio diário na companhia do cão.

por JACQUES AMALRIC
(EXCLUSIVO «LE MONDE» - «DIÁRIO DE LISBOA»)

Apesar de uma vida tão calma, o F. B. I. só pensa em perseguí-lo! Espia-lhe os mínimos gestos, segue atentamente as suas deslocações mais insignificantes. Esta solicitude provàvelmente irrita-o, mas ele não o dá a perceber. São os «ossos» da gigantesca partida que Meyer Lansky joga — com êxito total — desde os princípios dos anos 20. Na verdade, o pacífico reformado de Miami é hoje talvez o homem mais poderoso da Mafia americana.

A sua força principal reside na discrição. Extremamente inteligente, Lansky — ou melhor, Meyer Suchecwiansky, nascido em Grodno, Russia, e chegado aos 9 anos á América do Norte — é hoje o grande financiador da Mafia. Assassino profissional dos mais cotados, quando tinha apenas 20 anos, não tardou a compreender que a violência sanguinária era um erro quase sempre muito dispendioso.

Não demorou também a perceber que, para continuar de pé, a Mafia deveria dotar-se de uma fachada irrepreensível e deixar de se dedicar unicamente a operações tão arriscadas como o tráfico da droga, a prostituição, o *racket*. Por ter compreendido estas coisas tão elementares, logo no dealbar dos anos 30, Lansky ficará a ser o grande reformador do crime organizado na América. Foi realmente sob a sua orientação que a Mafia — ou, pelo menos um grupo de *mafiosi* mais inteligentes — se reconverteu, abandonando o crime sórdido para penetrar sistemàticamente em certos meios de negócios.

Viagens Pullman

O método que Lansky utilizou para conseguir «respeitabilizar» as actividades da Mafia é extremamente simples: passa pela Suíça. E é por isso que os novos acordos firmados entre Washington e a Berna devem causar tanta inquietação ao tranquilo reformado de Miami.

Lucky Luciano, outro burguês da Mafia

A manobra é extremamente simples. Através de diversos «correios», Lansky fez chegar aos bancos suíços o dinheiro mal ganho da Mafia. Essas somas são de seguida reinvestidas nos E. U. A. em negócios perfeitamente honestos. Nesta fase Lansky tem a prudência de se ocultar: as operações são dirigidas por um intermediário que vive na Suíça. Só ele e Lansky conhecem a proveniência dos fundos, as empresas americanas que deles beneficiam ignoram tudo. O intermediário favorito de Lansky é perfeitamente conhecido. Trata-se de um canadiano de origem russa, John Pullman.

Por ter sido o primeiro a imaginar um tal circuito e por o ter vindo a utilizar com proficiência há umas dezenas de anos, este antigo assassino profissional granjeou uma reputação invejada em todos os meios marginais dos E. U. A.

— *Com as qualidades que se lhe reconhecem, se tivesse optado por uma vida honesta, Lansky podia ser hoje presidente da General Motors* — diz um dos inspectores do F. B. I. encarregados de detectar qualquer passo em falso. Mas até agora Lansky não cometeu erros.

É o único dos grandes «patrões» dos anos 30 que continua em liberdade. Aliás, Meyer Lansky nunca foi condenado. É demasiado organizado e metódico para se deixar cair.

E no entanto houve uma altura em que controlava a a maioria dos casinos de Las Vegas. Quando o local se tornou demasiado «quente», interessou-se de muito perto por Cuba, de onde teve que sair em 1959, no mesmo avião em que embarcou o seu grande amigo Fulgêncio Bautista. Consta hoje que os tentáculos da sua organização se estendem até á Europa e ao Próximo Oriente, sem falar das Bahamas, Porto Rico e Florida (claro).

E agora? Que vai ser de Meyer Lansky? Ninguém sabe ao certo. É provável, que o homem que em plena guerra mundial conseguiu um acordo secreto com a Marinha de Guerra (1) venha a encontrar nova parada e continue a passear o cão pelas ruas de Miami. Se assim for, nos dias de festa, o filho mais velho — antigo aluno de West Point, que abandonou o Exército com o posto de capitão — continuará a trazer-lhe uma caixa de bombons...

(1) — A **Navy**, receando quaisquer actos de sabotagem na costa leste durante a guerra, chegou, com a mediação de Lansky o acordo com Lucky Luciano, condenado na altura à pena de prisão perpétua. Em virtude desse acordo Luciano comprometeu-se a mandar policiar as docas pelos seus homens. No fim da guerra, Luciano foi posto em liberdade condicional e, ante a surpresa geral, repatriado, com liberdade absoluta, para a Itália.

música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 10, 1300 c. c., já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 10 ELEGÂNCIA E CONFORTO EXCEPCIONAL

VOXSON RADIO TV

EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRITAL
MÁRIO GONZAGA RIBEIRO
RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167

Liceu-Institutos

CICLO PREPARATÓRIO
Cursos práticos de dactilografia c/ diploma

ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904

EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL:
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 820221

EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — T 706974

CURSOS DE FÉRIAS

ABERTAS AS MATRÍCULAS PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

MÓVEIS
Nórdicos e todos os estilos. Estofos — Colchões — Maples-cama
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
MOFEL
MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

NOTA do dia

AS CÓLERAS DO MUNDO-CÃO

QUE MUNDO É ESTE? Em que hora do mundo estamos nós? Que fizemos nós do que deixámos esquecido pelo caminho, que fizemos nós do que aprendemos? Que civilização é esta, onde tantas vezes nos semigabamos dos prodígios da técnica, dos prodígios da ciência, com o semilamento de que só é pena que o progresso moral não acompanhe o progresso técnico e tenha deixado o homem-homem nos primórdios de um primarismo de que todos os dias vemos com desgosto as consequências. Aí, com desgosto e fundamento cada dia todos mais ou menos o decretamos, aí permanecemos na barbárie.

O clamor que vai pelo mundo sobre o inquietante processo da poluição das águas e dos ares leva muita vez a perguntar por quantos anos poderá o homem actual sobreviver à face da terra, ameaçado de não ter meios de que respirar. Das águas pluviais e marítimas é outro alarido de inquietação. As pessoas, nalgumas regiões, já se perguntam se podem ainda frequentar as praias. Do Mar Cáspio fazem-se contas para saber daqui a quantos anos é que também ele terá direito ao título de Mar Morto. Dos grandes oceanos já se sabe como, ao longo dos séculos, foram convertidos em amplo vazadouro de todas as imundícies.

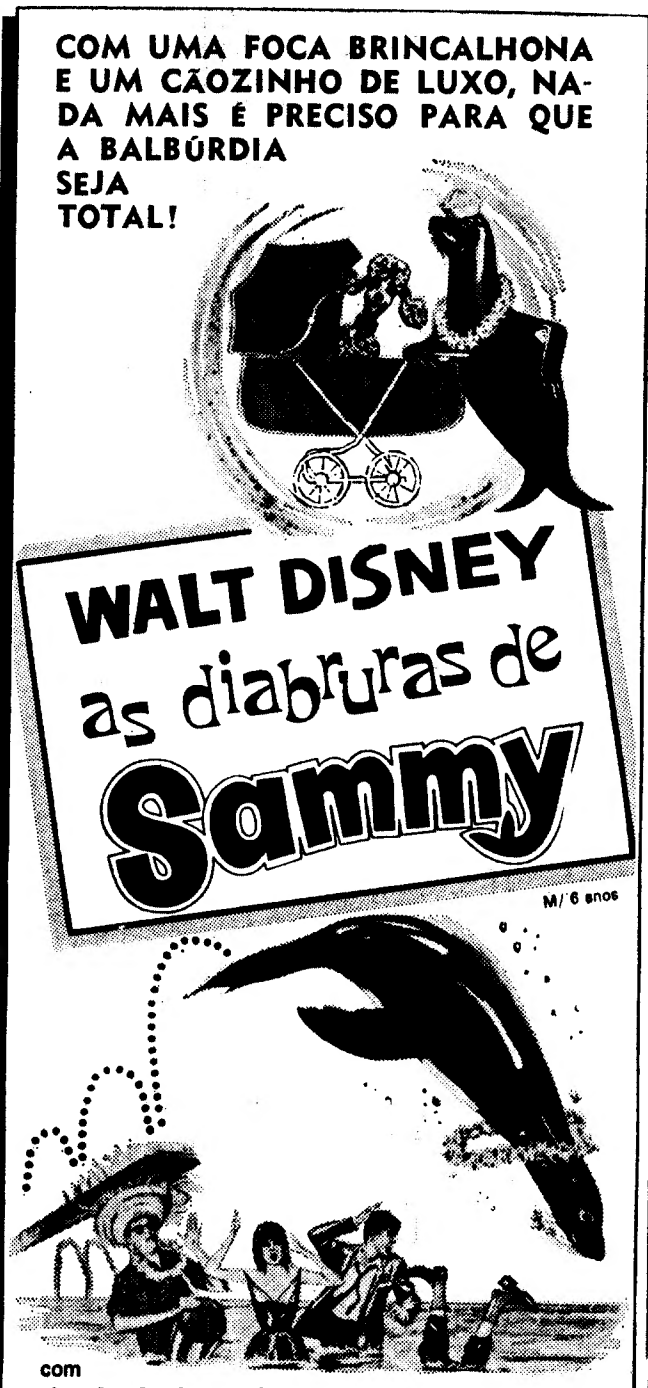
Agora temos a cólera. A saúde era-o, diga-se antes era um dos nossos orgulhos. O drama terrível das devastações de gente que faziam as pestes várias nos tempos mais recuados da antiguidade, mais perto de nós na Idade Média, encheram de dor páginas da História. Vem nas enciclopédias (não vale presumir a nossa presunção de tudo saber de cor e salteado) em Gaspar Correia, que, não sendo médico, descreveu a epidemia da Índia em 1543. (Também agora a Índia aparece como núcleo irradiante). Garcia de Orta identificou-a. Mas tudo isso pareciam águas passadas, pois não temos nós agora preciosas regras de higiene?

O quadro social oferece-nos as mais inquietantes perspectivas. Uma conferência de especialistas, há dias reunida sob a égide de um dos organismos internacionais especializados, subscreveu com a autoridade de muitos sábios presentes o que mais ou menos toda a gente está a ver todos os dias, isto é, que a criminalidade aumenta, aumenta principalmente, parece, nos países de um nível tecnológico mais avançado. Isto não é para falar da guerra, nem da bomba atómica, nem da «napalm», nem dos gases, nem do genocídio de que já ficou o exemplo de levar os criminosos (isto quer dizer os vencidos) ao tribunal e à forca. É para falar do indivíduo, do crime individual, homem para homem, roubar e matar.

O matar e o roubar, o matar e o esfolar, parece terem-se convertido em moeda corrente nalguns grandes e prósperos países, «leaders» do mundo moderno. A expressão literária da «Selva de cimento» parece ter-se convertido em medonha realidade. Nas ruas de Washington é perigoso andar à noite, nem que seja sair do hotel para dar uma volta ao quarteirão. Nos supermercados, furta-se a torto e a direito. A Polícia não chega e parece que não faz medo. Os particulares andam armados para o que der e vier. Os mais poderosos mantêm os seus corpos de guarda privativa. É o quadro.

Que mundo é este? O repetir a pergunta não adianta, pois que ela permanece sem resposta. Ninguém sabe, ninguém vê, apesar dos prodígios da televisão, que em circuito fechado, depois de nos invadir a casa para nos mostrar o que não queremos ver (alguém julgará que estamos a fazer alusão às touradas), acabará por mostrar aos outros, sem nós sabermos, o que se nos passa de portas a dentro. É que tudo está posto em causa, não sabemos se já repararam que até a nossa própria intimidade. O orgulho da nossa saúde, o orgulho da nossa técnica, tudo parece que vai inexoràvelmente por água abaixo. Tudo ficará então para recomeçar.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



PRÉDIO

JUNTO AO JARDIM ZOOLÓGICO

Construção moderna de cimento armado, revestido a evinel, composto de 9 pisos, hab. 3 e 5 div. soalhadas, cozinha, 1 e duas casas de banho, despensa e hall. Alugado com rendas de 1100$00. Isento. **PREÇO — 5 150 000$00**

Mostra e Trata

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384-5-6 / 328232-3 / 361756

correio diese

Saiu já mais um número do CORREIO DIESE, que inclui assuntos de capital importância para a saúde da população portuguesa, entre os quais destacamos:

O animal vertical * Mel, um alimento natural vivificador * Não há fronteiras para as amibas * mini ou máxi? * saúde de seu filho e o ferro * alimento, um instituto de beleza * nem só de pão vive o homem... * O mineral mais importante * Tudo doce... * A cultura biológica ao serviço do agricultor * O rendimento do trabalho * os ciclos da vida * e no suplemento especial — O Brasil na investigação científica — A biologia na melhoria das condições de alimentação nas áreas subdesenvolvidas.

Se está interessado em receber graciosamente este número do CORREIO DIESE basta recortar o cupão anexo e enviá-lo à DIESE — Apartado 1382 — Lisboa-1

DL — 39

Agradeço remetam, sem mais encargos para mim, o número do CORREIO DIESE, acima mencionado.

Nome .....

Morada .....

TAUROMAQUIA

SEIS TOUROS PARA SEIS CAVALEIROS

Esgotou-se a lotação do Campo Pequeno, que a meteorologia atrasou um dia, para a 8.ª Corrida TV, que bem anunciada foi na Imprensa, e pelos próprios meios, com entrevistas e vistas dos touros no campo. Seis touros bem apresentados, em torno dos quatrocentos quilos, e, á vista, com suas quatro Primaveras, e mais ou menos bravos também, consoante os lidadores a que foram distribuídos por sorteio, seis dos nossos melhores cavaleiros.

David Ribeiro Teles, com sua maestria, valorizou ainda mais o primeiro touro, que havia de ser também o primeiro em bravura, pelo que, com o cavaleiro, que ouviu música, deu volta á arena o filho do sr. José Pedrosa e o bravo Mascarenhas Bravo, do Grupo de Santarém, que fez uma das suas já famosas pegas.

E José Mestre Batista, com sua alegre arte, houve de animar um castanho do sr. Marquês de Rio Maior, e ao cavaleiro deve agradecimento o titular. Volta á arena com João Caixinha, do Grupo de Montemor, que a repetiram e foram no centro aclamados.

Para Luís Miguel da Veiga saiu um touro bonito do sr. eng.º Joaquim Grave, que o mais bonito cavaleiro lidou com sua graça ímpar, ao som da música e volta á arena com Rui de Souto Barreiros, que despiu a jaqueta numa bela pega e foi passeado em ombros dos seus confrades do Ribatejo e do Alentejo.

Houve Fernando Andrade Salgueiro de lidar um touro da sua casa, pelo que, preocupado por tal, tratou de honrar o nome da senhora sua mãe, e o próprio. Volta à arena com Saul Letras, de Montemor.

E trabalho teve Frederico Cunha para convencer um touro do colega David Teles a respeitar a sua arte clássica, mas ouviu justos aplausos e deu volta à arena com Filipe de Jesus que pegou de caras depois de tentear uma cernelha que logo se viu impossível, porque o touro não se deixava enrolar.

O ultimo touro foi para um cavaleiro que se prepara para ser dos primeiros, Sommer de Andrade, ovacionado e com volta á arena.

Foram brindados o sr. secretário de Estado, ao dr. Ramiro Valadão, a João Moreira de Almeida, da R. T. P.

O júri, a que presidiu o nosso estimado colega Leopoldo Nunes e que estava constituído por bons aficionados, atribuíu o prémio do touro mais bravo ao do sr. José Pedrosa, e o dos pegadores, «ex-aequo», a ambos os grupos.

Sebastião Saraiva dirigiu bem, e apenas culpado pela demora da tentativa da tal cernelha impossível.

★

Sabido é que o toureio a pé nasceu em Espanha quando Filipe V, ido de França, fez com que a nobreza espanhola abandonasse o toureio equestre, dando lugar ao dos peões.

Em Portugal mantivemos o que fora comum nos torneios equestres e que aperfeiçoámos desde a supressão do touro corrido.

Festejámos a aparição dos nossos primeiros matadores de touros a pé, para provar que também os portugueses são capazes de o praticar.

Comentámos as muitas corridas que apenas com cavaleiros se estão dando em Portugal e em Espanha com prejuízo do toureio a pé.

Julgamos que a tourada aconselhável em Portugal — enquanto persistir o equívoco de que o touro sofre menos com a espera do matadouro que com a morte imediata em plena luta — é a da representação nacional de cavaleiros e pegadores, com «espadas» portugueses e espanhóis em competição. Armando Soares, presidente do Sindicato dos Toureiros Portugueses, inclina-se pela sorte de picar, para bem provar a bravura, ao que opomos apenas o reparo de que picar sem matar é maior a crueldade até ao matadouro.

Manifestámo-nos já pela redução do numero de touros, que, como ontem, seriam seis, e sem intervalo tardador. Assim, e tendo em conta a justiça de cinquenta por cento de elementos nacionais, poderiam os cartazes ser constituídos por dois cavaleiros, um português e outro espanhol, e um «espada» português, ou por um cavaleiro português e dois «espadas», sendo um nacional, necessáriamente.

Enfim, o Sindicato e as empresas, resolvido o problema das remunerações, têm todo o Inverno para estudar este da composição dos cartazes.

«El T. Pérez»

Em Mogadouro

Mogadouro não estava no mapa touromáquico, mas vai ter praça desmontável para dois espectáculos tauromáquicos durante as festas locais, no próximo sábado, 29, com os cavaleiros José Mestre e Frederico da Cunha e os «espadas» Amadeu dos Anjos e Chibanga, e no domingo, 30, festival com os referidos cavaleiros e os «espadas» Manuel dos Santos, Amadeu dos Anjos e Manuel Valente.

Em ambos os espectáculos pegam os Amadores de Santarém.

JOSELITO EM ANGOLA

Joselito, o actor espanhol que tem actuado em diversos locais do Continente, partirá para Luanda na próxima 3.ª feira, dia 1 de Setembro, pelas 14 e 15. Objectivo: apresentação nos principais cinemas angolanos do seu novo filme «Prisioneiro na Cidade», cantando, depois, em fim de festa. A primeira exibição em Luanda está marcada para o dia 5 no Cine Restauração.

VIDA MUSICAL

Malcolm Frager: um pianista excepcional

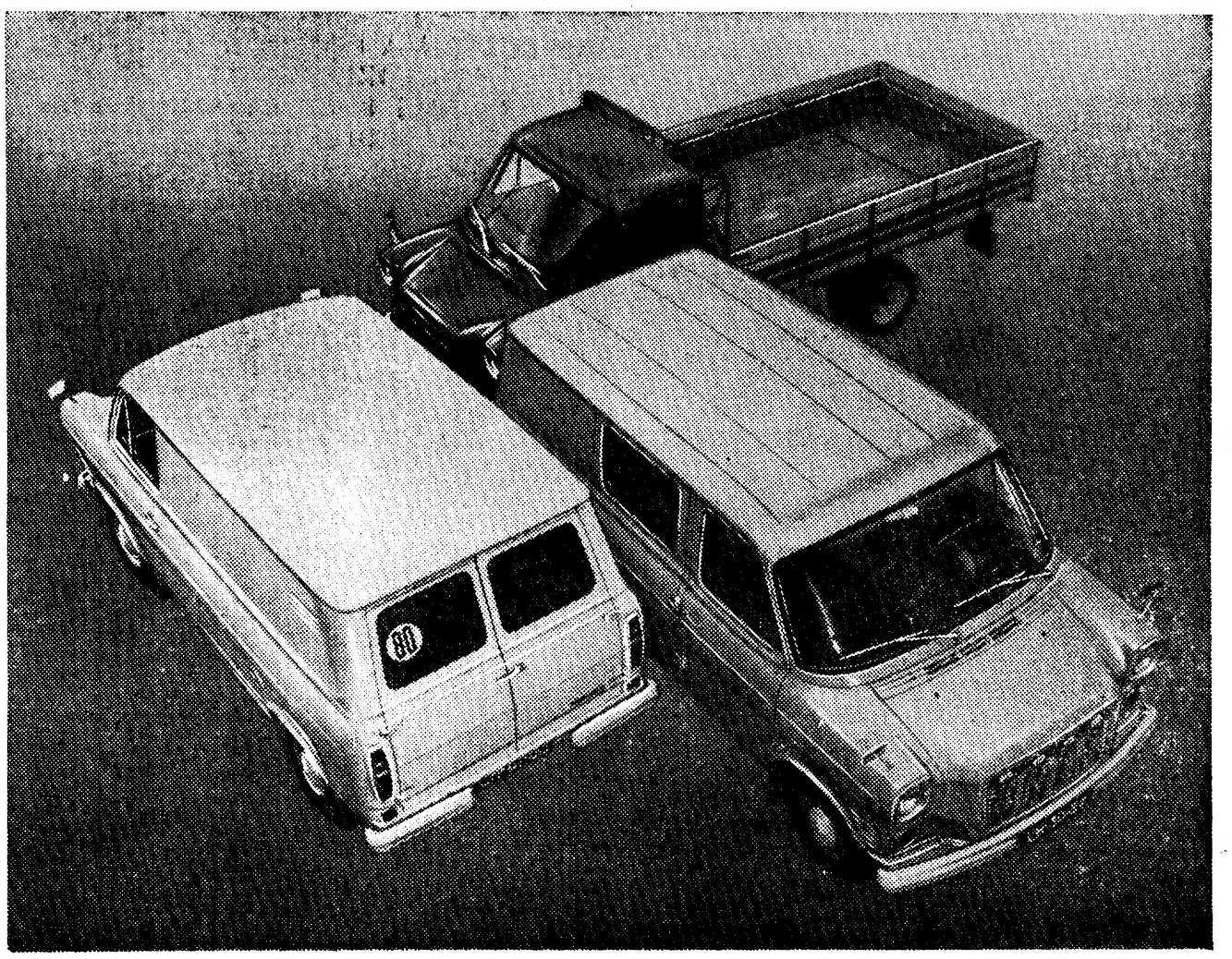
Prestes já a terminar, o 14.º Festival de Sintra proporcionou-nos uma das suas manifestações mais cativantes. Referimo-nos ao recital do pianista americano Malcolm Frager, realizado ao ar livre, na Quinta da Piedade, da sr.ª marquesa de Cadaval, em cenário verdadeiramente aprazível e com uma tarde calma, que dir-se-ia de encomenda. Um pormenor convém, antes de mais, salientar: as condições de audição resultaram altamente positivas, pois foram estudadas a preceito e «preparadas», havendo-se recorrido a uma concha acústica erguida no bonito terraço transformado em palco de concerto ou de teatro e a uma apropriada cobertura que abrangia a maior parte do recinto reservado á assistência. Excelente lição para os nossos promotores de espectáculos ao ar livre, que nem sempre olham a estes problemas fundamentais...

Mas vamos ao concerto. O programa era substancial, e incidia sobre algumas linhas de força da música mais ou menos germânica dos séculos XVIII e XIX. Logo na «Ária e Variações», de Haendel, pudemos apreciar a nitidez e a delicadeza do *Toucher* do ainda jovem Malcolm Frager. E também aqui se verificou que este concertista nunca sacrifica á mais leve sentimentalidade, até quando adopta andamentos bastante vagarosos. Confirmação do que fica dito tivemo-la na, infelizmente pouco tocada, «Sonata op. 27, n.º 1», de Beethoven. No trecho inicial e no «Adagio», que precede o «Allegro Final», reinou um clima algo introspectivo, sem exclusão de uma *nonchalance* do melhor gosto. Isto não impediu noutras passagens um dinamismo exaltante, com base num «ataque» extremamente incisivo e num mecanismo percutivo perfeitíssimo, sem prejuízo para o jogo muito contrastante, e, por vezes, espectacular, de volumes, ainda que numa perspectiva não especialmente inclinada ás colorações graduais intermédias, antes visando ás zonas extremas, em preto e branco, digamos assim.

Teríamos preferido um Haydn («Sonata em dó sustenido menor»), menos compartimentado e ao mesmo tempo mais diferenciado na gama de «ataques». Por outro lado, o «Scherzo op. 4» de Brahms foi tocado de maneira soberba mas transformado quase em mera peça de bravura (e assim reduzido na sua mensagem). Quanto ás «Variações e fuga sobre um tema de Haendel» mereceram uma versão notabilíssima, sem favor, na qual se manifestou com particular evidência o pendor do pianista para uma tal ou qual exterioridade.

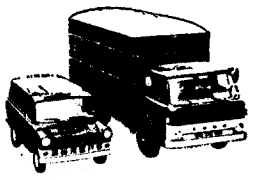
A observação parece justificar-se sobretudo a respeito de algumas variações de ambiência bastante schumarianas em que um pouco mais de lirismo envolvente viria a propósito. Mas, de qualquer maneira, que estupenda interpretação desse monumento pianístico de Brahms. Inesquecível igualmente, e mesmo assombrosa, a execução da «Rapsódia» de Liszt dada em extra.

NUNO BARREIROS



Construímos máquinas de fazer dinheiro

Nós construímos "máquinas de fazer dinheiro". Na Ford construímos veículos comerciais — em número tão grande que somos um dos primeiros da indústria.
Parece que temos aprendido bastante sobre este assunto. Como fazê-los 100% económicos e eficientes. E como fazê-los 100% rentáveis.
Porque se eles não fossem "máquinas de fazer dinheiro" para os seus proprietários, já há muito que não nos encontraríamos entre os primeiros.
A Ford constrói camiões de 3.500 a 15.000 Kg e veículos comerciais desde 1.200 até 2.750 Kgs de P. B.
Considerem, por exemplo, a vasta gama de camiões da série K e D. Permitem ao comprador encontrar exactamente o modelo de que precisa.
Várias distâncias entre eixos e capacidades de carga. Adaptáveis a qualquer serviço. Cabinas avançada ou normal, basculante e fixa, mas sempre excepcionalmente confortáveis e luxuosas.
Ou considerem as famosas Transit. As únicas comerciais 100%.
Para carga ou passageiros, a gasolina ou Diesel, de roda simples ou dupla, as Transit são os veículos mais versáteis do mercado.
Não precisa de querer uma grande máquina de fazer dinheiro. Com Ford, basta querer fazer dinheiro.



Ford à frente

Ford

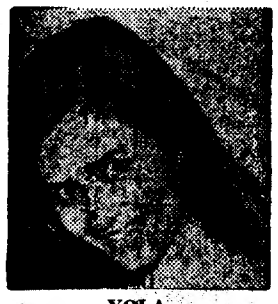
À sua disposição nos Concessionários Ford

VASCO MORGADO APRESENTA

TEATRO VILLARET (ADULTOS)

HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS

9.º MÊS DE GARGALHADAS



YOLA
é a escultural secretária do sr. Baguinha na comédia

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO

MÁRIA PAULA, FERNANDA BORSATTI, YOLA, MARIA LAURENT, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES

«O VISON VOADOR»

É O FIM DA GARGALHADA

(e está prestes a aterrar...)

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª

RUA DO CARMO

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
Sábados e domingos também às 16 horas

SÁBADO, ÀS 16 H. TARDE POPULAR

com a mesma tabela das noites de quinta-feira

BALCÃO: 10$, 15$ e 30$00
FLATEIA: 30$00 e 50$00

Os jovens dos 17 aos 24 anos têm, nas tardes de sábado e nos 2 espectáculos de domingo, 50 % de desconto nas normas habituais

ÚLTIMOS DIAS

DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA de EÇA DE QUEIROZ

AR REFRIGERADO
M/ 17 anos

DOM PEPE

encerra às 2.as-feiras

HOJE — HOJE — HOJE

NA

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O SÉCULO»

A SEMPRE DESEJADA E TRADICIONAL

NOITE DO MILIONÁRIO

5.000 — BRINDES — 5.000

ÀS PRIMEIRAS 5000 PESSOAS QUE ADQUIRAM BILHETE DE ENTRADA NA FEIRA

— Uma nota de 1000$00, que fará o milionário da noite
— Milhares de entradas e viagens nos divertimentos
— Centenas de furos nas caixas de chocolates e bolachas das melhores marcas representadas na Feira
— Provas de bons e categorizados vinhos, etc., etc.

AS 23,30 HORAS, SORTEIO DE 5 ÓPTIMOS PRÉMIOS

— DUAS PANELAS DE PRESSÃO «PRESTO»
— UMA MÁQUINA DE BARBEAR «PHILISHAVE»
— DUAS MÁQUINAS DE PICAR CARNE

☆ DIVIRTA-SE NA FEIRA E GANHE PRÉMIOS ☆

ENTRADA 2 ESCUDOS — ABERTURA ÀS 19 HORAS

CAMPEONATO MUNDIAL DOS CABELEIREIROS NA ALEMANHA

VIAGEM ESPECIAL A STUTTGART

DE 10 A 16 DE SETEMBRO

Passagem aérea, estadia em hotel em meia pensão, transportes e excursões de autocarro incluídos desde 7.000$00

(Possibilidades de visitar Luxemburgo e Paris *)

UMA REALIZAÇÃO DE

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47 A TELEF. 560171

CONSULTE-NOS

* única viagem organizada. Prazo das inscrições até 28 de Agosto.

FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 12 MESES

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ora diga-nos...

Tem o hábito de dizer «pá»?

O leitor, pá, se calhar, pá, costuma, pá, dizer poucas vezes, «pá». E contudo o «pá» está mesmo enraizado no falar, pá...

● *Tenho* — disse o sr. José Alves Trindade, empregado de Livraria. — *é um hábito que está já na forma de falar...*

● *Com as pessoas conhecidas, costumo dizer «pá». É uma questão de se ter certa confiança. Torna-se normal...* — declarou o sr. Vítor Manuel, empregado de livraria.

● *Trinta mil vezes por minuto digo «pá». Sabe, pá é um velho hábito, pá, da escola, pá...* — disse, pá (perdão, mas pega-se, pá) disse o sr. Hipólito Clemente, comerciante.

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

CONSULTE AS CASAS DA ESPECIALIDADE OU AS

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

Adelino & Lopes, Lda.

(ARMAZENISTAS DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS)

8, LARGO DA TRINDADE, 9

Telefs. 32 12 60 e 32 28 28 — LISBOA

Comunicam a todos os seus estimados Clientes, Amigos e Fornecedores, que por motivo de Férias, as suas instalações estarão encerradas totalmente de 7 a 26 de Setembro p. f.

2.ª MARCHA DE CAMARADAGEM

Para comemorar o 20.º aniversário da realização da 2.ª Marcha de Camaradagem da Mocidade Portuguesa a Espanha e a Marrocos, está marcada para a próxima terça-feira, ás 18 horas, uma reunião preparatória dos seus 182 componentes, na Liga dos Antigos Graduados da M. P., no Palácio da Independência.

Presidirá á reunião o sr. general Raul Pereira de Castro, que foi o organizador e director da marcha.

Necrologia

FALECIMENTOS

Coronel Henrique José Xavier Martins de Figueiredo

Na sua casa de Santa Marta de Portuzelo onde, como habitualmente, se encontrava a passar a época de Verão, faleceu no passado dia 20 o coronel de Artilharia, na situação de reforma, Henrique José Xavier Martins de Figueiredo que tinha 74 anos de idade. Por sua expressa vontade, só agora foi dada notícia do falecimento.

Tendo feito quase toda a sua carreira de oficial subalterno no Regimento de Artilharia n.º 5, ao tempo aquartelado em Viana do Castelo, o coronel Martins de Figueiredo exerceu, depois, diversos postos de comando, nomeadamente no Grupo de Defesa Antiaérea de Lisboa e em Ponta Delgada.

Casado com a sr.ª D. Ilda Santiago Maciel da Costa Figueiredo o extinto era pai da sr.ª D. Ilda Maria Maciel de Figueiredo Contreiras Lopes, casada com o sr. dr. Francisco Contreiras Lopes, e avô da menina Teresa Maria Figueiredo Contreiras Lopes, irmão do sr. Alberto Xavier Martins de Figueiredo, já falecido, da sr.ª D. Maria Alice Martins de Figueiredo Brochado Brandão, também já falecida, casada com o juiz-conselheiro sr. dr. Aquiles Brochado Brandão, e da sr.ª D. Fernanda Martins de Figueiredo Alçada, viuva do sr. dr. António Alçada.

Era também cunhado do jornalista Artur Maciel, casado com a sr.ª D. Célia de Aguilhar Maciel, e da sr.ª D. Maria Amélia Santiago Maciel da Costa da Cunha Viana, casada com o coronel de Cavalaria António da Cunha Viana.

O funeral realizou-se no dia 22, ficando o corpo inumado em jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

FUNERAIS

Eurico de Aguiar Cruz

Faleceu o sr. Eurico de Aguiar Cruz, de 73 anos, natural de Leiria, viuvo, primeiro-oficial dos C. T. T. aposentado, pai da sr.ª D. Elmana Lara Reis de Aguiar Cruz e Sousa, casada com o sr. dr. António de Sousa.

O seu funeral, a cargo da CASA A G. MAGNO, LDA., da Avenida Almirante Reis, realizou-se ao fim da manhã, da Avenida de Roma, 9, 1.º-frente, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	506$
Consolidado 3%	—	—	516$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 1.ª Série C	—	700$	—
Externo 3.ª Série	—	750$	760$
Externo 3.ª Série C	—	780$	815$
Cautelas 3 Série	—	130$	140$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	480$	—
A P T 5% 56	860$	860$	870$
A P T 5% 58	—	850$	—
C P 4 1/2% 65	—	—	950$
C P 5 1/2% 67	905$	900$	—
C U F 6%	880$	—	890$
C U F 6% 68	—	800$	—
Gás Elect 4% 48	—	840$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	875$
Gás Elect 5% 52	—	—	790$
Gás Elect 5% 58	—	—	790$
Gás Elect 5% 59	—	940$	—
Gás Elect 5% 62	—	935$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	940$	—
Gás Elect 5% 67	751$	750$	—
H E A Alentejo 5%	—	750$	—
H Cávado 5%	—	905$	—
H E Cávado 6%	—	750$	760$
H E Douro 5%	905$	900$	910$
H E Douro 6%	—	860$	—
H E Norte Port 5%	—	935$	—
H E S Estrela 6%	—	805$	—
Lisnave 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	905$	900$	920$
H E Zêzere 5% 57	800$	800$	—
Metropolitano 4%	—	925$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	710$	—
Moçambique 5%	—	—	790$
Nac Elect 5%	—	—	770$
Nitratos 5%	—	770$	—
Nitratos 5% 60	—	850$	850$
Petroquímica 5%	—	—	900$
Port Celul 5%	—	935$	—
Sacor 5% 54	—	—	870$
Sacor 5% 60	—	730$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	830$	835$
Sonete 5%	—	—	900$
T A P 4%	750$	740$	460$
Termoelect Port 5%	—	85$	—
U E P 3 3/4%	—	86$	90$
U E P 4%	—	91$	—
U E P 1/2%	—	78$	80$
U E P 5%	—	—	750$
U E P 5% 60	—	820$	830$

Ultramarinos	Efec.	Compro	Vendo
Buz	—	83$	86$
Cabinda	—	213$	—
Diamantes Angola	2.440$	2.400$	2.440$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	195$	194$	196$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	440$	488$	445$
Zambézia	81$	805$	81$
Diversos			
Cidla	—	6.500$	6.700$
Cim Leiria	—	4.000$	4.400$
Cim Tejo	—	6.500$	—
Col Navegação	—	1.430$	1.480$
C U F	—	1.480$	1.530$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	3.700$	3.650$	3.700$
Petroquímica	1.780$	1.770$	1.790$
Port e Colónias	—	1.350$	1.450$
Port Celulose	—	4.020$	4.100$
Port Pesca	1.040$	1.030$	1.050$
Port Tabacos	722$	720$	724$
Sacor	4.620$	4.600$	4.640$
Siderurgia Nac	—	2.240$	2.280$
Sor e	3.165$	3.150$	3.165$
Tabacos de Portugal	—	1.700$	1.780$
Tabaqueira	—	6.840$	6.900$
U F Azoto	775$	772$	780$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	400$	405$
Aguas Lisboa 34	401$	400$	401$
Aguas Lisboa 36	391$	390$	392$
C P Electricidade	1.201$	1.201$	1.202$
C P Electricidade nom	—	1.170$	1.175$
C P Electricidade 969	—	1.770$	1.790$
Elect Beiras	423$5	428$	424$
Gás Elect	1.935$	193$	194$
H E Alto Alentejo	—	—	—
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	272$	280$
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	185$5	185$	186$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	196$1	202$
F I D E S	—	121$8	125$5

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7

Teleg: ALMEIRO — Telex 1471, ALBAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.380$	2.320$	2.340$
Alentejo	1.220$	1.215$	1.225$
Angola	3.600$	3.590$	—
Burnay	20.000$	—	20.100$
Créd Predial	—	8.900$	9.100$
E. Santo	20.800$	20.800$	21.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	20.000$	—	20.100$
Fomento	—	2.440$	—
L & Açores p.	6.830$	6.790$	6.840$
L & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.400$	5.400$	5.420$
Portugal n.	—	3.200$	3.260$
Portugal p.	3.800$	3.800$	3.810$
Totta Aliança	5.870$	5.850$	5.900$
Ultramarino n.	3.470$	3.460$	3.480$
Ultramarino p	3.850$	3.850$	3.960$
Seguros			
Alentejo	—	145$	148$
Douro	—	1.700$	—
Mundial	960$	955$	965$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	770$	—
Ag Cosequel	—	650$	655$
Ag Incomati	—	—	2.000$
Ag Neves	—	—	460$
Ag S Tomé e Príncipe	—	275$	285$
Boror	—	120$	125$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Set. 68 = 100)

	21/8/70	27/8/70	28/8/70
GERAL	149,3	149,3	148,9
METROPOL.	142,3	142,0	141,6
ULTRAM.	200,5	203,2	202,5

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rand	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
—Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
—Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$00	8$00
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$55	$58
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$50	28$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,3	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	265$00	285$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

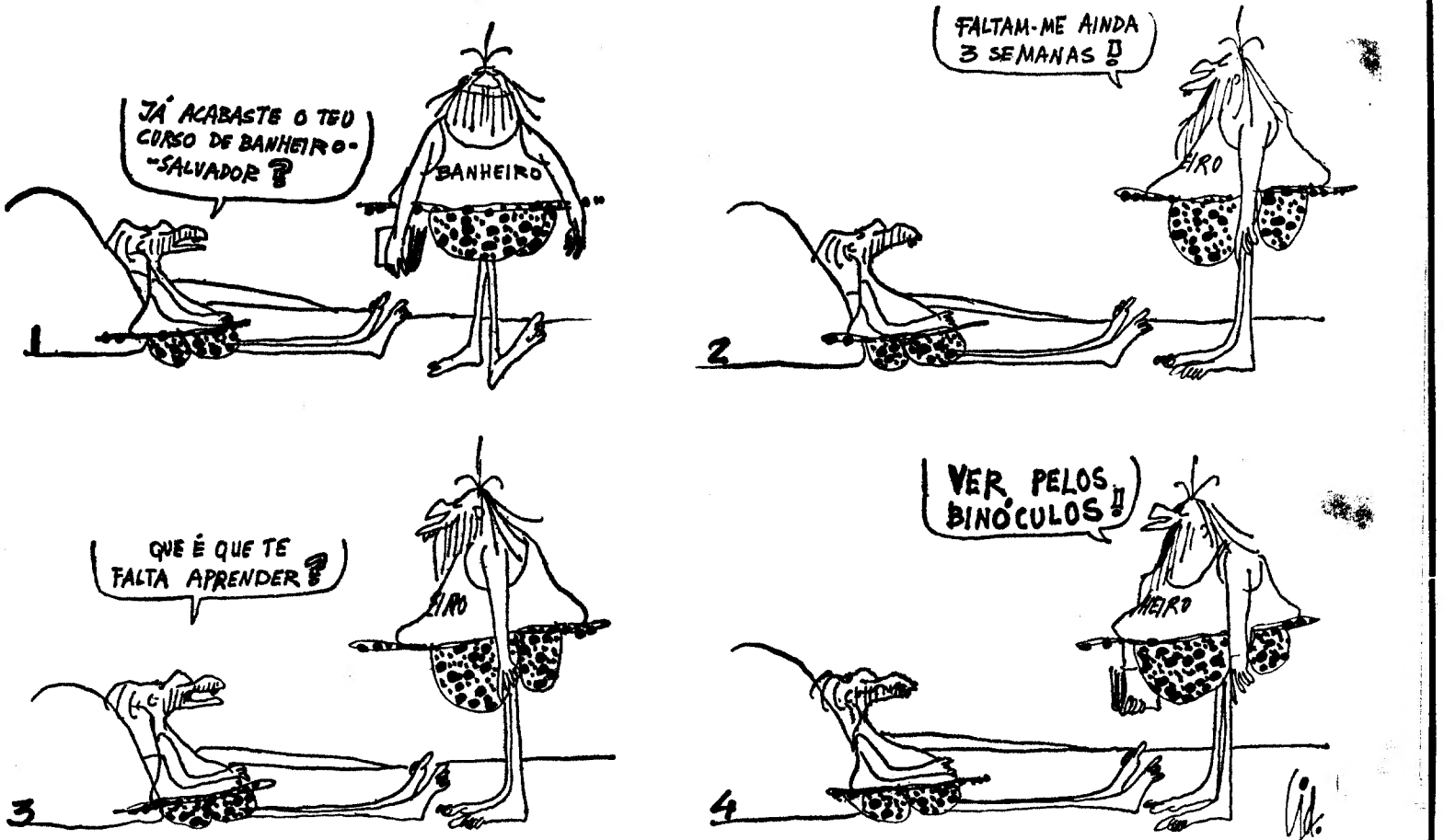
Detido o peixeiro que fez fogo sobre um casal em Setúbal

Na sala de observações do Hospital de S. José continua internada em perigo de vida a sr.ª D. Leónia Ludgera Sacramento Pires, de 42 anos, operária, que anteontem quando se encontrava á porta da residência, no Bairro da Trindade, em Setubal, em companhia do calceteiro Eduardo Ramos dos Santos, de 40 anos, foi alvejada com um tiro de arma caçadeira pelo cunhado deste, António Fernandes Carapeta, peixeiro, morador na mesma cidade.

Entre os três tinha havido uma desavença familiar e os dois homens chegaram mesmo a agredir-se mútuamente. Quando tudo parecia ter voltado à normalidade, porém, o peixeiro, munido de arma caçadeira, procurou o casal e fez fogo por duas vezes sobre ambos. A sr.ª D. Leónia foi atingida no torax e Eduardo Santos num braço. Foram ambos conduzidos ao Hospital de S. José, onde o calceteiro, depois de operado, recolheu à enfermaria livre de perigo.

A P. S. P. de Setúbal, que tomou conta da ocorrência, deteve já o agressor.

koko



EXITO

Apenas o essencial !

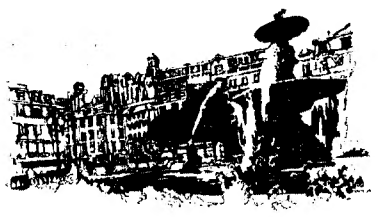
Não se preocupe mais com o dinheiro. Todas as suas contas se reduzem a uma única conta.

A sua imaginação não vai encontrar limites se utilizar:

o novo dinheiro

o seu cartão SOTTOMAYOR compra quase tudo!...

Agora com o seu cartão SOTTOMAYOR você também tem crédito no Porto e no Algarve



LISBOA DEBAIXO DE CHUVA

CHOVER EM AGOSTO NÃO É TÃO RARO COMO SE JULGA

Chuva em Agosto é fenómeno que surpreende as pessoas.

— Isto não é Verão, não é nada!

Está estabelecido — seria melhor dizer está convencionado — que o mês de Agosto é Verão por excelência, é calor, é tempo de praias, é temporada de mangas arregaçadas, colarinhos desapertados e vestidinhos finos mais ou menos transparentes.

— Mas este ano... Sim, este ano chove, o que não é vulgar suceder!

E parte-se do princípio ser este Agosto um desmancha-prazeres, uma aberração meteorológica.

— A chover em Agosto. Parece impossível!

Esta madrugada começaram a cair sobre Lisboa ténues gotas de chuva, cuja intensidade foi aumentando. No Porto a chuva foi muito intensa, acompanhada de grande trovoada, tendo, inclusivamente, um raio provocado prejuízos materiais num prédio da típica Rua dos Caldeireiros. Como consequência disso houve algumas interrupções da luz eléctrica, facto que também se verificou nalgumas zonas da capital.

Invernia em pleno Agosto é, portanto, para o comum das pessoas, anormalidade de espanto. E, contudo, as realidades não correspondem ás ideias assentes, que todos tomam como verdades indesmentíveis.

Bastará dizer, para começar a espevitar a memória, que o ano passado, no período final de Agosto, também choveu.

Só em Faro se pode dizer que não chove em Agosto

Tomemos, pois, como regra, que em Agosto sempre chove alguma coisa... Tomando por base dados fornecidos pelo Serviço Meteorológico Nacional, podemos informar os nossos leitores que, nos últimos trinta anos, o valor médio da precipitação pluviométrica em Agosto foi, em Lisboa, de 4 milímetros: no Porto, de 26; em Coimbra de 18 e em Faro de 0,4. O valor máximo foi, em Lisboa, 24; no Porto, 35; em Coimbra, 36; e em Faro, 5 milímetros.

Estes numeros dar-nos-ão uma ideia se tomarmos como valor máximo de um dia de chuva no Inverno (em Lisboa) entre 60 a 70 milímetros.

Para termos, porém, uma ideia mais concreta do problema, podemos considerar outro aspecto: o numero de dias em que costuma chover nos meses de Agosto.

O numero médio de dias de chuva em Agosto, tomando como base os ultimos trinta anos, é de 6, no Porto; de 5, em Coimbra, e de 2, em Lisboa. Só em Faro não chega a chover um dia de Agosto, em cada ano.

Um mês normal

Por tudo isto, chover em Agosto não é nada de estranho. Aliás, ao fim da manhã, já voltamos a ter o bem conhecido e cantado Sol de Agosto. A chuva foi «sol de pouca dura», isto é, breve.

Se tomarmos o ponto de vista da temperatura, o Agosto que vai correndo para o fim também se não tem afastado dos valores habituais: 18° a 22°, com valores máximos entre 26° a 27°. Isto em Lisboa.

Inverno em Agosto? Não. Uma chuvinha normal, que logo passou.

Nada de preconceitos. O Agosto que decorre (e corre para Setembro), tem sido um Agosto normal. Um mês que tem cumprido a sua obrigação...

Imagem invernosa de um dia de Verão. Mas a chuva de Agosto é como o Sol de Inverno: de pouca duração

O GENERAL BRAY DEIXOU LISBOA A CAMINHO DOS E. U. A.

Deixou esta manhã o nosso País, com destino aos Estados Unidos e Canadá, o general Robert Bray que visitou o nosso País a fim de apresentar cumprimento de despedida ás autoridades portuguesas por ir abandonar as funções de segundo comandante das Forças Aliadas na Europa.

O general Bray vai para os Estados Unidos e Canadá a fim de apresentar também cumprimentos de despedida.

Em Lisboa avistou-se com diversas autoridades militares, em particular com o sr. ministro da Defesa. E a despedir-se estiveram altas patentes do Exército, tendo-se o general Bray mosrado encantado com a recepção que lhe foi feita no nosso País.

Auxílio a diminuídos

Regressou de Haia, onde foi participar na assembleia geral da Ligue International des Associations d'Aide aux Handicapés Mentaux, a delegação da Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais constituída pela secretária D. Maria da Graça Simões Ferreira, e pelos clínicos dr.ª Maria Agueda Bárcia, dr. Luís Ré, dr. Simões Ferreira e arquitecto Vasconcelos Esteves.

CURSOS EM LISBOA PARA PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

De 1 a 25 do próximo mês, estão abertas as inscrições no Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, com vista ao ano lectivo de 1970/71.

Ali vão funcionar os seguintes cursos: Básico, Legislação do Trabalho e Previdência Social, Contribuições e Impostos, Arquivologia, Estenografia em Português, Operador de Mecanografia (cartões perfurados), Operador de Máquinas de Contabilidade (teclas), Contabilidade (teclas) Contabilidade, Correspondente, Gestão Económica e Financeiras de Empresas.

O curso básico destina-se aos alunos cujas habilitações de base não lhes permitam ingressar, directamente, nos demais cursos.

BANCO DO ALENTEJO

Foi autorizado, por disposição do sr. secretário de Estado do Tesouro, o Banco do Alentejo, S. A. R. L., com sede em Évora, a alterar os seus estatutos, de harmonia com o que consta do processo arquivado na Inspecção-Geral de Crédito e Seguros.

EXPOSIÇÕES NA CIDADE

Obras de Ângelo Schepis

O brasileiro Angelo Schepis recebe no dia 1 de Setembro, ás 10 da manhã, numa das salas do Palácio Foz, a imprensa especializada para a sessão de pré-inauguração da exposição de suas obras, que se realiza a convite da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e sob o patrocínio da Embaixada do Brasil. Na ocasião Schepis pronunciará uma palestra sobre a técnica da pintura em mosaico acrílico.

Esmaltes de Quina

Continua patente ao publico, na Junta de Turismo da Costa do Sol, a exposição de esmaltes de Quina. A exposição está aberta todos os dias das 10 ás 22 horas.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. I.

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

Solar do Minho
Rua do Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
FADOS — FOLCLORE
Jantar COMPLETO
50$00 por pessoa
M/ 17 anos

RESTAURANTE
TATU
Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

TONY DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
SEGUNDA-FEIRA
DOBRADA À TONI
ENCERRADO AOS DOMINGOS DURANTE OS MESES DE AGOSTO E SETEMBRO

O mais típico restaurante do Algarve é
A Toca do Caracol
em ALCANTARILHA
(a 2 km de Armação de Pêra)
— Cozinha regional —

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

JOAQUIM PIMENTEL

que completou 30 anos de rádio no Brasil, vem a Lisboa em breve

Joaquim Pimentel, o poeta das noites fadistas do Rio de Janeiro, compositor de êxitos populares (do seu fado «Só nós dois» venderam-se, no Brasil, cerca de quinhentos mil discos), completou recentemente trinta anos, de actividade radiofónica, sendo o decano dos produtores de Rádio Vera Cruz. Assinalando o acontecimento, Joaquim Pimentel alugou aquela emissora durante um dia, e ao longo de dezoito horas consecutivas de programa transmitiu apenas música portuguesa, facto (inédito no Brasil) que a imprensa local salientou com comentários enaltecedores do esforço desenvolvido.

O incansável lutador que, com o maior entusiasmo, difunde e prestigia a musica portuguesa, afirmou na emissão: **«Espero viver ainda bastante para nesta terra lutar pelo meu país com as armas que disponho: as minhas e as vossas cantigas».** Dirigia-se, especialmente, aos compositores portugueses radicados no Brasil, mas o mesmo repetiu referindo-se a todos os autores prtugueses que têm em Joaquim Pimentel valioso elemento de promoção.

Joaquim Pimentel foi condecorado o ano passado com a Ordem do Infante pelos notáveis serviços prestados á difusão da musica portuguesa no Brasil. Partiu já do Rio de Janeiro para uma curta estadia nos Estados Unidos, após o que virá até Lisboa, onde deverá chegar nos primeiros dias de Setembro próximo.

Reabriu a «GUITARRA DE ALFAMA»

Reabriu a «Guitarra de Alfama», restaurante típico agora completamente remodelado e que conta com um elenco onde se integram Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório, Ildefonso Frade (guitarra) e Victor Lourenço (viola).

PAULO JORGE

DIGRESSÃO A ÁFRICA

Depois de cumprir os contratos que determinam as suas actuações em espectáculos de província, Paulo Jorge projecta uma digressão por Angola e Moçambique. Entretanto, gravou mais um disco (o quarto para a etiqueta «A voz do dono»), onde incluiu quatro canções da dupla Ferrer Trindade-António José, São elas: «Maré cheia», «Se há outras mais», Entre o silêncio da noite» e «Praia selvagem». Numa rubrica gravada já para a TV apresentará estes numeros, antes do disco ser posto á venda, o que se prevê para a segunda quinzena de Setembro próximo.

NUNO de AGUIAR

no «Lar Português»

NUNO DE AGUIAR

Nuno de Aguiar pertence agora ao elenco do «Lar Português» dirigido por José Borges. Ali apresenta as suas interpretações e «roda» um novo numero: «Olarilolé», para que se vaticina êxito semelhante ao conseguido pelo «Bairro Alto» (de que foi criador). O numero foi já gravado (para a «Estudio») e incluido num disco a pôr á venda dentro de semanas.

Todos os leitores do «Diário de Lisboa» podem participar na nossa iniciativa, divertindo-se sem gastar dinheiro. Jantar num restaurante típico ou divertir-se numa «boite», ouvir o fado e dançar, já não significa despesa. Basta coleccionar os cupões que publicamos de segunda-feira a sábado juntar-lhes os boletins de identificação (que também publicamos ao sábado e devem ser preenchidos com letra bem legível), remetendo-os para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185, 1.º Nada mais é necessário para ficar habilitado a um dos sorteios semanais que lhes vão permitir frequentar um dos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Termina amanhã a recepção da 14.ª colecção de cupões que habilitará os concorrentes ao sorteio da próxima segunda-feira.

* aceite o nosso CONVITE *

SEM GASTAR DINHEIRO: UM SABOROSO PRÉMIO

15.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 28 de Agosto de 1970

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef 868209**

TAVERNA DO EMBUCADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Melo-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mn. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

MARCIA CONDESSA

cantam: **Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria.** Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. do Alegria, 58 ✲ Telef 867093 ✲ Encerra á segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Carlos Zel e Emílio dos Santos. Tocam: António Parreira e José Inácio ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef 661915 ✲ Cons. mín 50$00**

SOLAR DO MINHO

cantam. Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: **Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ Rua de Vigário, 60 ✲ Telef. 866811.**

FOLCLORE

elenco. Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e «Os 3 de Portugal». Corpo de baile constituído por 9 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telefs. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Tric Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655 - 67341**

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam. Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarra), Fernando Alvim (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefs. 362889 - - 328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telefone 868552.**

VIELA

cantam: **Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Junior ✲ Tocam: Domingos Camarinho e Joaquim do Vale ✲ Cons. mín. 50$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Telef. 327256.**

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Arminda da Conceição, Tina Santos, Filipe Duarte e Celeste Maria. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef 35593.**

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Dina Cardoso, Armando Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás Terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 66 98 57 ✲ Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vileta, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Melodia. Fandango pelo Grupo de Vila Famca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: Ildefonso Fraide e Victor Lourenço. Encerra ao domingo. ✲ **Cons. mín. 35$00. Largo do Pereiro, 7 (Alfama) ✲ Telef. 868505.**

RESTAURANTES, BARES — «BOÏTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusta de Aguiar, 3-A Telef 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D ✲ T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria 58 ✲ Telef 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

SANZALA

Av Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3.30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 ✲ Telef. 84700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A ✲ Telef ✲ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✲ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✲ Tel. 872761. 6-D.

FLÔR DE LIS

Bar M/17. **Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

TAGIDE

Variedades internacionais ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal na seu novo repertório ✲ **Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ Rua Carlos Reis. 51-A ✲ Telef 775695.**

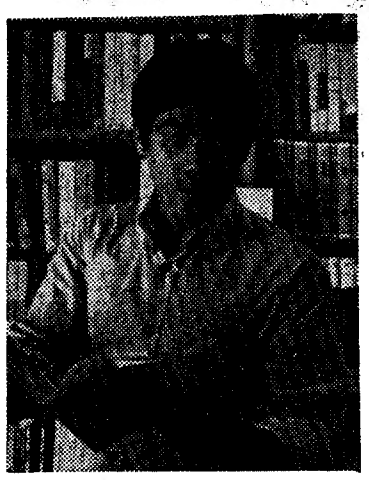
CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ Telefs.: 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

FORTE VELHO

Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337

Livros em Féri

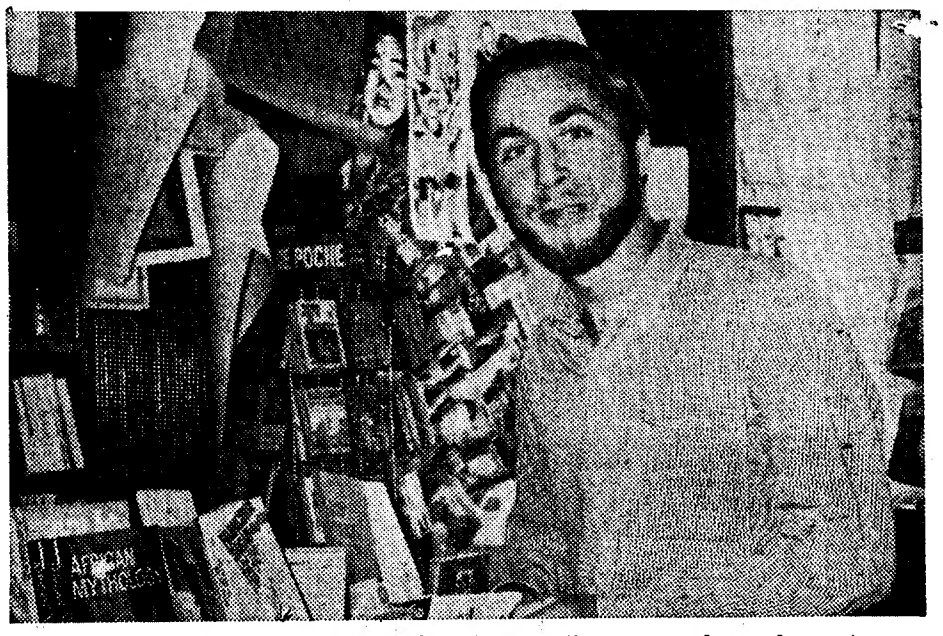


Na Av. de Roma: «A noite o movimento continua a ser grande porque a malta que sai do emprego aqui vem desaguar

A evolução urbana está longe de ter terminado em Lisboa. E quando é que finda a evolução de un qualquer organismo vivo, os agregados urbanos que não tenham perdido a capacidade renovadora e que se denados, portanto, á morte por inanição, jamais deixam de evoluir.

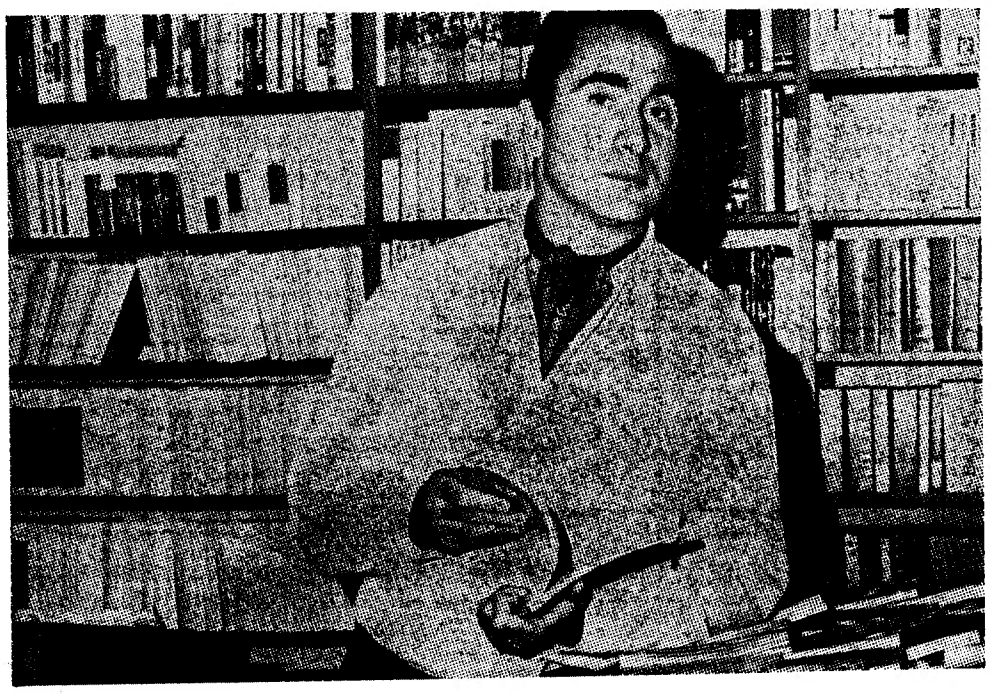
E a Lisboa de hoje, que rompeu todas as barreiras entre o nucleo citadino e os concelhos limítrofes da Lisboa que nos habituámos a considerar nas literaturas, aconchegada entre os Restauradores e o L e só raras vezes subindo a Avenida. Não é a Lisboa de hoje essa senhora embiocada que receava ir a Ca ou dar uma volta no Campo Grande. Não é. Os bairros tomaram personalidade e é ver os raros cafés da Baixa inteiramente vazios a certas horas do dia, á noite, ou em certas épocas do ano. Por outro lado é ver como até os centros de cavaco se foram deslocando para Belém, para junto da Cidade Universitária, para Campo de Ourique ou Alvalade. E a vida de Lisboa não é uniforme, queremos dizer que as reacções dos bairros são ás vezes bem diferentes das do actor pombalino.

Vamos ver como as livrarias de bairro reagem aos calores estivais, de forma diversa daquela que encontramos na alma alfacinha.



Em Campo de Ourique, na Livraria Ler: Aqui continuamos a vir regularmente

MAIS ANIMAÇÃO E FREQUÊNCIA NA PERIFERIA DA CIDADE



Manuel de Brito: os estudantes portugueses são substituídos pelos estrangeiros dos cursos de férias, neste meses de Verão

CLIENTELA ESTRANGEIRA

Há poucos anos que no Campo Grande, esquina para a Rua de Malpique, o sr. Manuel de Brito fundou a sua livraria, ele que com os livros tratou desde miúdo. Tratam-se por tu ele, o papel impresso e as obras de arte.

Arrojo? Sim, arrojo o fundar uma livraria fora da Baixa e das grandes avenidas; mas com a Cidade Universitária ali á beirinha, com a Biblioteca Nacional um pouco abaixo e vizinhando o grande estabelecimento de ensino que é o Colégio Moderno, não haveria lugar para uma livraria? E houve para mais do que uma. Singular, porém, é a Livraria 111, com sua galeria de arte que ainda agora tem a notável exposição de Vieira da Silva.

Bem, mas isso são questões á margem. O que interessa saber, neste momento, é como reagem os frequentadores de livreiros no Campo Grande aos calores estivais.

Diz-nos o sr. Manuel de Brito:

— A diferença entre esta livraria e as da Baixa é muito grande. A nós marca-nos a vizinhança da Cidade Universitária. Naturalmente que indo-se embora os estudantes, para férias, se nos vai embora a maior parte da nossa clientela habitual.

Dissémos clientela habitual. É que se vão embora os portugueses, mas vêm-nos aqueles clientes estrangeiros que se matriculam nos cursos de férias da Universidade. Por isso como que se transferem os interesses culturais dos portugueses para os estrangeiros das mais variadas nacionalidades. Sobretudo temos, ao começar o Verão, de nos reabastecer de textos portugueses citados lá fora...

— E quanto á sua galeria anexa?

— Também aí a evolução é nítida. Vão-se embora quase todos os frequentadores habituais. Note-se todavia que, entre os frequentadores, há os espectadores, meramente visitantes, e os coleccionadores, possivelmente adquirentes. Estes que vêm de toda a parte, nunca deixam de aparecer, nem de Verão nem de Inverno.

EM CAMPO DE OURIQUE

Junto áquele largo da Parada de Campo de Ourique, onde a Maria da Fonte de foice roçadoura ao ombro e a pistola firme na mão direita parece arremeter contra todas as prepotências, abriu há meses a Livraria Ler. Iniciativa larga do sr. Luís Alves Dias, nesse bairro que, depois de ter perdido o aspecto provinciano que o caracterizava, se está a transformar em autêntica urbe.

Ali as férias começam pelo proprietário da Livraria, mas lá está o jovem e esclarecido João Camacho a tomar conta da casa e a dizer-nos:

— Aqui, a não ser nas horas de calor intenso, continuamos a vender regularmente. Verdade seja que, por exemplo, o livro de estudo quase não tem procura; e compreende-se porquê. Mas, por outro lado, tudo quanto seja poesia, ciências políticas, problemas sociais, continua a ter os mesmos compradores.

— E quanto aos frequentadores?

— Muitos jovens que querem é ler. E não tanto a ficção. O livro de tendência social, que não seja caro, tem venda assegurada.

Outra faceta das livrarias da periferia da cidade:

— Normalmente depois das 19 horas vende-

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

cial
CENTRO DE LINGUAS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

DINFER
R. D. Duarte
Trav. Nova S. Domingos
6 pisos
(com elevador)
ALTA qualidade a baixos preços
Informamos os nossos prezados Clientes que estamos já apresentando os nossos preços de fim de estação.

A «TALUDA» NÃO É A ÚN

Anunciam as tubas da propaganda uma grande lotaria para sexta-feira. Ora bem. Não sabemos se a Misericórdia de Lisboa terá procedido a algum inquérito que lhe dê a conhecer qual a percentagem dos compradores de lotarias que arriscam o seu dinheiro tendo em mira, unicamente, ganhar a sorte grande. Alguns haverá, com certeza, mas quere-nos parecer que, na sua grande maioria, os que correm atrás da fortuna fácil e altissonante não desprezam — muito pelo contrário... — aqueles simpáticos prémios de quantias mais modestas e compensadoras, que lhes permitam prelibar os acasos da sorte e, ao mesmo tempo, continuarem na corrida dos milhões, sem terem que — todas as semanas — alargar os cordões á bolsa. Este, é o nosso parecer e, quanto sabemos,

ias

e uma cidade? Como ue se não sintam con-

rofes, está bem longe o Largo de Camões a Campo de Ourique

mos menos; mas ainda então se vende. É que, ao cair da tarde, temos a clientela dos empregados que saem dos empregos quase á hora de jantar. E é a altura também dos novos dos 18 aos 22 anos.

A livraria fecha ás 22 horas.

«MOVIMENTO À NOITE»

É uma das vias tentaculares de Lisboa aquela Avenida de Roma, talhada já estreita para o seu movimento e agora a ser esventrada para lhe meterem o metropolitano.

É das artérias de mais movimento. Não é de admirar portanto que papelarias, livrarias, tabacarias, cafés e restaurantes ali se instalem. A Livraria Barata abriu timidamente, no segundo quarteirão da avenida, mas tornou-se um dos centros de encontro de estudantes e professores. Camada jovem da área, com liceus ali nas redondezas e não longe o Técnico e o Campo Grande da Universidade.

Não está o proprietário, mas ao balcão para os escaparates movimenta-se o sr. Vítor Manuel:

— Livros de estudo quase não vendemos agora. Também está a vir menos gente do que em Maio e Junho. É natural porque muitos estão em férias.

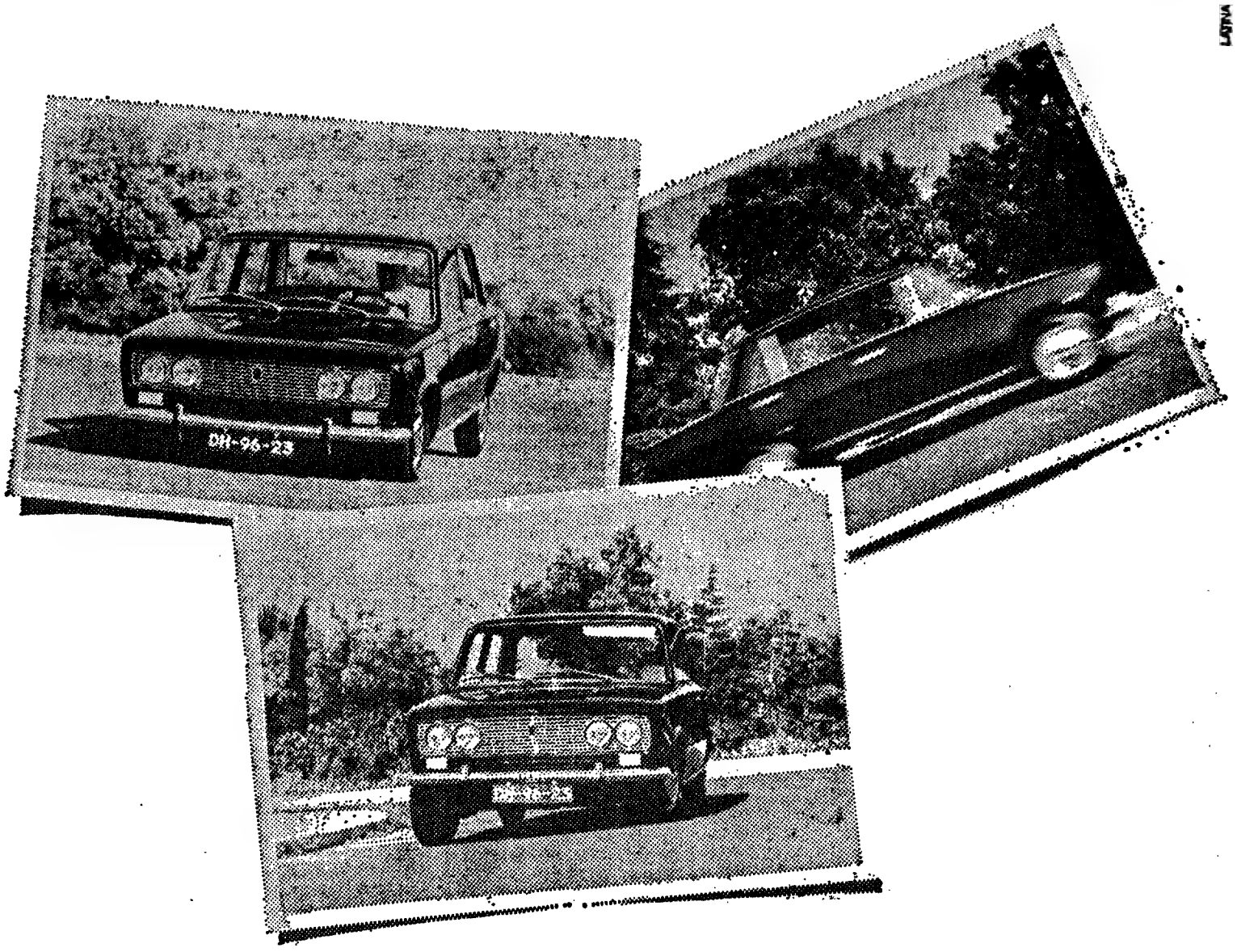
— E nas horas do fim do dia?

— À noite, vendemos sempre. O movimento continua a ser grande porque a malta que sai do emprego aqui vem desaguar, ver livros, revistas.

— Livros de mais procura nos últimos dias?

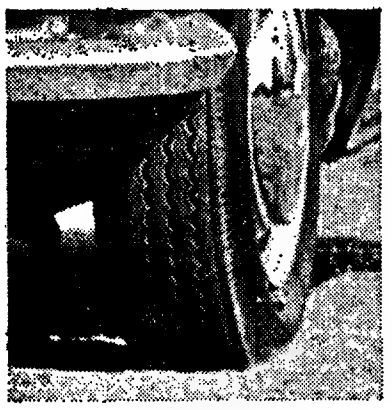
— Olhe! Estes, por exemplo: «A Escravatura Sexual», de Stephen Barlay, e «É preciso nascer de novo», de J. Felicidade Alves.

E lá teve de ir atender o cliente que no balcão tomava poiso com dois volumes retirados das prateleiras.



É ESTE O PNEU INDICADO
PARA O SEU CARRO?

Sim, se o fabricante recomendar pneus convencionais. Porque Dura Jet é, no seu tipo, o pneu de segurança comprovada em milhões de quilómetros. E com a construção mais adequada às nossas estradas. Para as quais foi cuidadosamente estudado e ensaiado.



Repare no seu largo piso prolongado até aos ombros. Nos seus milhares de ranhuras e lamelas. Garantias de aderência total em curvas e travagens. Tenha cuidado com os pneus que usa no seu carro. Não sujeite a sua segurança e a de sua família a «modas».

DURA-JET

o pneu *convencional* de segurança comprovada

MABOR

OPINIÃO UNÂNIME
ÚNICA AMBIÇÃO PARA QUEM COMPRA LOTARIA

também o vosso, caro leitor. E bem acompanhados estamos pois verificamos que os responsáveis pela administração da Lotaria Nacional chegaram ás mesmíssimas conclusões. Efectivamente, acentua-se nos últimos tempos a orientação de criar novas modalidades de prémios e contemplar maior número de compradores. Este comentário visa, precisamente, o que sabemos irá acontecer no sorteio da chamada Lotaria das Vindimas, em que passam também a ser premiados todos os numeros que tenham três ou dois algarismos finais idênticos quer aos da sorte grande, quer aos do 2.º ou, ainda, do 3.º prémios. Tão louvável iniciativa permite, do pé para a mão, fazer com que sejam premiados os portadores de mais 26 280 cautelas. Apesar do que, este ano, a «taluda» será de 8000 contos.

Fomos informados de que já no próximo mês de Outubro se irá realizar um sorteio extraordinário em que, além da referida modalidade de prémios aos algarismos finais, será criado, ainda, um tipo de prémios de características revolucionárias nas lotarias portuguesas. Enfim, democráticamente, todos parece havermos acertado o passo na miragem do caminho da fortuna. Não estará aqui a resposta ao facto de se ter verificado que, ultimamente, as emissões se vêm esgotando com grande antecedência?

E a todos nós e igualmente, também, os 8 milhões da «taluda» de sexta-feira continuam a acenar a sua aliciante promessa. Mas a quem não tiver tido palpite de milionário, restam, desta feita, muitas outras possibilidades.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

mini lanche
CHOCOLATES TAGIDES

OURO E PRATA
COMPRA E VENDE
AOS MELHORES PREÇOS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — Tel. 324564
LISBOA

FEIRA DO ARTESANATO
CASCAIS
TODOS OS DIAS
das 16 h à 1 da madrugada
Organização da Junta de Turismo da Costa do Sol

JULIA BABO

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

YÔ-YÔ: MORRER, SIM... MAS DEVAGAR

Após prolongada ausência dos «écrans» anuncia-se para as 22 horas mais um número do programa «Yô-Yô», produzido por Francisco Nicholson, Armando Cortez, Maria Aurora, Ângelo Granja e Paulo [illegible]. «Yô-Yô», ao que parece de vida efémera apresenta nesta edição o conjunto musical de Vitor Campos a estudante universitária Ana Paula, Julia Babo (mulher de mil profisssões e [illegible]-rista), Ada de Castro, Benny Waters e Sérgio Gonçalves. Este, «businado» na «primeira oportunidade», regressa por imposição dos próprios businadores.

A propósito: que motivo leva a RTP a suspender a transmissão de «Yô-Yô? Pragramas bem piores (mil vezes) e séries importadas (com a consequente saída de divisas para o estrangeiro) por lá andam até tombarem de podres...

ADA DE CASTRO

António Ramos Rosa em «OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS»

Joaquim Manuel Magalhães, autor do programa «Os homens, os livros e as coisas» (a transmitir pelas 19 horas), falará de António Ramos Rosa, um poeta «difícil», «porque nos exige uma atenção e um esforço de leitura que a grande maioria dos poetas não solicita. Versos deste poeta:

«Soletro velhas palavras generosa
Flor rapariga amigo menino
Irmão beijo namorada
Mãe estrela música
São as palavras cruzadas do meu sonho
Palavras soterradas na prisão da minha vida
Isto todas a noites do Mundo uma noite só compriza
Num quarto só»

«CARTAZ-TV»

Cerca das 20 e 15, os telespectadores interessados pelo decorrer da próxima semana televisiva ficarão a par do programa vendo «Cartaz TV». Mas é conveniente não se fiar muito nas aparências: de repente, tudo está alterado sem qualquer aviso prévio...

II PROGRAMA

O CASO da SEMANA

«O Caso da Semana» (com Luís Filipe Costa e um entrevistado) é a rubrica que lhe aconselhamos, no programa de amanhã. A estupidificante série de «Casamento de conveniência», usa como tema, no episódio de hoje, Greta e Peter, desta vez convidados para jantar num restaurante chique. E le é Michael Callan e ela Patrícia Harty. O Michael e a Patrícia, precisando de dólares e fama, sujeitam-se a todas as conveniências... dos produtores!

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: O Coral «Luísa Todi», de Setúbal; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira. Roteiro musical português; 18 e 5: No mundo da canção; 18 e 20: «Uma gota de sangue e Renasce uma vida», programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 30: No mundo da canção; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Resumo do programa — Melodias por orquestras; 20 e 40: 34.º Episódio do Folhetim «O canto da Terra»; 21 e 5: Canconetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 5: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Natalino Duarte e Maria Augusta Ermido; 22 e 50: Música, só música; 24: Fecho.

2.º Programa (397 m — 755 kc/s) — Às 16: Folclore do Mundo — Cante Jondo e Música de Cachemira; 16 e 25: Curiosidades musicais — «A minha tia Aurora» (ópera cómica em dois actos); 17 e 10 — Trio em mi bemol maior, op. 100 (Schubert), pelo Trio de Trieste; 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: O violoncelista Massimo Ampithetroff; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O pianista John Ogdon; 20 e 30: Música de câmara; 21: Música sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias: «Eduardo de Filippo», dramaturgo, pelo dr. Leopoldo de Araújo; 22 e 35: Concerto de Aranjuez (J. Rodrigo).

3.º Programa (Cultural—MF 2 — 94,3 Mg/s) — Às 28: 1.º acto da ópera «Parsifall (Wagner); 1: Fecho

Emissão estereofónica — Música ligeira; 22: Concerto grosso, op. 6, N.º 11, em lá maior (Haendell); 22 e 20: Sonata em fá maior, K. 332 (Mozart); 22 e 42: Suite Karelia, op. 11 (Sibelius); 23: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — (451 m — 665 kc/s) — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Jazz; 19 e 30: Discoteca R. U.; 19 e 40: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 3: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de Frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 4: Programa CDC; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20: Nota de Abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 2: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes famosas do disco; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Música seleccionada; 19 e 25:

(Continuação da pág anterior)

AMANHÃ — **I Programa** — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Casamento de conveniênoio; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó lá si; 14 e 10: Fecho. Às 16: Reabertura e Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo; 18 e 30: TV infantil; 19: Teledesporto; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: ...E a vida continua; 20: Skyppy; 20 e 40: TV 7; 21 e 5: Fados; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorollógico; 22: Os Cavaleiros do Céu; 22 e 30: Variedades; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Estúdio C; 22 e 20: Missão Impossível; 23 e 15: Concerto; 23 e 35: Fecho.

«SEGREDOS DO MAR»

Pelas 21 horas aparece o programa «Segredos do Mar», de Helder Mendes, hoje com um filme sobre a «Adoação da Senhora das Salvas». Trata da antiga armação da sardinha, método de pesca já ultrapassado mas que, ainda hoje, subsiste em alguns pontos da nossa costa.

«A MULHER RURAL»

Semana após semana, a posição social da mulher-rural (que o programa «Nós as Mulheres» utiliza para tema) chama a atenção da telespectadora.

Hoje, pelas 19 e 45, é transmitida mais uma edição desta rubrica.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Agosto de 1940 publicava:

«ZURICH, 28 — Por notícias aqui recebidas, sabe-se que as autoridades alemãs estão cada vez mais aborrecidas com os «raids» que a aviação inglesa tem efectuado sobre a cidade de Leipzig, onde se encontram tantos representantes do comércio e da indústria dos países neutros, devido á grande feira que ali se está a realizar.

«O «raid» britânico sobre as fábricas de Leuna provocou novo alarme, que já é o segundo em duas noites sucessivas.»

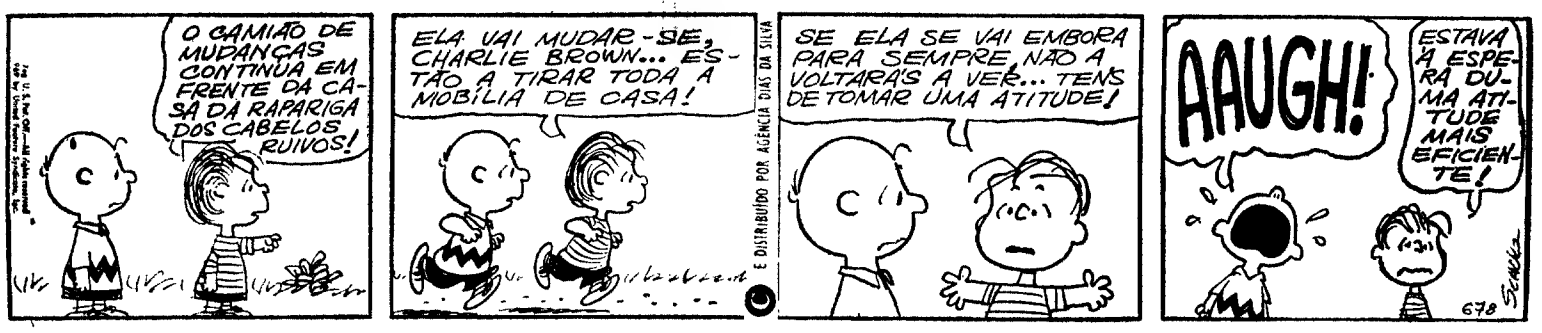
RÁDIO

(Continuação da pág. anterior)

Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

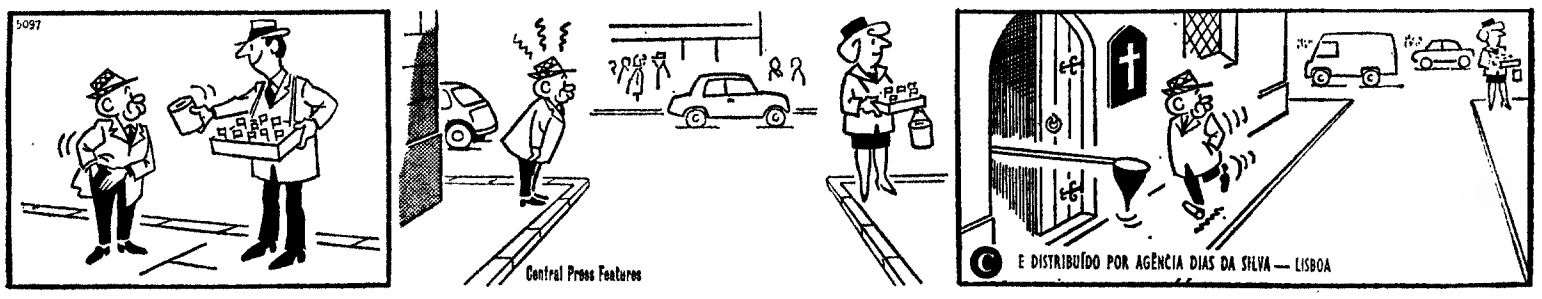
EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média — 188 m 1594 kc/s — modulação de frequência — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, dos 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

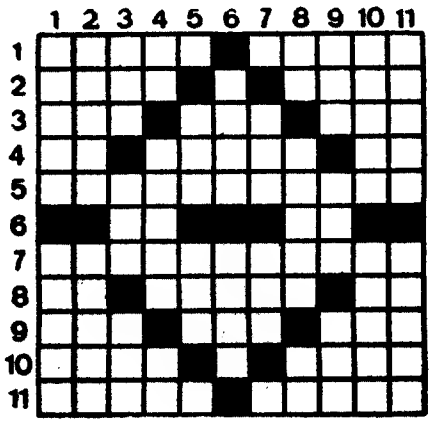
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5639

HORIZONTAIS: 1 — Cântico de louvor a Deus. Rede de malha miuda. 2 — Moeda portuguesa de Dio. Fecham as asas para descer mais depressa. 3 — Bondosa. Dá mios. Fileira. 4 — Em partes iguais. Estacionam. Cento e um em romano. 5 — Regularemos. 6 — Sufixo que designa estado. Oferece. 7 — Pescadores de camarão. 8 — Viração. Freguesia do concelho de Loulé. Utensílio doméstico. 9 — Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Catedrais. Igual. 10 — Existência. Caixa de madeira revestida de couro ou lona. 11 — Guarnecida de asas. Gelhas.

VERTICAIS: 1 — Grande sábio. Careca. 2 — Levar à sirga. Lavrais. 3 — Liga. Dádiva. Passada. 4 — Ruim. Nome de frutos. Preposição latina que designa movimento. 5 — Ilha inglesa no mar da Irlanda. Chefe etíope. 6 — Fita. Líquido gorduroso. 7 — Rio da Suíça. Aqui está. 8 — Artigo definido. Regular. Mulo. 9 — Esteiro. Oceano. Página (abrev.). 10 — Esmago. Tecido de algodão. 11 — Estimais. Curas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5638

HORIZONTAIS: 1 — Ácida. Casam. 2 — NADA. CURA. 3 — Drama. Caldo. 4 — Ad. Arder. Em. 5 — Ramo. Oire. 6 — Ri. Má. 7 — Cá. Só. Ia. Má. 8 — Combata. 9 — Liana. Singo. 10 — COMO. D. Ruas. 11 — Asara. TEMPO.

VERTICAIS: 1 — Andar. Calca. 2 — Candara. Ios. 3 — Ida. Mi. Cama. 4 — Damão. Soror. 5 — Ar. Coma. 6 — De. 7 — Ce. Sias. 8 — Ácaro. Atire. 9 — Sui. Im. Arum. 10 — Arderam. Gap. 11 — Maomé. Acaso.

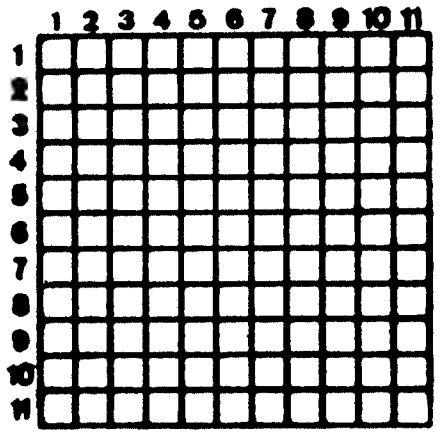
(Provérbio: NADA CURA COMO O TEMPO)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9482

HORIZONTAIS: 1 — Divulgassem. 2 — Torna pior. Boi bravo. 3 — Enganos. Versejar. 4 — Gálio (s. q.). Isolado. Pertences. Batráquio. 5 — Base aérea portuguesa. Um dos pontos cardeais. Reles. 6 — Negra. Aguço. 7 — Interjeição de dor. Campeão. 8 — Oração que os Mouros fazem a Deus antes de se deitarem. Bondosa. Prefixo que designa ar. 9 — Níquel (s. q.) Solitário. Cinquenta e cinco em romano. Prefixo de negação. 10 — Astúcia. Suja. 11 — Toca. Queimar.

VERTICAIS: 1 — Afeição. Estreito. 2 — Corsário. Caldo de arroz, temperado com sal. (Bras.). 3 — Grande quantidade. Trata por tu. Quinhentos e um em romano. 4 — Cupido. Troça. Senhor em inglês. 5 — Limonada gasosa. Palmatoada. 6 — Porco. 7 — Engata. Veste sacerdotal de linho. 8 — Tempo do verbo ser. Nota musical. Pronome pessoal (pl.). 9 — Consentimento. Põe o visto em. Reis. 10 — Tesouro público. Terreno duro onde se malham cereais. 11 — Espiritual. Despovoar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9481

HORIZONTAIS: 1 — Insurrectos. 2 — Oiá. Oil. Oca. 3 — Impor. Armar. 4 — Abar. Abra. 5 — Satãs. Trair. 6 — Rosa. Iara. 7 — Mas. 8 — Al. Abana. Ce. 9 — Pessa. Amai. 10 — Sara. Pott. 11 — Olaia. Barão.

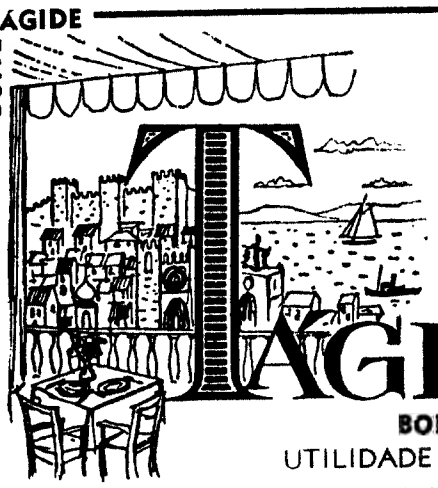
VERTICAIS: 1 — Jóias. Lapso. 2 — Nimbar. Leal. 3 — Sapatos. Sra. 4 — Oras. Asai. 5 — Ror. Samba. 6 — Ri. Aa. 7 — Ela. Tisna. 8 — Raro. Arpa. 9 — Tombara. Mor. 10 — Ocaria. Cata. 11 — Sarar. Leito.

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA
IMPORTANTE EMPRESA NOSSA CLIENTE
AVEIRO
TÉCNICO DE MARKETING

CONDIÇÕES PEDIDAS: espírito de iniciativa e dinamismo com vista à organização de Serviço e Rede de Vendas.
CONDIÇÕES OFERECIDAS: lugar de direcção. Vencimento compensador.

Resposta para NORMA indicando ref.ª 188/P/DPA (Confidencial)

TAGIDE
BOITE

Serviço de Restaurante
★
Aberto até às 5 horas
TAGIDE
BOITE
UTILIDADE TURÍSTICA
LG BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20
TELS. Boite 3 5328
Restaurante
Cabine 36 21 23

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do
Almada, 99 — LISBOA

Aparelhagem
Electro-domésticos
TUDO PARA V/CASA
SEM FIADOR
2 - Av. Praia da Vitória

A OPOSIÇÃO DIVIDIDA EM BORDÉUS

BORDÉUS, 28 — (F. P.) — Separaram-se depois de duas horas de discussões, sem conseguirem designar um candidato único às eleições parciais de Bordéus, os representantes dos partidos Socialista, Radical e da Convenção das Institutições Republicanas.

Foram os delegados socialistas que abandonaram a reunião, que perdeu assim o seu objectivo.

Servan-Schreiber (radical) disse aos jornalistas que não fazia comentários. Soube-se que nenhum nome de alcance nacional fora proposto, tendo sido isto, segundo explicou um dos representantes, que irritou o grupo socialista e também o da Convenção.

O ENGENHO EXPLODIU NAS MÃOS DO «PIRATA DO AR»

VARSÓVIA, 28 — (F. P.) — A agência noticiosa polaca PAP dá mais pormenores sobre o desvio falhado do avião da companhia LOT, na carreira Catovice-Varsóvia, que, por pouco, não terminou numa catástrofe. O Antonov-24 acabava de levantar voo de Catovice, na Silésia, para Varsóvia, com 19 passageiros a bordo. Em dado momento, um jovem, Rudolfo Olma, precipitou-se para o posto de comando, brandindo um engenho explosivo, e deu ordem ao piloto de seguir para Viena. Porém, não tardou que o engenho, de fabrico caseiro, explodisse, decepando a mão do «pirata», que perdeu ainda um olho, além de ter sofrido outros ferimentos. O mecânico de bordo e dez passageiros sofreram também ferimentos.

A explosão arrancou a porta de comunicação entre a cabina de pilotagem e o resto do aparelho. Declarou-se fogo a bordo e a cabina ficou cheia de fumo. Passados uns momentos, faltou a corrente eléctrica. A tripulação lançou um «SOS», enquanto tentava, ás apalpadelas, proceder á manobra de aterragem. Felizmente, o trem de aterragem e os travões funcionaram. O drama durara apenas dez minutos, que pareceram uma eternidade.

Foi o quinto desvio de avião tentado na Polónia nos últimos três meses. Três malograram-se.

Actualidade internacional

AVISO EGÍPCIO A ISRAEL

CAIRO, 28 — (R.) — O ministro da Orientação Nacional, Mohammed Hassanein Heykal, avisa hoje Israel de que não existia qualquer maneira de resolver a crise do Médio Oriente se aquele país não retirasse de territórios árabes ocupados.

Contudo, Israel não retiraria e faria o máximo para sabotar as actuais conversações de paz sob a égide do enviado da ONU, dr. Gunnar Jarring — diz Heykal no seu artigo semanal no jornal semi-oficial cairota «Al Ahram».

Uma tentativa israelita com esse objectivo era constituída pelas alegações de que o Egipto estava a estabelecer novas rampas de mísseis ao longo do Canal de Suez, violando o acordo de cessar-fogo — prossegue o articulista.

Israel utilizara, também, essas acusações como uma desculpa para pedir aos Estados Unidos mais armas electrónicas.

As armas electrónicas não eram, porém, um monopólio norte-americano, apesar das declarações dos E. U. A. de que se estalasse uma nova guerra no Médio Oriente as armas electrónicas empregadas fariam com que o Vietnam parecesse uma brincadeira de crianças.

«Se Israel não retira, qual a forma de resolver a crise?» — pergunta Heykal.

O articulista declara a seguir que, faltando apenas 70 dias para acabar o cessar-fogo Israel não permitiria que o dr. Jarring conseguisse algo, como aconteceu em 1967, em 1968 e em 1969.

A questão principal da missão reactivada do dr. Jarring era a retirada israelita de territórios árabes e não podia haver qualquer compromisso quanto a isso. «Tenho, porém, a certeza de que Israel dirá não» — observa Heykal.

Toda a gente em Israel queria mais terras. «Mais terras foi para os israelitas o preço da vitória militar de 5 de Junho de 1967» — acrescenta o ministro.

Racismo no Scala?

MILÃO, 28 — (A. N. I.) — Nathan Boyd, tenor norte-americano de cor, acusa o Scala de Milão de racismo: «Há já dois anos que tento cantar no Scala de Milão e não consigo uma oportunidade. Estou convencido de que posso atribuir esse facto à minha cor».

HÁ SEMPRE
UM PORTUGAL DESCONHECIDO
...QUE ESPERA POR SI

Percorra os caminhos do Centro do País — é a vida trepidante da Capital onde há um mundo de tradição e de modernidade a descobrir, nas ruas estreitas da cidade antiga e nos espaços abertos da Lisboa do século XX, é também a beleza de Coimbra, o centro universitário português, o bulício da juventude e a tranquilidade do Mondego. Mas Santarém e Leiria, Tomar e Castelo Branco, a Guarda e Viseu merecem longas visitas que constituem um prazer educativo e útil. É no Centro do País que fica o Ribatejo, a larga pradaria com os toiros e os cavalos; e toda a extensão de costa, com o sabor quente-salgado das suas praias e o generoso Sol. Finalmente as jóias da geografia: a Sintra dos parques e dos Palácios; a Estrela, da neve e da beleza selvagem; o Zêzere das barragens e das albufeiras. Sim, também nas regiões do Centro... há um Portugal Desconhecido que espera por si.

sonarte TURIS

Diz-se em Tel-Aviv:

ENCONTRAM-SE NA RAU 12 000 A 13 000 SOLDADOS SOVIÉTICOS

TELAVIV, 28 — (Por Bernard Ullmann, da FP) — Segundo uma fonte bem informada, encontram-se no Egipto 12 000 a 13 000 soldados soviéticos, 6000 dos quais nas cercanias do canal. A mesma fonte afirmou ainda que os egípcios continuam a reforçar os seus dispositivos na zona oficialmente submetida ao «statuquo» militar e aproximam baterias de mísseis do canal. A «ponte aérea» posta a funcionar pelos soviéticos continua a trazer para o Egipto material militar, mísseis, aviões e pessoal. As violações do cessar-fogo a que aludem os israelitas dizem essencialmente respeito á instalação de baterias de mísseis SA-2, uns vinte quilómetros a oeste do canal e de SA-3, a uns trinta.

Do lado israelita, em contrapartida, sublinha-se em Telaviv, não há violações do cessar-fogo mas apenas o prosseguimento das obras de reparação das posições, as quais foram empreendidas antes de 7 de Agosto.

No que se refere á actividade ao longo do canal, considera-se em Telaviv que é de tal forma calma que foram autorizadas a seguir para ali mulheres, entre as quais artistas de «music-hall», o que lhes fora vedado durante meses, por causa dos bombardeamentos, tiros e incidentes diários.

Pensa-se, no entanto, que, apesar do reforço do dispositivo egípcio, as forças israelitas continuam capazes de enfrentar um reatamento das hostilidades.

CRIANÇA MORTA POR UM LOBO DE ALSÁCIA

LONDRES, 28 — (R.) — Uma menina de 3 anos foi ontem arrebatada do berço e selváticamente morta pelo (lobo-d'alsácia) de seu avô, no subúrbio de Forest Hill, no Sul desta capital.

A criança dormia no jardim das traseiras da residência do avô, George Howard, quando o cão a retirou do berço.

O animal, de 8 anos, com o nome de «Bruce», estava a atirar com a boca o bebé, que gritava, ao ar, quando foi, por fim, posto em fuga com o cabo de uma vassoura.

Foram prestados os primeiros socorros á criança, que faleceu a caminho do hospital. O nome da menina não foi divulgado.

Advertência israelita

TEL-AVIV, 28 — (R.) — Israel avisou, ontem á noite, claramente os árabes de que não pode continuar a fechar os olhos ás violações do cessar-fogo, e anunciou que suspenderá as negociações de paz se a luta recomeçar.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Uma chimpanzé aprendeu a ler e a escrever

WASHINGTON, 28. — (A. N. I.) — Uma chimpanzé de 7 anos, «Sarah», aprendeu a ler e escrever, ao fim de dois anos de estudos na Universidade de Santa Clara, na Califórnia — anuncia o «Washington Evening Standard».

«Sarah» conhece 120 palavras e o psicólogo David Premach afirma que ela poderá ir até mil palavras. Vai agora ensiná-la a contar e tenciona utilizá-la, depois, como monitora para o ensino de outros macacos.

Embora não possa falar, «Sarah» aprendeu as palavras por analogia com símbolos e sabe utilizá-las concretamente. Assim, para «escrever» a palavra «batata», a chimpanzé desenha, como símbolo, um triangulo encarnado. E para significar banana desenha um quadrado cor-de-rosa.

Primeiramente, «Sarah» utilizava os símbolos, recortados em metal e pintados, numa placa magnética. Depois, passou a escrevê-los, com uma máquina de dactilografia construída especialmente.

Agora consegue escrever frases deste tipo: «Sarah» mete a banana no copo e a batata no prato».

E chegou a ir a frases mais abstractas, como esta: «Se a Maria escolhe o encarnado, «Sarah» escolhe o verde».

DISCURSO OPTIMISTA DE BREJNEV ACERCA DE POLÍTICA EXTERNA

MOSCOVO, 28. — (R.) — O dirigente soviético Leonid Brejnev declarou hoje que «existe agora uma oportunidade para encararmos a solução do conflito no Médio Oriente a partir de posições realistas e responsáveis».

Num importante discurso sobre política externa, que proferiu num comício em Alma Ata e que a agência Tass divulgou, Brejnev também disse que o recente tratado germano-soviético renunciando ao uso da força terá uma influência positiva importante na situação europeia, tanto presente como futura.

Brejnev também declarou no comício, que assinalava o cinquentenário da Republica Soviética do Cazaquistão, que tem fronteira com a China, que a U. R. S. S. está disposta a contribuir de todas as maneiras para normalizar as relações com a China.

«A normalização das relações entre a União Soviética e a Republica Popular Chinesa serve os interesses dos dois países, do socialismo mundial e do movimento revolucionário de libertação dos povos oprimidos, bem como o fortalecimento da paz mundial».

Brejnev declarou, no entanto, que «os interesses nacionais e a segurança do povo soviético não poderão ser sacrificados».

CARTA DE NIXON

SAN CLEMENTE (Califórnia), 28. — (R.) — O presidente Nixon escreveu ao primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, sancionando o seu apelo para melhor entendimento, mas evitando uma resposta a um novo pedido soviético para uma conferência sobre segurança europeia.

Kossyguine solicitou as discussões de problemas entre o Leste e o Oeste num foro inteiramente europeu numa carta enviada ao presidente Nixon, com a data de 1 de Agosto.

Nixon, na sua resposta, disse que os Estados Unidos e a União Soviética partilhavam a obrigação de trabalhar sempre para fortalecer a paz mundial, mas não sugeria como deveriam agir.

A troca de correspondência, divulgada pela Casa Branca, sem comentários, a noite passada, assinalava o vigésimo quinto aniversário da conferência de Potsdam, que fixou as fronteiras europeias após a segunda guerra mundial.

Os países comunistas, dirigidos pela U. R. S. S. têm pedido há anos a realização de uma conferência das Europas Ocidental e Oriental. Contudo, os Estados Unidos têm mostrado frieza acerca da ideia, afirmando que qualquer conferência teria de ser muito cuidadosamente preparada.

SCHIRRA À PROCURA DA «CASA DE VÉNUS»

ISTAMBUL (Turquia), 28 — (A. N. I.) — O astronauta norte-americano Walter Schirra veio à Turquia participar na rodagem de um filme, em Esmirna. Segundo declarou aos jornalistas, aproveitará a sua estada na Turquia para fazer escavações arqueológicas, pois quer «encontrar a casa de Vénus».

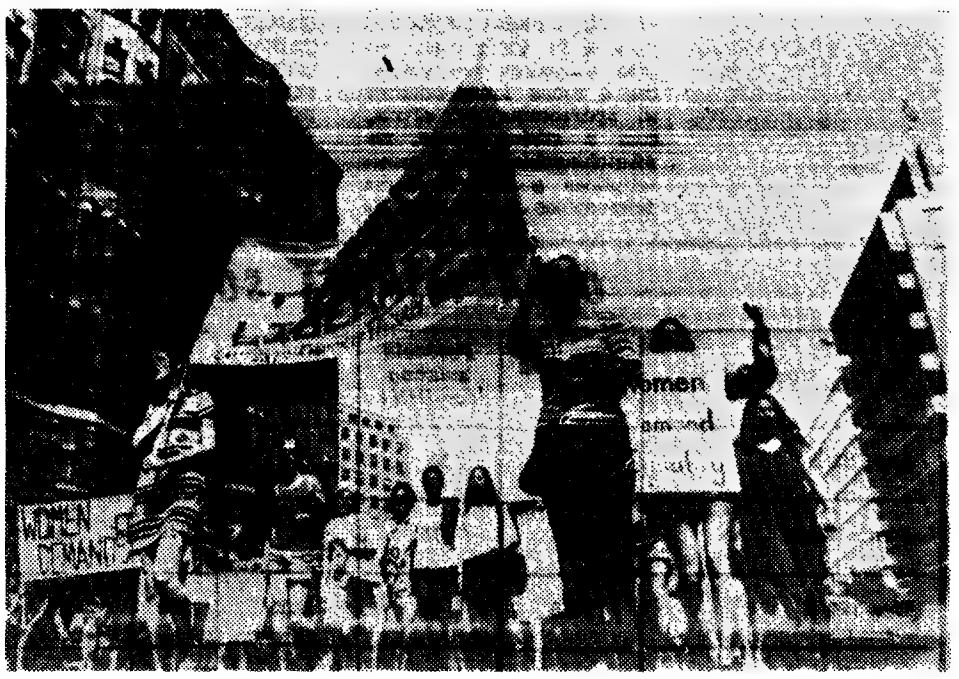
Doris Day envolvida em negócios fictícios

WASHINGTON, 28—(R.) — O tribunal de contribuições e impostos dos Estados Unidos decidiu ontem que a actriz-cantora Doris Day estava envolvida em negócios fictícios, para evitar pagar o imposto de rendimento, e, devido a isso, sujeita a ter de liquidar várias centenas de milhares de dólares de impostos em atraso.

O serviço de receita interna alega que, entre 1953 e 1957, Doris Day, uma das estrelas de cinema que atrai maior numero de espectadores ás bilheteiras, e o seu falecido marido Martin Melcher não pagaram mais de 445 mil dólares de imposto de rendimento

Melcher, um produtor cinematográfico, faleceu em 1968.

Embora o tribunal na sua decisão de 86 páginas, não atribua o Doris Day um grande papel nas transacções ilícitas, a actriz assinou com o marido as declarações de imposto de rendimento, o que a tornava legalmente uma transgressora.



AS MODERNAS SUFRAGISTAS DA AMÉRICA manifestaram-se em diversas cidades dos Estados Unidos, incluindo Washington (na foto), para reclamar plena igualdade de direitos com os homens. A data escolhida para as manifestações, o dia 26, correspondeu ao quinquagésimo aniversário da concessão do direito de voto ás mulheres norte-americanas.

PARA QUE NÃO SOFRESSE LANÇOU AO RIO O FILHO DEFORMADO

ROMA, 28 — (R.) — Livio Davani, um jovem pai que confessou á Polícia ter atirado ao rio um filho que nascera deformado «para que ele não se sentisse infeliz quando fosse crescido», encontra-se preso sob a acusação de homicídio premeditado.

Davani, um fotogravador de 29 anos, apresentou-se ontem numa esquadra de Polícia, voluntáriamente, e confessou o crime. A criança, a quem tinham posto o nome de Ivano, nascera há 24 dias sem pernas e sem o braço esquerdo, tendo no lugar do braço direito um coto com um único dedo.

O pai contou á Polícia que, depois do filho nascer, tinha ido á procura de outras crianças deformadas, para ver como elas viviam.

«Fiquei horrorizado. Encontrei criaturas monstruosas e infelizes. Por que motivo seria o meu filho assim? Comecei então a pensar em matá-lo, mas sem que a minha mulher suspeitasse».

Ontem, Davani foi ao hospital onde a criança continuava internada e disse aos médicos que pretendia levá-la para casa.

«Durante horas, andei ás voltas na cidade sem ter coragem para o matar. Parei dezenas de vezes junto das pontes e interrogava-me se devia ou não fazê-lo.

«Finalmente, na ponte Flaminio, saí do carro com Ivano nos braços. Ele começou a chorar e, nesse momento, obedecendo a um impulso, tive coragem para o lançar ao rio», contou Davani á Polícia.

Antes de ser levado para a prisão, Davani foi autorizado a encontrar-se com sua mulher e os dois abraçaram-se em silêncio. O casal tem uma filha de 4 anos, que é inteiramente normal.

AUXÍLIO DA ONU AOS «MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO»

NAÇÕES UNIDAS, (Nova York), 28 — (A. N. I.) — A comissão de descolonização da Assembleia Geral — «Comissão dos 24» — aprovou, apesar da oposição dos Estados Unidos e da Inglaterra, a moção em que se autorizam as agências especializadas da O. N. U. a auxiliar materialmente os «movimentos de libertação» que se registam em Africa.

A moção foi aprovada por 17 votos e com dois contra, tendo havido duas abstenções (Itália e Noruega).

INCIDENTES NA ILHA DE WIGHT

ILHA DE WIGHT, 28 — (F. P.)—Os contestadores franceses voltaram ontem à noite a dar que falar no festival «pop» da ilha de Wight, tentando deitar abaixo as paliçadas, com a altura de três metros, que limitam o recinto. Polícias particulares intervieram com os seus cães. Três guardas ficaram feridos nas desordens que se seguiram, o mesmo sucedendo com três dos animais.

Os contestadores, alojados num sector do campo conhecido pelo nome de «Avenida da Desolação», pretendiam facilitar a entrada no recinto a amigos seus, sem pagarem as três libras (210 escudos) exigidas pela organização do festival.

Visita inesperada de Agnew ao Camboja

PHNOM PENH, 28 — (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, partiu, de helicóptero, desta cidade, a caminho de Bangkok, depois de ter conferenciado durante quatro horas com os dirigentes cambojanos.

Esta foi a primeira visita feita ao Camboja por um membro do Governo norte-americano desde que o príncipe Sihanouk, o antigo chefe do Estado, foi derrubado, em Março.

O encontro entre Agnew e os actuais dirigentes cambojanos teve lugar no antigo palácio de Sihanouk, que se encontrava cercado por agentes secretos norte-americanos e era sobrevoado por quatro helicópteros também norte-americanos, armados de metralhadoras.

O vice-presidente tinha chegado de Saigão ao aeroporto de Phnom Penh, ás 10 e 30, e fora levado de helicóptero para o local do encontro, em Chamcar Mon.

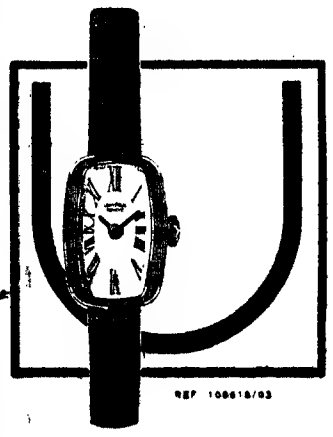
Aparentemente, a visita, que não estava no programa, foi preparada com curta antecedência. Spiro Agnew devia inicialmente dirigir-se de Saigão directamente para Bangkok. O próprio ministro da Informação do Camboja disse aos jornalistas que só esta manhã tivera conhecimento oficial da chegada do vice-presidente dos E. U. A.

Agnew não fez qualquer declaração á chegada, mas os observadores pensam que o auxílio militar e económico norte-americano ao Camboja terá sido o principal assunto das conversações.

REFUGIOU-SE NA SUÉCIA UMA TESTEMUNHA NO CASO CALLEY

Segundo a Imprensa francesa, uma das principais testemunhas de acusação no processo do tenente norte-americano, William Calley, acusado no caso do massacre de My Lai, refugiou-se na Suécia, onde aguarda autorização de residência.

Trata-se do sargento Chuck Cunningham, que serviu sob as ordens do tenente Calley e que declarou numa entrevista: *«Estou aqui para esquecer o que se passou. Calley é um doente, é um indivíduo totalmente louco. Espero que seja abatido como um cão. Se a justiça existe, ele deve ser condenado á morte ou a prisão perpétua.»*



UNIVERSAL — o relógio com o qual outro belo relógio gostaria de se poder parecer. Mas um costureiro de relojoaria não se improvisa, cria-se!

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

IMPRESSÕES de CONDUÇÃO

Em Itália chamam-lhe o «Fiat dos ricos» e a justificação para este «rótulo transalpino» filia-se no facto do «Autobianchi A 111» ser uma reconversão da mecânica (e, vamos lá, da carroçaria) de um outro modelo do construtor turinense, exactamente o «Fiat 124 S».

«AUTOBIANCHI A 111»

Mesmo em curvas apertadas, o «A 111» agarra-se sempre bem

Mais dentro do problema — como é natural — do que nós, a associação é perfeitamente aceitável para os italianos, já que sabem ser a «Autobianchi» uma fábrica pertencente, na sua totalidade, á «Fiat», e que se dedica, em grande parte, á produção de modelos apurados da marca de Giovanni Agnelli, quer sob o ponto de vista de carroçaria e conforto, quer sob o mecânico. Por aqui se estará a ver que os «Autobianchi» terão de ser sempre mais caros que os seus congéneres «Fiat»... Os tais «automóveis para ricos», da lógica comum italiana.

Em Portugal esta «ligação» não surge tão evidente, pelo menos ao nível do grande publico. Para muitos, «Autobianchi» é simplesmente uma marca italiana (de certo modo, até nem muito conhecida...). O facto dos seus automóveis serem agora comercializados pela «Citroen» (depois dos acordos entre esta firma e a «Fiat»), contribui, ainda mais, para a separação de ideias de origem.

Temos, pois, que a imagem que o cliente português possa fazer, «a priori», do «A 111» é que — nos seus cento e poucos contos — é um «carro caro».

Para o nosso mercado, e dentro da sua classe (1400 a 1600 c. c. — ver quadro) o «A 111» é oferecido, com efeito, a um preço que o coloca entre os mais altos, muito embora a sua baixa cilindrada (no quadro da comparação) lhe dê grande vantagem, já que possui características e «performances» que o colocam acima da maioria.

Teremos, assim, uma viatura que custa uma apreciável quantia, mas que oferece também muito no plano de «performance», conforto, segurança, etc. Mais do que discutir o preço, interessa saber se ele é justificável.

Mais ou menos a mecânica do Fiat 124 S

O «A 111» é uma berlina de 5 lugares, equipado com a mecânica do «Fiat 124 S» em quase todos os seus pormenores essenciais.

O motor é o mesmo 4 cilindros em linha, com 1438 c. c. de cilindrada (80 × 71,5 mm de diâmetro e curso, respectivamente). Este motor, de válvulas á cabeça e árvore de cames lateral, está colocado transversalmente e tem a cabeça em liga leve. Até aqui, e á parte da colocação, tudo igual.

A alimentação faz-se, porém, por um carburador «Weber» de duplo corpo, enquanto, no «124 S», o carburador é de corpo simples. No plano de taxa de compressão, a do «Autobianchi» é um pouco superior (9,3/1 contra 9/1 no «Fiat»). O sistema de refrigeração, por água, é, no «A 111» complementado pela existência de um ventilador de comando termostático, que entra em funcionamento logo que a temperatura atinge um determinado valor.

A potência é muito pouco superior á do «Fiat 124 S» (apenas mais uns 2 cv, «muito bem medidos»...) e o binário é inferior.

No sistema de transmissão, reside a grande diferença, não só sob o ponto de vista mecânico, como no de comportamento em estrada: o «A 111» é um «tracção á frente». A caixa de 4 velocidades (todas sincronizadas) tem, todavia, desmultiplicações diferentes. O «rapport» é, também, mais curto.

As suspensões têm algumas afinidades nos dois carros. À frente, braços triangulares em trapézios transversais, com molas de laminas transversais no «A 111» e molas helicoidais no «124 S». Atrás, o eixo rígido «clássico» em ambos (os 4 rodos independentes só apareceram na «Fiat», com o «128»), tendo, no «Autobianchi» molas semi-elípticas e amortecedores telescópicos e no «124 S» barras de força e reacção, Panhard e estabilizadora e amortecedores telescópicos.

No que respeita a travões, discos nas 4 rodas, com duplo circuito de travagem e servo-freio.

A direcção é por cremalheira (enquanto no «124 S» é pelo sistema de parafuso e sector).

Na travagem, o servo-freio diminuiu o esforço, mas a eficiência é absoluta

Guiar o Autobianchi «A 111»

Quando se guia o «A 111» é que surgem as maiores diferenças em relação ao carro com que o temos vindo a comparar.

Logo a linha exterior é um ponto interessante. A frente do «Autobianchi» é deveras bonita, com distinção (que, naturalmente, se paga...). No interior a posição de condução é óptima e o banco (regulável no encosto), envolvente, dá-nos uma imediata sensação de conforto e de confiança em que se está em boas condições para «responder» a qualquer problema que surja na estrada. O volante «desportivo» (de madeira no carro que guiámos) tem as dimensões comuns e agarra-se bem, o que no «124 S» constitui um pequeno problema. No painel de instrumentos — á primeira vista pobre — há tudo o que se necessita: velocímetro (com contador de quilómetros), indicador de nível do combustível (luz avisadora da «reserva»), termómetro, conta-rotações (com zona encarnada, a partir das 6000 r. p. m.), avisador da pressão de óleo e ignição, avisador de travagem do travão de mão, comando de luzes, «chauffage», etc. A comutação de faróis faz-se por uma haste na coluna de direcção e a buzina é fácilmente acionável por dois apoios na barra do volante.

A alavanca de velocidades está implantada no chão e o seu aspecto é francamente pobre para um carro como este: uma simples bola, na ponta de uma haste... e é tudo. O acionamento desta alavanca não é «fácil» e quando, por vezes, se pensa que a mudança entrou... estamos enganados! O sector é um tanto «esquisito»...

Depois de pôr o carro em marcha, tem-se a sensação de que o motor parou: o silêncio do seu funcionamento é enorme e só quando se puxa uma 2.ª ou 3.ª é que se ouve e sente a sua «raça». Diga-se que, no plano de potência, o carro nos deu bastante satisfação, especialmente quando em «bom regime». Já a baixa rotação, o mesmo não sucedeu umas quantas vezes, dando ideia de falta de elasticidade. De uma forma geral, porém, o motor é um bom motivo de satisfação, a que a caixa «responde», com os condicionalismos já atrás referidos.

No aspecto de suspensão, a diferença para o «124 S» é muito grande. Jamais temos a desagradável sensação de adornagem, nem de descontrolado balanço. O carro parece sempre agarrar-se ao chão, mesmo com piso irregular e em vias sinuosas. A tracção á frente, ajuda muito, também, para se «meter» o carro «onde se quer», quando se guia depressa e em estradas com muitas curvas. A direcção, bastante precisa é, ainda, um bom contributo para o mesmo fim.

Finalmente, no capítulo

(Continua na 18.ª página)

PLANO DE LUBRIFICAÇÃO

Gulf

MOTOR: GULF PRIDE G MOTOR OIL SAE 20W/40
CAPACIDADE DE CARTER: 3,25 LITROS
CAIXA: GULF MULTIFRUPOSE GEAR FABRICANT 90
CAPACIDADE DA CAIXA DE CELOCIDADES: 2 LITROS
PONTOS DE LUBRIFICAÇÃO A MASSA: GULFLEX A
PONTOS DE LUBRIFICAÇÃO A ÓLEO: GULF SERVICE 64
CÍRCULO DE TRAVAGEM: GULF SUPER HEAVY DUTY BRAKE FLUID SAE 70 R3
LUBRIFICAÇÃO DOS TOPOS DOS CILINDROS E VÁLVULAS: ADITIVO VALVETOP

O «A 111» NA SUA CLASSE

Modelo	*Cilindrada (c. c.)*	*Potência máxima (cv-DIN)*	*Binário máximo (kgm-DIN)*	*Peso (kg)*	*Velocidade máxima (km/h.)*	*Aceleração (0 a 100 km/h.) (s)*	*Preço (base+taxa)*
Audi 60 L	1496	55	11,5	1420	138	18	112 222$70
Austin Maxi	1485	75	11,6	979	148	17,3	99 450$00
Fiat 124 S	1438	70	11,2	925	152	16,7	86 900$50
Ford 12 M S (1,5 l)	1498	65	11,7	890	145	16	—
Magda 1500	1490	74	11,4	1035	150	15,7	102 138$00
Saab V4	1498	65	11,7	905	148	15	88 452$40
Simca 1501 S	1475	81	12,3	1020	160	14 4	105 612$50
Volkswagen 1500	1493	44	10,2	870	125	23	69 064$50
Autobianchi A 111	1438	72	11,55	930	155	13	102 104 000$00*

* Aguarda homologação.

Em «Impressões de Condução» procuraremos dar aos leitores, semanalmente, indicações (sem grandes e «complicados» pormenores técnicos) que o possam orientar sobre a compra do mais divulgado dos meios de locomoção actuais: o automóvel.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

MAIS DE 70 CONCORRENTES NO XV CIRCUITO DE VILA DO CONDE

Neste fim-de-semana, disputa-se, no Norte do País, a última prova do nosso curto calendário de velocidade: o XV Circuito de Vila do Conde.

Organizado pelo Estrela e Vigorosa Sport, o conjunto de corridas conta para o Campeonato Nacional de Velocidade e deverá fornecer pontos preciosos para o escalonamento das classificações finais da competição.

Entretanto, estão inscritos nas cinco provas nada menos que 71 concorrentes com a seguinte distribuição:

Fórmula V

1, Maria do Céu (Galáxia); 2, Robert Giannone (Olympic); 3, Carlos Azevedo (Aurora); 4, António Barros (Aurora); 5, Santos Mendonça (Palma); 6, Ernesto Neves (Palma); 8, Miguel Rau (Palma); 9, Costa Félix (Palma); 11, Willy Braillard (Feli AC 1).

Fórmula Ford

1, Santos Mendonça (Merlyn); 2, Frederico Assis (Merlyn); 3, Artur Passanha (Merlyn); 5, Luís Fernandes (Lotus); 6, António Barros (Lotus); 7, Ernesto Neves (Lotus); 8, Robert Giannone (Lotus); 10, «Lumaro» (Lotus); 18, Jorge Pinhol (Lola).

Grupo 1

40, eng.º Adérito Moreira (Morris Cooper S); 41, Manuel Inácio (BMW 2002); 42, José Figueiredo (Toyota Corolla); 43, José Carlos Ferreira (Triumph 2500 P 1); 44, Frederico Abecassis (BMW 2002); 45, «Xanato» (Austin Cooper S); 46, «Dino» (BMW 2002 TI); 47, Mário Vida Alegre (Austin Cooper S); 48, Marques Amorim (BMW 2002); 49, Agostinho Maia (Simca 1501 S); 50, Manuel Filipe (BMW 2002 TI); 51, «ELGE» (Cortina Lotus); 52, eng.º Acácio Leite (Cortina Lotus); 53, Maria do Céu (Austin Cooper S); 54, Miguel Rau (Cortina Lotus); 57, Fernando Batista (Austin Cooper S); 61, António Portela Morais (R 8 Gordini); 62, Manuel de Melo (Austin Cooper S); 63, «Lumaro» (BMW 2002); 67, «Sweet Bear» (Morris Cooper); 68, José Martins Peres (Austin Cooper S).

Grupo 2

21, Julio Félix (Morris Cooper S); 22, Bastos Morais (Escort Lotus); 23, Manuel Sanjurjo (Morris Cooper S); 24, Fernando Batista (Austin Cooper S); 26, Emilio Duran (SEAT Abarth 1600); 27, Domingos Nogueira (Morris Cooper S); 28, João Perry (Morris 1000); 29, Artur Passanha (Escort GT); 30, Miguel Correia (BMW 2002 TI); 31, Manuel Reis (Austin Cooper S); 32, Honorato Filipe (Austin Cooper S); 33, Manuel Souto (Austin Cooper S); 35, Ernesto Neves (Escort Lotus); 36, Bernardo Sá Nogueira (Morris Cooper S); 37, Eduardo Cid (Cortina GT); 38, Francisco Santos (Escort Lotus); 39, Rochinha Ribeiro (BLMC 1300).

Grupos 3, 4, 5 e 6

70, António Costa Félix (Porsche 912); 71, «Xanato» (Lotus Elan); 72, Carlos Santos (Porsche Carrera 6); 73, Agostinho Maia (Simca 1200 S); 74, Ernesto Neves (Lotus Europa Racing); 75, Luís Fernandes (Ford GT 40); 76, Edgar Fortes (Porsche 912); 7, Luís Ramalho (Lotus Elan); 79, Américo Nunes (Porsche 911 S); 80, Bastos Morais (Escort Lotus); 81, Miguel Correia (Lancia Fulvia HF); 83, António Afonso (Volkswagen 1600); 84, «Electropinto» (SAAB); 85, dr. Abílio de Albuquerque (Porsche 911 S); 88, N. N. (Ford GT 40).

HOJE, À NOITE

ANDEBOL — Posse dos novos dirigentes da Federação, na sua sede, ás 19 e 30.

ASSEMBLEIA — Do Atlético Clube de Portugal, para eleição dos novos dirigentes, na sede (Rua Oliveira Miguéis), ás 21 e 30.

— Do Casa Pia Atlético Clube, para eleição dos novos dirigentes, ás 20 e 30.

ATLETISMO — Torneio de Captação promovido pelo Sporting, no Estádio José de Alvalade, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da I Divisão: Paço de Arcos - F. Benfica, Hóquei de Sintra-Cascais, C. Ourique-Salesiana e Oeiras-Parede, nos rinques dos primeiros, ás 21 e 15 (reserva) e ás 22 e 15 (honra).

Manuel António, um golo oportuno afastou a derrota

Futebol particular

SEIXAL 3-0 AO PAIO PIRES

Jogo no Campo do Bravo. Árbitros: Angel Oñoro, na primeira parte, e o ex-«internacional» Albano Narciso Pereira, no segundo tempo (treinadores do Seixal e do Paio Pires).

As equipas apresentaram: SEIXAL — Arlindo, ex-Covilhã (Silveira); José Carlos (Quim), Vítor (Pinheiro), Luís, ex-Costa da Caparica (Marco António) e Quim (Correia); Jorge (Dario) e Barreiros (João Luís); Clarica (Cambalacho, depois Vítor); Nunes (Reis), Manarte, ex-Costa da Caparica (Gorguilho) e Armando, ex-Nazarenos (Duarte).

PAIO PIRES — Ramos (José Fernandes, ex-C. U. F.); Jorge (Sousa), Dias, Martins e Vítor; Chapa, ex-Comércio Indústria (Claudio) e Eduardo; Luciano, Herculano, ex-Seixal (Henriques), Plácido e Juvenal (Ataíde).

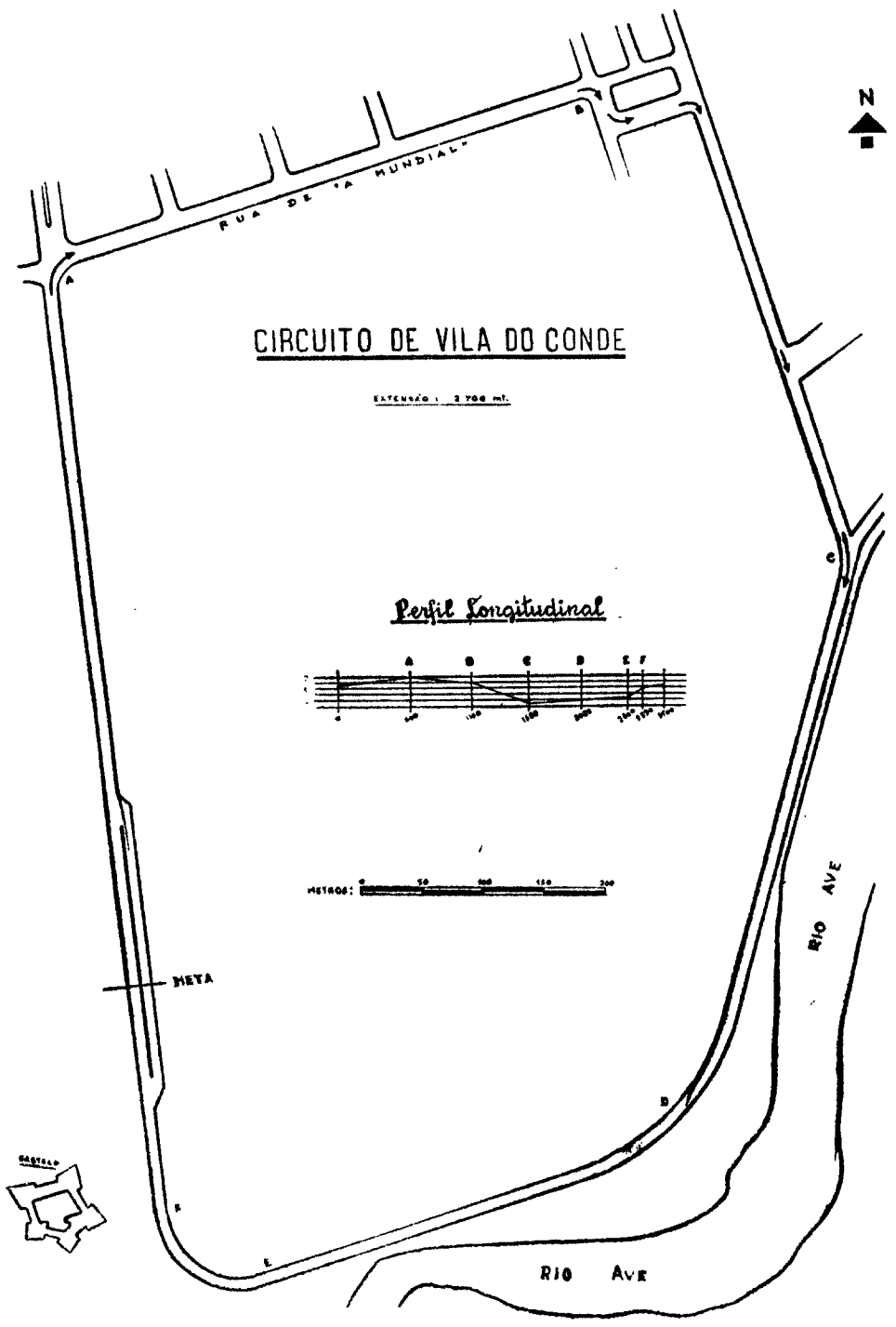
Ao intervalo, os seixalenses já venciam por 2-0. Marcaram os golos: Manarte, Cambalacho e Reis, aos 7, 30 e 85 minutos, respectivamente.

UNIVERSÍADA

Derrotas portuguesas em basquetebol e esgrima

TURIM — A selecção portuguesa universitária de basquetebol saiu vencida do encontro que disputou com a da Coreia do Sul, por 98-62 (com 50-38 ao intervalo).

Entretanto, em esgrima, o atirador português Duro da Costa foi eliminado, com zero vitórias, na prova de florete individual.



VALÊNCIA, 1 - ACADÉMICA, 1

A EXIBIÇÃO DOS ESTUDANTES TERIA MERECIDO ALGO MAIS

VALENCIA — Um golo em cada meio tempo, um meio tempo para cada equipa, um empate a servir ambas. Esta, a síntese fornecida pelo encontro ontem disputado em Valência, perante numeroso público, entre a equipa local e a da Associação Académica.

No entanto, embora o domínio das operações haja pertencido na primeira parte ao Valência e na segunda á Académica, embora, ainda, cada uma das equipas tenha marcado um golo exactamente nesse período em que mais dominou, a verdade é que a exibição dos escolares no segundo tempo foi de craveira muito superior áquela que os espanhóis haviam produzido na meia parte inicial.

Assim, temos que o empate acabou por resultar lisonjeiro para a turma do Valência, cujos adeptos, rendidos ao superior futebol dos portugueses, os aplaudiram frequentes vezes.

As equipas e os golos:

VALENCIA — Adelardo; Sol, Aníbal, Martinez e Anton; Claramunt I e Paquito; Claramunte II, Pelicer, Jara e Sérgio.

ACADÉMICA — Melo; Artur, Alhinho, Rui Rodrigues e Araujo; Gervásio e Mário Campos; Manuel António, Serafim (Simões), Vítor Campos e Oliveira Duarte (José Manuel).

O primeiro golo pertenceu aos espanhóis, á passagem da meia hora. Paquito atirou e Melo não chegou a tempo.

Aos 70 minutos, 1-1. Bom trabalho de Gervásio e passe oportuníssimo para Manuel António, que atirou a contar.

*

Conhecedores da morte do futebolista Nene, da Académica, os espanhóis, numa atitude de requinte e solidariedade, apresentaram-se em campo de braçadeira preta, enquanto os estudantes, com o seu equipamento habitual, usaram braçadeira branca.

Um apontamento a registar.

HÍPISMO

DECORRE COM INTERESSE O CONCURSO DE CASCAIS

Com um programa aliciante — o da 4.ª jornada — prosseguiu ontem o Concurso Hípico Internacional de Cascais.

Numeroso público acorreu a presenciar as provas «Cap. José Beltrão» e «Marechal Carmona», disputadas, respectivamente, por 44 e 9 conjuntos, que mostraram o maior empenho na obtenção de boas classificações.

Os triunfos repartiram-se por espanhóis e portugueses, a aguçar o apetite para as derradeiras jornadas do Concurso, amanhã e no domingo.

Classificações:

Prova «Cap. José Beltrão»

1.º — José Rosillo, no «Solteirito», em 63,8 s; 2.º — Cap. Moura dos Santos, no «Valnoble», em 70,6 s, ambos com 0 pontos; 3.º — J. M. Nunes de Carvalho, no «Dominó», 3 p. em 77,6 s; 4.º — António Caldeira, na «Gitana», em 55,6 s; 5.º — J. M. Nunes de Carvalho, no «Falcão», em 56 s; 6.º — F. Lobo Guedes, na «Endiabrada», em 57 s; 7.º — Ana Cristina Rodrigues, no «Capricho», em 57,6 s; 8.º — Vicente Caldeira, no «Caralinda», em 58,4 s; 9.º — Graça Nunes de Carvalho, no «Zagal», em 60,4 s; 10.º — V. Caldeira, no «Gran Senhor», em 61,4 s; 11.º — Cap. Rivero Merry, no «Simbad», em 62,2 s — todos com 4 pontos.

Prova «Marechal Carmona» (Potência). 1.º — Ten. Pimenta da Gama, na «Esposa», 2.º — Major José Cabedo, no «Naugeur»; 3.º — Cap. García Benavides, no «Ubo-Roi»; 4.º — Cap. Fernandes Tomaz, no «Biscuit B» e F. Lobo Guedes, na «Marusca»; 6.º — J. Cansado Pais, no «Hovara».

SÁBADO DESPORTIVO

ATLETISMO — Torneio Porto-Vigo-Lisboa, no Porto, 1.ª jornada.

AUTOMOBILISMO — Circuito de Vila do Conde.

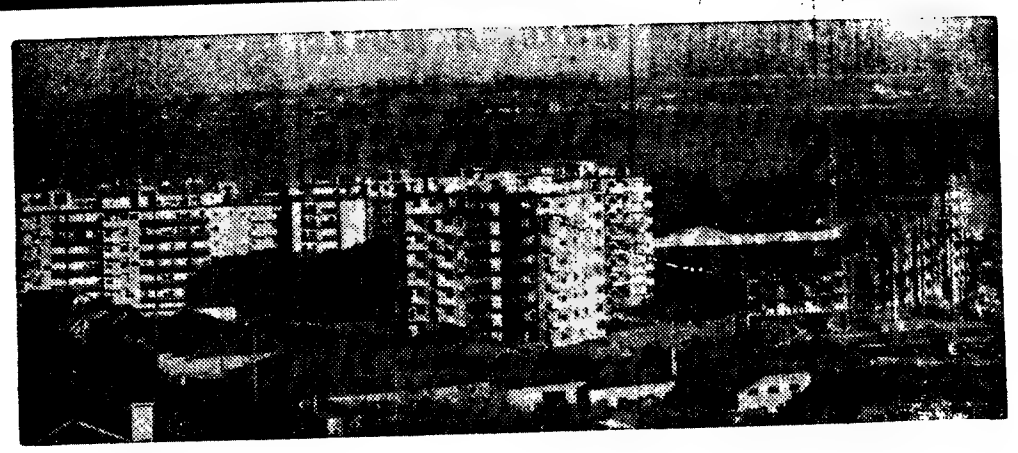
FUTEBOL — Taça de Honra, da A. F. Setubal, 1.ª jornada: Vitória - Sesimbra, ás 19 e 45; Montijo-Paio Pires, ás 21 e 45, no Montijo.

NATAÇÃO — Prova de rio, para infantis, em Paço de Arcos, ás 15 e 10 horas.

— Festival das escolas, na piscina da Praia das Maçãs, ás 17 horas.

VOLEIBOL — Torneio das Praias, (final) na Figueira da Foz, ás 16 horas.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO



—Então um destes apartamentos pode ser seu!

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado o acesso à casa própria

Só construímos em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

Veja e considere as vantagens de ser proprietário comprando em

J. PIMENTA, S. A. R. L.

UMA CASA PARA QUALQUER CASO

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2 43 35 11

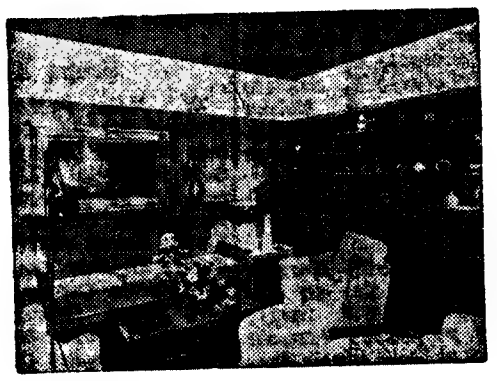
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22

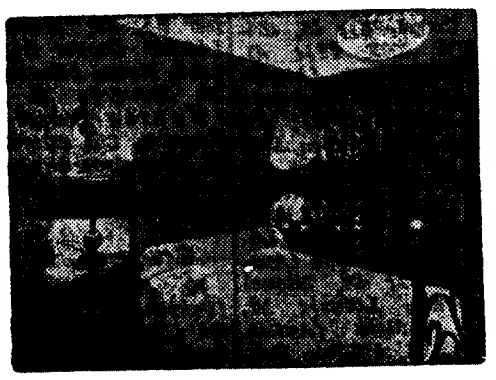
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, N.º 30 — Telef. 28 25 75

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

Conjunto Turístico da Pampilheira — Tel. 283988

Tem economias?





«AUTOBIANCHI A 111»

(Continuação da 16.ª página)

da travagem nada a reparar. O carro pára mesmo, dentro dos limites das várias situações. Há apenas que habituar o pé ao servo-freio, já que o esforço de travagem é mínimo. Na primeira travagem que fizemos, blocámos logo as rodas e nem tivemos tempo de accionar a embraiagem para o motor não parar... Frise-se, contudo, que isto não constitui um defeito — antes pelo contrário — e requer apenas aquela adaptação que se tem de fazer a qualquer carro.

Em suma...

A maneira de conclusão, tentemos responder á questão «preço-qualidades», posta no início.

Indiscutivelmente que o «Autobianchi» é um bom carro. O ligeiro aumento de «performances» (em relação) aos «124 S»), o conforto, os acabamentos, o ar de prestígio que oferece são factores que se têm de pagar.

Como disse, cremos que um escritor francês, «a compra de um automóvel é como o amor; gosta-se... pronto: nem sempre se escolhe o que mais nos convém». Neste caso teremos, pois, uma viatura que, analisada friamente, poderá parecer que não oferecer o tal «extra» para o preço. Todavia, ele está! Quem puder comprar o «A 111» compra bem. Ao nível do nosso mercado poderá ter um preço alto, mas nunca se poderá considerar caro.

...É o «fiat dos ricos». E é tudo!

Propriedades

— VENDAS —

IMPORTANTE UNIDADE FABRIL

A Sacavém junto à estrada, com a área coberta de 5000 m2, incluindo escrit., refeitório, oficinas e 4 grandes edifícios fabris. Área total de 14 000 m2.
Preço: 14 000 contos.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º-Esq.º

Telefs. 36.74.44-32.31.72
LISBOA

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE
Telef. 847260

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. TRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto à Praça da Figueira). Telefs.: 32 54 87 e 37 06 18.

Quintinha

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna c/ diversas divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares aproximadamente, muito bem localizada.

Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104-2.º — Telf. 536111/2/3.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios, onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 36259-34755.

ANDARES

VENDEM-SE

À Encosta do Restelo — os 2 únicos que restam em prédio de construção e acabamentos o que há de melhor, lindas vistas sobre o Tejo, 5 assoalh., 2 c. banho, cozinha, c/ exauctores, caixilharia em alumínio, etc. Ver Av. Ilha da Madeira, lote 5.

TRATA:
A LUZÁFRICA
Calçada do Carmo, 6-2.º
Telefs. 368080-324524

Sociedade Estoril

Venda de bilhetes para os domingos

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.

PRÉDIO
COVA DA PIEDADE

Construção de cimento armado, revestido a marmorite, com cerca de 10 anos, composto r/c e 2.º andar, 2 inq. por piso, hab. 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall e roup.º Alugado com rendas baixas.
Preço — 750 000$00
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
E NÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA AUTO-ARGUS, INTERNACIONAL

P. Olegário Mariano, 6-D — Telef. 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave, Tel. 44846.

Austin 1100, 34.500$; Taunus 17 M, 15.000$; Anglia Fascinante de 65, util., 27.500$; Volkswagen, util., 23.500$. Tenho mais unidades. Trata: R. António Pedro, 40, c/v., Telef. 44846.

Contacto

H. NUNES

Telef. 847260
PUBLICIDADE

AUTOMÓVEIS de todas as marcas aos melhores preços.

MAIA
Av. João XXI, 8-A

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. —Av. Republica, 26.
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

ESCOLA SELECTA D. JOÃO I

Rua Marques da Silva, 79 (a Alm. Reis)
Telef. 50182
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

EXCURSÃO A BEIRA ALTA E VALE DO VOUGA

DOMINGO 30 DE AGOSTO

Cmunica-nos a C P. que realiza no dia 30 de Agosto, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa à Beira Alta e Vale do Vouga, incluindo viagem em comboio de 1.ª classe, com carruagem-restaurante, até Aveiro, e ainda um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço no luxuoso Hotel GRÃO VASCO, em Viseu.

PREÇOS

EXCURSÃO COMPLETA

Modalidade 1 ..... 320$00
Modalidade 2 ..... 380$00
(Inclui mais o jantar)

Só transporte em caminho de ferro (ida e volta), com o pequeno almoço oferecido no comboio:

De Lisboa (Santa Apolónia) a { Coimbra-B.. 140$ / Curia ..... 155$ / Aveiro..... 175$

Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e 21.30
De novo o filme do riso total
JACK LEMMON, TONY CURTIS, NATALIE WOOD
em
A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
DE ÊXITO!
Virna Lisi, James Fox e Terry Thomas
numa comédia deliciosa sobre os «encantos» das mulheres...
ARABELLA
(Technicolor)
Uma história para gente crescida!
AR CONDICIONADO

EUROPA
(Adultos) Telef. 661016
Às 21.30 em continuação de ESTREIA
Barry Newman e **Diana Nuedaur** em
O ADVOGADO
SÁBADO e DOMINGO, matinées infantis, ás 18.15 (M. 6 anos)
«O CAMPEÃO DE FATO CINZENTO»
e ainda o **Ursinho Puff**, em
«RITMO DE AVENTURA»

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Uma história dos tempos de Cristo!
Anthony Quinn e **Silvana Mangano** em
BARRABÁS
Devido à longa metragem do filme a sessão da noite inicia-se às 21.30

Estreias — AS DIABRURAS DE SAMMY — Alvalade
de hoje — O DIABO ENAMORADO — Roma e Avis

ALVALADE
(M. 6 anos) (Tel. 717480)
Às 21.45 — ESTREIA
Walt Disney criou
AS DIABRURAS DE SAMMY
Um filme para todas as idades
c/ **Jack Carson**

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
EASTMANCOLOR
Orgulhoso, obstinado, indestrutível
JEAN GABIN em
PARA O MELHOR E PARA O PIOR
Um filme de **Gilles Grangier**

ESTÚDIO
Às 21.45
Às 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
13.ª SEMANA
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
com **Jean Louis Trintignant**

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
4.ª SEMANA
um excepcional filme
MUNDO MULHER
um [illegible] de [illegible]

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 17 anos)
DOIS HOMENS E UM DESTINO
com **Paul Newman**

LIDO
Às 21 e 30 (M. 17 anos)
A consagração de um grande actor — **Anthony Quinn**
UM SONHO DE REIS
Um filme excepcional a não perder!

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
ESTREIA — Às 21.30
Vittorio Gassman e **Claudine Anger** em
O DIABO ENAMORADO
uma comédia irresistível

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15,15 e 18,15 (P. r.) e 21,30
EM 2.ª SEMANA:
O SENSACIONAL FILME DE BRUTAL FEROCIDADE
«COLTS» PARA OS 7 MAGNÍFICOS
com George Kennedy e James Whitmor
CADA BALA TINHA UM NOME...
NENHUMA FALHOU O ALVO
Panavision — (Col De Luxe)

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
FANTASIA MUSICAL
O SUBMARINO AMARELO
com os «BEATLES»

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
ÀS 21 H
UMA EXPERIÊNCIA AMOROSA
NADA DE ZANGAS

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 h
O AMERICANO
O ESCROQUE ELEGANTE

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
Às 21 horas
O DOCE CORPO DE DEBORAH
c/ **Carole Baker** e **Jean Sorel**

ROMA
(M. 17 anos) Tel. 727778
Às 21.45
SENSACIONAL ESTREIA
Uma comédia irresistível
O DIABO ENAMORADO
c/ **Vittorio Gassman** e **Claudine Anger**

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
O filme de Jacques Deray em 11.ª SEMANA
A PISCINA
com **Alain Delon**

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54154-54153
Hoje, ás 15,15, 18,15 e 21,30
Um filme oportuno!
Análise a certa sociedade americana
AMAR SEM AMOR
com **Jean Simmons, John Forsythe** e **Shirley Jones**

VOX
Às 18.30 e 21.45 (Adultos)
5.ª SEMANA TRIUNFAL
Oliver Reed, Carol White e **Orson Welles**
numa história sofisticada, satírica e imensamente divertida
O FALHADO
Um sugestivo filme em magnífica **Technicolor**
AR CONDICIONADO

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EXCEPCIONAL ÊXITO!
A história do terrível segredo de uma brutal vingança...
O SINAL DE DJANGO
com **Anthony Steffen** e **Rada Rassimov**
(SCOPE-COL.)

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
O extraordinário filme
c/ **Brigitte Bardot**
AS MULHERES

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795136
As 21 horas
OS ONZE DO OCEANO
DOIS NA GUILHOTINA

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

VILLARET — Às 21 e às 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — às 15 e às 21: «O capitão Nemo e a cidade submarina» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 14 e ás 19: «Momento a momento» (17 anos).
ARCO-ÍRIS — Às 15 e ás 21: «A noite escaldante do inspector Joss» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Justa vingança» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 14 e às 19: «Os insaciáveis» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Os pára-quedistas» (17 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e às 21: «Aquela endiabrada freirinha» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O foragido do Rio Colorado» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Um perigo em cada curva» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Tempo de massacre» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os maridos de Elizabete» (17 anos)
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «As diabólicas» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Dois homens e um destino» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «A primeira noite» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os gloriosos calhambeques» (12 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Cinco anos depois» e «As loucuras do meu marido» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 45: «Sob o fogo da metralha» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Os canhões de Navarone» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Catarina — Imperatriz da Rússia» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «A pele de um malandro» (17 anos).

● PORTO

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A ira dos deuses» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Música no coração» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «O assunto era rosas» (12 anos)
TRINDADE — Às 2 e 30: «Spartacus» (12 anos)
BATALHA — Às 2 e 30: «Amor quente, amor frio» (17 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Os loucos do amor» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Terror no colégio» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 2 e 30: «Isadora» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O 7.º de cavalaria» e «A maldição de Golem» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Gangsters falhados» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 2 e 30: «Catarina, imperatriz da Rússia» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 2 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).

● COIMBRA

TIVOLI — Às 21 e 30: «Uma ingénua muito especial» (17 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74, (660187).
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (457151) ✲ **Góis, Lda., Sucrs.,** Rua dos Anjos, 12-C-D (840101).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex. Av. da Igreja, 31-C (776905) ✲ **Aeroporto,** Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (722384) ✲ **Rio de Janeiro,** Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409) ✲ **Pinheiro** — R. Presidente Arriaga, 16 (161867).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-E (771661) ✲ **Figueira,** Av. Marquês de Tomar, 20 (449955) ✲ **Cruz Nunes,** Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) ✲ **Novais,** Av. Luís Bivar, 11-13 (443124).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, 41 (311216).
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) ✲ **Valadas, Suc.,** R. da Madalena, 235 (326260) ✲ **Cortez,** R. de S. Nicolau, 93 (325878).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) ✲ **Curie,** Av. Madame Curie, 15-A (778439) ✲ **J. Ribeiro,** Est. da Luz 99-A (780969).
BELÉM — Gomes, Suc., R. da Junqueira, 326 (638198).
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias 68-A (Tel. 611454).
CAIS DO SODRÉ — Africano, Rua Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinhoranda, Rua da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) ✲ **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838) ✲ **Elmo,** R. D. Maria Pia, 358-A (686176).
CAMPOLIDE — Farmácia Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CONDE REDONDO — Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 78 (422239).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco Morais, 1 (771469).
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) ✲ **Rodrigues & Aires,** Rua da Lapa, 52-54 (662246) ✲ **Pinheiro,** Rua Presidente Arriaga, 16 (66[illegible]867).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480).
OLIVAIS — Central dos Olivais, Lda., R. Alferes Barnilaro Ruas, 7-C — Olivais-Norte (315589) ✲ **Antunes Rosas,** Praça Cidade do Luso, lote 199, Olivais-Sul (313610).
PALHAVÃ — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (761035).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720708).
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Lda., R. Braamcamp, 52-C (43409).
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, á encosta do Restelo (612248).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) ✲ **Pereira, Suc.,** R. do Paraíso, 98-100 (863224) ✲ **Branquinho,** Rua dos Sapadores, 87 (842725).
SANTO AMARO — Dileno, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) ✲ **Costa,** Rua dos Lusíadas, 32 (686704).
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901).
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (251851[illegible]).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 243[illegible]084).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 243[illegible]090)
PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia, 62-B (Tel. 247[illegible]785).
ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1 (Tel. 260 39[illegible]); **S. João** — (Tel. 261186).
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) ✲ **Cascais,** R. Conde de Monte Real — Bairro Coixas (282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) ✲ **Carnelo** — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 938308[illegible]) ✲ **Helénica** — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 938613) ✲ **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Telef. 938[illegible]703).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970528).
QUELUZ — Zeller — R. da República, 88 (Tel. 950[illegible]945) ✲ **Correia** — Lg.º do Mercado, 3 (T. 950905).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034).
MEM MARTINS — Química Est. Mem Martins, 285 (T 291[illegible]012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (T. 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 20 (Telef 980155)
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 938920[illegible]).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299038).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (224020).
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 271297.
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional, 174 (224302).
BARREIRO — Moderna R. D. Henriqueta Gomes de Araújo 12 (Tel. 2273[illegible]443)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrocas, 50-A-B (Telef. 276018[illegible]2).
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230870).
SESIMBRA — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETÚBAL — Costa — L. da Misericórdia (T. 227[illegible]60) ✲ **Brasil** — P. do Brasil (Tel. 247[illegible]88).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Telefone 221[illegible]8580).

● PORTO

Aliança, Rua da Conceição, 2 (Tel. 2-42-03) ✲ **Bonfim,** R. do Bonfim, 73 (Tel. 5-2444) ✲ **Cardona dos Santos,** Rua D. Manuel II, 90 (Tel. 2-7188) ✲ **Correia,** Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel. 6-0869) ✲ **Cosme,** R. Costa Cabral, 584 (Tel. 4-1511) ✲ **Ferreira,** Pr. Afonso V, 55-B (Tel. 68-1975) ✲ **Ferreira de Carvalho,** Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640) ✲ **Gomes Ferreira,** Rua Faria de Guimarães, 449 (Tel. 41907) ✲ **Henriques,** Pr. da Batalha, 64-64-A (Telef. 2-5173) ✲ **Luso Francesa,** Rua Sá da Bandeira, 140 (Tel. 2-6134) ✲ **Morena,** L. S. Domingos, 44 (Tel. 2-3545) ✲ **Porto,** Pr. da República, 22 (Tel. 2-0294) ✲ **Prelada,** Rua C. de Francos, 316 (T. 6-4312) ✲ **S. Diniz,** Rua de S. Diniz, 478 (Tel. 4-228) ✲ **Campos,** P.te L. Cabral, 948 — Foz (Tel. 68-0113).

● COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (T. 28802) ✲ **Silcar,** Rua Ferreira Borges (T. 22923) ✲ **Universal, P. 8 de Maio** (T. 29744) ✲ **Adriana,** Praça da República (T. 23609).

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era geralmente fraco, havia neblina ou nevoeiro e chovia em vários locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 30.6°; mínima: Penhas da Saúde, 9.2°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 18°; Faro, 24°; Funchal, 22°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 13°; Portalegre, 17°; Porto, 17°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18,5°; na água do mar: 18,4°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Nas regiões do Norte: Céu muito nublado ou encorberto, aguaceiros e possibilidades de trovoadas; nas regiões do Centro e Sul: Períodos de céu muito nublado em especial nas regiões do Centro onde poderão ocorrer aguaçeiros; em todo o território: Vento geralmetno fraco e neblina ou nevoeiro.

Amanhã
Nascer ás 7 e 2
Ocaso ás 20 e 13

Dia 31 Dia 8 Dia 15 Dia 22

MARÉS:

PRAIA-MAR: **Hoje** — 2 e 12 (3,3 m); 14 e 30 (3,6 m). **Dia 29** — 3 (3,5 m) 15 e 10 (3,8 m). **Dia 30** — 4 e 08 (3,7 m); 16 e 20 (4 m). BARRA-MAR: **Hoje** — 7 e 57 (1,7 m); 22 e 32 (1,5 m). **Dia 29** — 8 e 35 (1,5 m); 21 e 06 (1,3 m). **Dia 30** — 9 e 40 (1,2 m); 22 e 03 (1,1 m).

Acidente com o autocarro da Académica

• Há feridos ligeiros

O autocarro em que viajava a equipa de futebol da Associação Académica de Coimbra teve esta manhã um acidente em Espanha, no seu regresso de Valência, onde ontem jogara contra a turma local. As primeiras notícias falam de feridos ligeiros.

Há indicação de que o acidente teria ocorrido relativamente perto daquela cidade espanhola, quando o autocarro saiu do leito da estrada para um declive. Jogadores feridos — vários. Mas nenhum grave.

CONSTRUA O SEU PRÓPRIO CARRO

Uma empresa alemã ocidental pôs á venda automóveis em peças soltas, verdadeiros «kits» que permitem aos mais interessados pelo automobilismo montarem eles próprios as suas viaturas

VIOLENTA TROVOADA CAUSOU PREJUÍZOS NA REGIÃO DO PORTO

PORTO, 28 — Sobre a cidade e concelhos limítrofes pairou, ao princípio da madrugada de hoje, forte trovoada, seguida de chuva intensa, havendo a registar alguns estragos. Grande parte da «Baixa» da cidade ficou completamente ás escuras, pois as faíscas caíram em algumas centrais eléctricas, uma das quais a da Companhia Portuguesa de Electricidade, em Valongo. Para ali se deslocou o electricista Fernando Barbosa Leão, de 31 anos, casado, do lugar de Castromil Sobreira, Paredes, a fim de reparar uma avaria num poste. Quando pretendia subir ao mesmo, com o auxílio de uma corda. Foi cuspido violentamente contra um muro, devido a ter recebido uma descarga eléctrica. Conduzido ao Hospital Escolar de S. João, ali ficou internado.

Uma outra faísca estilhaçou os vidros da clarabóia do prédio número 26 da Rua dos Caldeireiros, danificando a instalação eléctrica. Um inquilino do edifício, sr. António da Cunha Mendes, reclamou a presença dos bombeiros, tendo-se para ali deslocado as três corporações da didade, que não chegaram a actuar por não haver necessidade.

O incidente, no entanto, causou pânico entre os moradores da populosa artéria.

Em Vila Nova de Gaia, as corporações de bombeiros tiveram tarefa exaustiva, ocorrendo as numerosas inundações, nomeadamente na Avenida Coelho Moreira e Largo Eça de Queirós.

Na casa de lavoura do sr. Manuel Moreira Ascenção, situada na freguesia de Folgosa, concelho da Maia, houve um incêndio provocado por uma faísca. Estiveram a combatê-lo os Bombeiros Voluntários de Ermesinde, que trabalharam durante cerca de três horas.

Os prejuizos devem ascender a algumas dezenas de contos.

Também no lugar de Vinhas, freguesia de S. Martinho do Campo (Valongo), uma faísca caíu na fábrica de ardósia do industrial sr. António Ribeiro Pombo, provocando um incêndio que devorou o travejamento e danificou uma máquina. Os Bombeiros Voluntários de Valongo extinguiram as chamas.

NÃO PODAM A ÁRVORE DO «PONTO»

COIMBRA, 28 — Na Rua Dr. José Falcão, mais propriamente no Largo de São Sebastião da Pedreira, junto á Casa da Infancia «Dr. Elísio de Moura», existe há muitos anos uma árvore, que, em tempo próprio, dá a chamada «flor-do-ponto».

Todos os anos apareciam no local os jardineiros da Camara, que a podavam, não a deixando crescer muito — e tudo estava bem. A partir de certa altura, porém, deixaram a árvore crescer á vontade, e de simples ornamento começou a tirar a vista a quem do Pátio da Universidade desfruta o panorama do rio, acompanhando as duas margens até Vila Franca na margem direita e Lapa dos Esteios na outra margem.

O corte da árvore não prejudicava ninguém e os turistas beneficiariam de um belo panorama. Haverá, pois, tesouras em armazém para cuidar deste espécime tão ligado á tradição académica?

O CASO DA MENINA DEVORADA POR LOBOS E RAPOSAS

VILA VERDE, 28 — Continua envolta em certo mistério a morte de uma cvriança de 11 anos, Maria Isabel da Cunha Barbosa, natural de Freiriz e ali residente, cujos restos mortais foram encontrados num pinhal por rapazes que andavam numa ronda. O corpo só foi reconhecido por fragmentos de ropas, devendo a pequenita ter sido devorada pelos lobos e raposas.

A mãe é uma pobre jornaleira, sr.ª Elvira da Conceição Cunha, tendo mais três filhos. Parece que ela teria comunicado o desaparecimento da filha, mas outros problemas surgem. Uma versão diz que a criança teria ido com outras companheiras pora uma romaria; segundo outra versão, o irmão mais velho, de 12 anos, teria batido á Maria Isabel que, depois disso, teria fugido de casa.

As autoridades vão averiguar de que realmente se trata e as condições em que se deu o desaparecimento.

Gás lacrimogéneo num espectáculo soviético em Chicago

WASHINGTON, 28 — (A. N. I.) — A secretaria norte-americana de Estado comunicou á Embaixada da U. R. S. S. que lamenta o incidente registado ontem, á noite, com o lançamento de gás lacrimogéneo num teatro de Chicago em que actuaça a companhia soviética de «ballet» Moiseyev.

O conselheiro cultural da embaixada Russa, Vlantin Kamenev, esteve na Secretaria de Estado, a protestar e a pedir garantias de que o incidente não se repetirá. Foi-lhe respondido que o Governo lamentava o caso e procuraria evitar a sua repetição.

REJEIÇÃO ISRAELITA DA IDEIA DE UMA FORÇA RUSSO-AMERICANA

(Continuação da 1.ª página)

nha a ser concluído entre os árabes e Israel.

«A introdução deste novo facto no Médio Oriente só serviria para nos afastar de uma paz real», acentuou Allon. «O que os americanos deveriam fazer seria propor que eles próprios e os soviéticos abandonassem o Médio Oriente. Mas, no caso dos soviéticos se recusarem a fazê-lo, será, sem dúvida, útil que os americanos se encontrem na região».

OPINIÃO ÁRABE

BEIRUTE, 28 — (R.) — O jornal pró-egípcio «Al Shaab» rejeitou, hoje, a sugestão de uma força russo-americana de manutenção da paz no Médio Oriente, dizendo que «isso significaria simplesmente a ocupação do Médio Oriente, de uma forma adaptada á época actual, com a divisão do território entre as duas grandes potências».

«Isso significaria darem-nos a paz e o sossego, mas roubarem-nos a liberdade e a independência, tal como acontecia nos tempos do antigo e tradicional imperialismo», prossegue o jornal.

«Israel poderia gostar de ver tropas americanas no seu território a protegê-lo, pois Israel e os americanos são uma e a mesma coisa.

«No entanto, nós, os povos que suportaram o imperialismo, temos um complexo de medo em relação a qualquer ocupação por forças de uma grande potência.

«Os soviéticos são, sem dúvida, nossos amigos, mas a amizade é uma coisa, e a ocupação é outra».

FESTAS EM PAÇO DE ARCOS

Com a inauguração do arraial, começam amanhã, á noite, em Paço de Arcos, as festas em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, que se prolongam até ao dia 6 de Setembro.

O programa de domingo inclui uma romagem dos bombeiros voluntários ao monumento dedicado ao Patrão Joaquim Lopes, regatas (classes P. B. C., Sharpies 12 m., Vougas, Finns, Snipes, Flying Junior, Cadetes e Mothe), missa solene, procissão do Senhor Jesus dos Navegantes e concerto publico pela banda de musica da Casa dos Pescadores da Costa da Caparica.

AS BALANÇAS COMERCIAIS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

(Continuação da 1.ª página)

Com efeito, o comércio externo de Angola teve um saldo positivo de 4 280 315 toneladas e 543 058 mil contos, já que as exportações atingiram 4 692 462 toneladas, no valor de 5 366 648 contos e as importações elevaram-se a 412 147 toneladas, no montante de 4 823 590 contos.

Em relação a idêntico período do ano anterior, exportaram-se em 1970 mais 1 290 986 toneladas, no valor de 1 131 758 contos. A importação sofreu também um aumento (em relação a igual período de 1969) de 11 270 toneladas e 606 649 contos.

O C. I. T. A. distribui ainda um quadro dos produtos que, no comércio especial, mais contribuiram para o aumento nas exportações, entre os quais se destacam:

Café em grão — 92 849 toneladas, no valor de 1 853 252 contos; diamantes em bruto (quilates) — 1 186 655, no valor de 1 091 360 contos; minérios de ferro — 2 563 205 toneladas no valor de 582 173 contos; petróleo em bruto — 1 497 013 toneladas, no valor de 487 537 contos; algodão em rama — 9789 toneladas, no valor de 169 690 contos; sisal (fibra) — 40 084 toneladas, no valor de 152 331 contos; banana fresca — 17 349 toneladas, no valor de 59 057 contos; fuel-oil — 107 834 toneladas no valor de 44 630 contos; pastas para fabrico de papel — 14 893 toneladas, no valor de 44 625 contos; óleo de palma — 5740 toneladas, no valor de 30 992 contos; sementes de algodão — 16 995 toneladas, no valor de 24 909 contos; e peixe fresco, vivo ou morto, refrigerado ou congelado — 3130 toneladas no valor de 19 218 contos.

Quanto á balança de pagamentos de Moçambique, que registou, nos cinco primeiros meses do ano, um saldo negativo de 790 278 contos, deve salientar-se o seu carácter deficitário nos ultimos anos. Recorda-se que, no ano passado, o saldo negativo se elevou a um milhão e duzentos mil contos, mais do total dos saldos negativos registados de 1966 a 1968.

Nos meses de Janeiro a Maio deste ano, os principais saldos negativos dizem respeito ás rubricas: mercadorias (—1 622 640 contos); seguros e resseguros (—12 599 contos); rendimentos de capitais (—83 222 contos); transferências privadas (—85 804 contos); capitais privados (—172 596 contos). Em relação a idêntico período do ano anterior, verifica-se, nas principais rubricas, um aumento de 51 763 contos.

MESA REDONDA

Universalidade do jornal

JOÃO PERESTRELO

A «estrutura» da sociedade, por muito que pese a contradição, é uma anti-estrutura. Com efeito, ainda que contraditòriamente, trata-se de uma «estrutura» essencialmente dinâmica!

O que, em última análise, mantém de pé a «estrutura» social não são as rígidas convenções, as leis imutáveis (?) da vida, alguma superestrutura coisificada que obrigue os homens a manterem-se relacionados. Se aceitarmos o ser humano como pessoa, independente e autónoma, é no livre exercício da sua capacidade de relacionamento que subsiste a vida social. Necessário á sua expressão e vivência como pessoa, o relacionamento com o semelhante processa-se no campo do espírito e não num hipotético campo material mecanicista e determinante. Necessária, a relação como tal, torna-se livre na opção das pessoas e formas de relacionamento, que não estão predeterminadas para cada pessoa. Necessitante ou natural o modo de existir da pessoa, não é necessário na sua forma de realização concreta, «hic et nunc».

Pois que a escolha ou aceitação do «módulo» de relacionamento social é livre, ao nível da mónada social (a pessoa humana), é de tipo espiritual, fenómeno de consciência (bem ou mal esclarecida, não interessa agora) o elemento determinante á sustentação da sociedade. Será também, na troca de conteúdos conscientes que se processará, ainda no campo lógico, o surgimento e manutenção da estrutura social.

Tudo isto para concluirmos da radical necessidade do «diálogo social» para que de sociedade se possa falar. A sociedade contrapõe-se a um eventual somatório de indivíduos, exterior ou interiormente coagidos, que poderão constituir a famigerada «Massa» ou um disciplinado exército. São aqui dois tipos de aglomeração de pessoas a que por autonomásia chamamos de social, mas que quando sociedade formarem será por outros motivos do que a imposição, por hipótese cega, dos «instintos» ou de uma disciplina extrínseca ao indivíduo.

A sociedade, portanto, precisa de diálogo não como simples troca de palavras, mas enquanto fenómeno de interacção que efectivamente mantém interessadamente dependentes os indivíduos que dialogam.

Mesmo nas sociedades habitualmente consideradas como mais autoritárias e rígidamente disciplinadas (e podemos citar por exemplo, a Igreja Católica) aceita-se esta função primordial do diálogo, bem como se defendem os seus orgãos, instrumentos ou meios de comunicação do diálogo social.

Desde os velhos púlpitos, em que publicamente se exteriorizam ideias e comportamentos interessantes aos ouvintes (se o não fossem desertaria o auditório), até ás modernas técnicas de rádio e televisão, aceita e fomenta a Igreja o uso dos meios ou instrumentos de comunicação social. De meia idade e por isso gozando de energia de relativa juventude e da experiência da idade madura, avulta hoje entre os instrumentos de comunicação social, o periódico impresso ou, mais corriqueiramente, o jornal.

O periódico impresso é um dos instrumentos mais discutidos e mais temidos na vida pública moderna. Impresso, preto no branco, goza do prestígio e aparente durabilidade do documento escrito, do livro em que se registam para os séculos os acontecimentos, funestos ou gloriosos, de história do homem. Escrito para a actualidade; e á custa dos acontecimentos efémeros do dia-a-dia, sofre do desprestígio inerente á indeterminação essencial ao acontecimento presente, cujo valor e consequências ainda se não impuseram.

Mas, quere-nos parecer, não serão estes os dois aspectos determinantes do prestígio ou desprestígio reais do jornal. Dedicado á actualidade, é por isso mesmo estruturalmente efémero; impresso e capaz de durar, mais do que um som pronunciado e ouvido ou de uma imagem animada e captada, partilha naturalmente do prestígio e responsabilidade de toda a coisa escrita. Muito embora, não é função do jornal estabelecer um documentário para arquivo, mas sim servir de órgão típico do diálogo social. Podem existir, existiram e existem, «civilizações orais». Mas a nossa civilização (qualquer que seja o juízo de valor a fazer sobre ela) é uma «civilização escrita». E é por isso que nela desempenha tão relevante

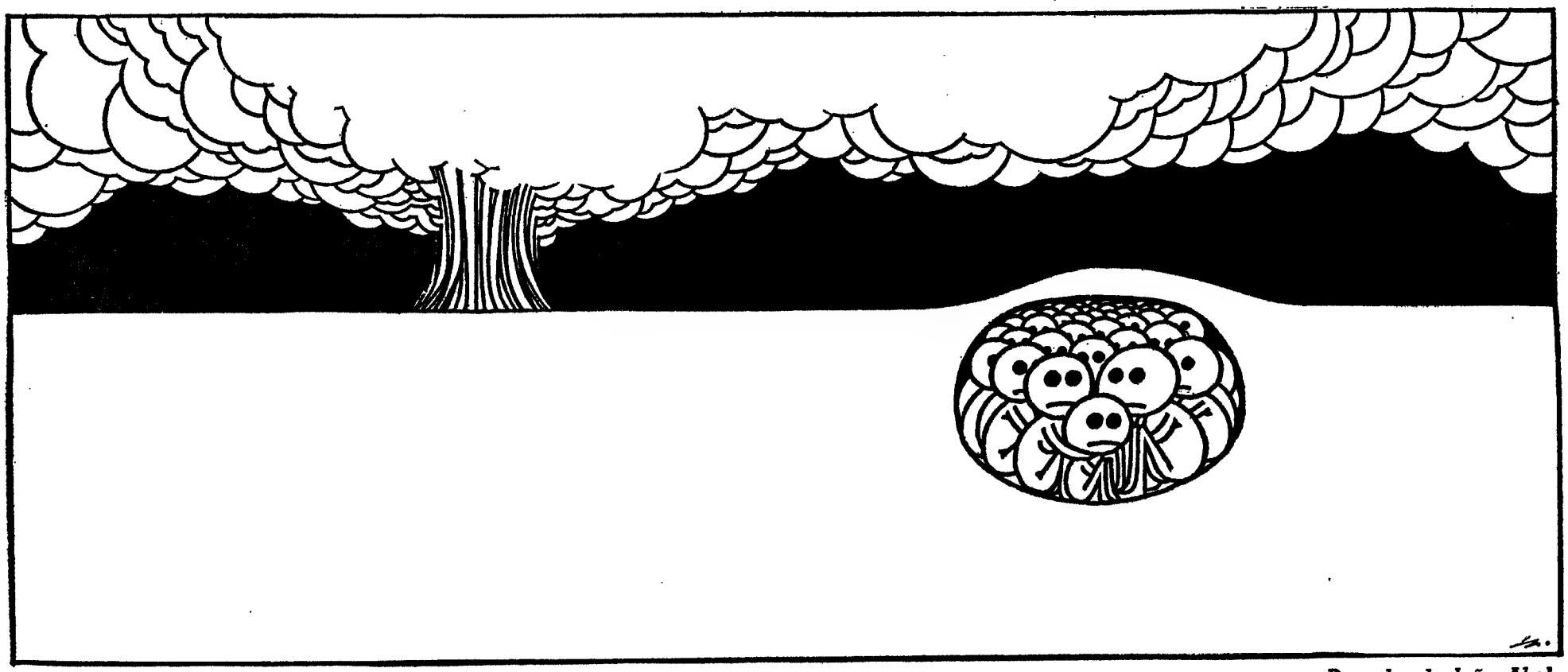
Cont. na pág 10

Um decreto-lei recente prevê facilidades no sentido da concentração das empresas que se dedicam à industrialização do tomate. O facto sugere dificuldades — aliás, reais — que não existem sómente para a indústria. Também os produtores ameaçam — ou serão obrigados — a desistir. Da ascensão rápida passamos para a queda vertiginosa? (Reportagem e comentários nas páginas centrais)

Outros temas em debate

— *Milhares de padeiros desejam o regime de trabalho diurno. Alguns dizem porquê, na pág. 3.*

— *Para que serve a música? Em «A música que consumimos», Leonor Martinho Simões apresenta-nos amplo inquérito sobre tema tão actual (Págs. 4 e 5).*



CONSTRUÇÕES NA AREIA (FIM)

Desenho de João Abel

ASSIM VAI O MUNDO

Um relatório do «Population Reference Bureau» sobre os «programas internacionais de população» alerta o mundo para o crescimento sem precedentes da população mundial. «Num período de cinco anos, compreendido entre Julho de 1965 e Julho de 1970, a população do mundo terá aumentado em 343 milhões de pessoas, o mais rápido crescimento na história da humanidade. No ritmo de crescimento actual, a grande família humana aumenta à média de 1,4 milhão de pessoas por semana; 199 014 por dia; 8292 por hora; 138 por minuto.»

Com a presente taxa anual de crescimento, da ordem de 2 por cento, o mundo terá 72,6 milhões mais de pessoas em 1970 — mais do que em qualquer outro ano da história e mais do que a população actual conjunta do México e da América Central. Este acréscimo representará a diferença entre o número estimado de 123,4 milhões de nascimentos e 50,8 milhões de falecimentos.

Áustria

Denotando seguro progresso na sua economia, a Áustria utiliza já uma forte percentagem de mão-de-obra estrangeira: 37 887 operários emigrados em 1969, para um total de 615 850 trabalhadores que se empregam na indústria austríaca, no mesmo ano. Este último número representa um acréscimo de 3,5 por cento em relação ao ano anterior. A indústria que se dedica ao fabrico de artigos metálicos, a metalomecânica e a indústria têxtil acusam a subida maior.

Retalhistas

Apesar de terem sido retirados da produção cerca de 300 000 hectares de terra arável e de o número de lavradores ter sido reduzido em 50 por cento nos últimos dez anos, a produção agrícola da Suécia aumentou durante o mesmo período, em consequência do constante aperfeiçoamento de métodos cuja eficiência é cada vez mais elevada — afirmou recentemente o ministro sueco da Agricultura, sr. Ingemund Bengtsson.

É de interesse referir que este tipo de concentração e organização reflecte-se em toda a estrutura económica daquele país nórdico: três organizações de supermercados vendem, em conjunto, 44 por cento do consumo sueco a retalho, enquanto uma cadeia de cooperativas facturaram 42,2 por cento. Restam 13,9 por cento para os retalhistas independentes, quase a desaparecerem.

Paz social

De Michel Bosquet (o pseudónimo com que André Gorz assina os seus artigos no «Nouvel Observateur»: «Os lucros do sector privado bateram todos os «records»: aumentaram 42 por cento no curso dos dois anos que passaram e continuarão sem dúvida a aumentar a um ritmo semelhante até ao fim deste ano.

«Este aumento dos lucros não impediu um aumento, bastante excepcional em França, dos salários nominais, a um ritmo à volta dos 10 por cento por ano. É o preço que o patronato e o Estado pagam pela manutenção de uma relativa «paz social». E este preço não é elevado: na Grã-Bretanha e na Alemanha Ocidental, a subida dos salários, desde há um ano, é da ordem dos 15 por cento, e ultrapassa os 20 por cento na Itália e no Japão».

A aposta sueca

Não obstante estes êxitos (diz o citado jornalista) a política do Governo francês «não satisfaz ninguém». E explica porquê:

«A *aposta sueca*» (do governo Chaban-Delmas) «com efeito, não pode ser tornado *crível* se não por um governo apoiado numa larga base popular e que utilize as suas funções sociais para se tornar o mediador das diferentes classes e dos seus respectivos interesses. O poder político, numa sociedade burguesa, não é outra coisa se não esta capacidade de mediação. Os dirigentes social-democratas suecos puderam durante muito tempo desempenhar esse papel porque eram a emanação duma classe operária jovem, sem tradição nem ideologia, perante uma burguesia, igualmente jovem, muito concentrada e incapaz de exercer sòzinha o poder político».

Previsões

Em 19 de Julho os guerrilheiros bolivianos reapareceram raptando dois técnicos alemães cuja libertação trocaram pela de dez prisioneiros políticos

Este acontecimento desencadeou uma reacção dos grupos da extrema direita. O general Ovando, Presidente da República, proclamou o estado de emergência e demitiu o Governo. Há quem espere que o novo gabinete exprima uma inclinação política para a direita e a docilidade relativamente aos Estados Unidos. Outros pensam pelo contrário que Ovando tenta desembaraçar-se dos *ultras*, a fim de poder continuar a sua política *nasserista*. K. S. Karol, que dá conta destas previsões num artigo de meados de Agosto, acredita mais na primeira do que na segunda.

Inabitável

Pouco mais ou menos na mesma altura em que o Exército americano se apresentava a afundar 418 recipientes de gás letal no Atlântico, o Presidente Nixon pedia ao Congresso a aprovação do programa de luta contra a poluição falando com dramatismo da «necessidade de se evitar um desastre ecológico».

Poderíamos comentar com a réplica do Santo: «Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço», mas seria uma maneira de passarmos adiante quando estão a tornar o mundo *materialmente* inabitável.

Não foi arredada a hipótese de os recipientes de gás letal afundados no Atlântico virem a explodir...

Automóveis

Com 116 automóveis por cada 1000 habitantes, a Espanha acusa um progresso notável, neste campo, em relação a 10 anos atrás. Por outro lado, a produção industrial de veículos automóveis, para consumo interno e para exportação, indica-nos números muito interessantes em relação ao primeiro semestre deste ano: 223 562 carros de turismo e 50 011 veículos industriais, segundo informação do Sindicato Nacional del Metal. «Seat» (do grupo «Fiat») está á frente, largamente, pois no mesmo período produziu, só á sua conta, 137 864 veículos. Seguem-se a Renault, a Chrysler e a Citroen.

Quanto ao número de veículos por 1000 habitantes (116,50 em 1969), é curioso verificar que em 1967 tinha sido 94,55 por cada mil; em 1964, 61,56, e em 1960, 33,02.

Que alusões?

Palavras de um dirigente da Associação Académica de Coimbra a propósito da morte do estudante e futebolista Nene *publicadas na* Bola *de 20 do corrente:*

«Pelo que respeita ao aspecto da vida militar de Nene, foi-lhe criado um tremendo clima emocional, com alusões perturbadoras ao seu futuro, clima esse que, ao fim e ao cabo, esteve na base de todos os desequilíbrios psicológicos que o afligiram ultimamente e, de modo especial, naquela fatídica noite da sua morte. As confidências por ele feitas, então, ao seu colega Feliz, dizem bem do estado de espírito em que se encontrava».

Poder-se-á saber mais concretamente de que «alusões» se trata?

Inconvenientes

Os Grémios de Camisaria, de Malhas, de Tecidos e Modas para Senhora e das Sapatarias pediram à Câmara Municipal do Porto o regime de semana-inglesa todo o ano (semana das 44 horas). A resposta da Câmara Municipal do Porto foi negativa. Foi aprovada por unanimidade uma declaração feita pelo dr. Rolando Vanzeller justificando o estudo do futuro «regime» de semana-inglesa e a reprovação do regime de semana americana:

«Se juntarmos a este pedido aqueles estabelecimentos que conseguiram já a semana-inglesa, veremos, com tristeza, a nossa cidade tomar neste dia um aspecto mortiço, inútil, do ponto de vista comercial, preguiçando até ao domingo, sem qualquer vantagem para a população, pois a maior parte das vezes a inclemência do tempo não permite que ela se ausente da cidade, com o fim de se recrear e, por outro lado, como não lhe é permitido fazer as suas compras na cidade, vê-se obrigada a recorrer aos estabelecimentos que se encontram abertos fora do perímetro do Porto. Srs. vereadores, é inegável que, do ponto de vista individuo, é justa a concessão de um fim-de-semana; mas, então, recorra-se a uma solução intermédia, de forma que todos, na medida do possível, vejam satisfeitas as suas aspirações.»

ASSIM VAMOS NÓS

Aumento

O aumento dos índices de preços no consumidor em Luanda, preocupa o Banco de Angola. De 1968 (média dos índices mensais) a Junho de 1970, os índices de alimentos e bebidas aumentaram 17 por cento (Base: Dezembro de 1965 = = 100), a habitação 22 por cento, os produtos de higiene, 22 %; os transportes, 17 %, o vestuário, 25 %, e a «cultura e distracções», 17 por cento. Este aumento, num curto espaço de tempo, representa uma queda no valor dos salários em Luanda.

Impossível

Da Página de Economia e Finanças do Diário de Notícias (18-8) transcrevemos uma passagem do artigo Comparações Económicas Internacionais — Porquê? *que é a expressão de um pensamento que tem por impossível um isolamento português á face dos movimentos de integração internacionais (subentende-se, certamente,* em concreto, *o Mercado Comum).*

«Numa economia internacional cada vez mais integrada e competitiva, não é possível considerar isoladamente o desenvolvimento económico português; ainda (o que não é o caso) que o nosso país se tivesse abstido de participar, a nível oficial, em esquemas de integração económica internacional, bastaria o visível e crescente envolvimento da actividade industrial portuguesa na órbita de grupos estrangeiros e multinacionais para tornar utópicas, entre nós, quaisquer veleidades de isolamento ou autarcia».

POR QUE NÃO?

Trabalho diurno para os padeiros

Trabalham de noite, quase esquecidos, para garantir uma «regalia» quase romântica, das poucas que restam neste tempo de progresso obrigatório: o pão fresco (aliás, de má qualidade), distribuído com o nascer do sol — ou antes. Trata-se, pois, dos profissionais assalariados da panifcação, classe bastante numerosa (apesar da sangria da emigração, que também os atingiu), com problemas graves, profissionais e humanos, cada vez mais desprotegidos na exacta medida em que o patronato ligado áquela indústria se protege a si mesmo: pioneiros modernos da concertração empresarial, os industriais padeiros gozam, ainda, de certas prerrogativas que disfarçam bem a congelação de preços imposta ao pão, produto que, entre nós, continua a ser considerado como base de alimentação.

Isto é o que pudemos apurar através de uma série de contactos. Sabemos que o problema é muito mais extenso, e vamos procurar levantá-lo ouvindo outros sectores ligados à Lavoura, à moagem, à própria indústria.

Hoje, porém, preocupa-nos a situação dos operários da mesma, os profissionais de panificação, os amassadores e forneiros, os ajudantes, os expedidores, os caixeiros. Estes homens têm um sindicato e um contrato colectivo de trabalho assinado em 1955, alterado em 1963 para um aumento de salários da ordem dos 10 por cento. Ouvimos alguns deles sobre problemas que lhes dizem respeito.

SITUAÇÃO DE ABANDONO

— Somos uma classe abandonada, até pela própria direcção do Sindicato — disse-nos o sr. Armando Coelho da Silva, ajudante de padaria. — O Sindicato não exerce qualquer acção. Divorciou-se de nós. Não fiscaliza, nem ao menos o número considerável

ARMANDO DA SILVA

de menores indocumentados que trabalham na indústria de padaria. Nem a falta de higiene e de condições humanas em que muitas vezes temos de exercer a profissão. Repare só nisto: o contrato colectivo de trabalho em vigor desde 1955, foi denunciado pela actual direcção no principio deste ano. A mesma direcção teve, portanto, de apresentar um projecto de contrato (que os patrões se recusam a assinar, diz-se, enquanto não for publicado o novo regime cerealífero — até quando? mas não o submeteu ao conhecimento e aprovação da classe, através da via legal que é a assembleia geral. Soubemos de algumas cláusulas do mesmo, mormente os salários pedidos, através de outras vias. Diga-se de passagem que esses salários ficam muito aquém das necessidades reais dos trabalhadores na panificação.

ESTRATAGEMAS

Do mesmo mal se queixa o sr. Manuel da Silva Pinho, expedidor:

— As nossas condições de vida são quase desumanas—disse-nos. —Não bastara já o tipo de horário que nos é imposto; temos ainda de viver com um salário de miséria, em casas subalugadas, em condições difíceis de classificar. E a Previdência? Muitas empresas não fazem descontos sobre o salário real, mas sobre os mínimos impostos pelo contrato coletcivo — média de 36 escudos diários! De modo que, em caso de doença, a percentagem que recebemos da Caixa relaciona-se com aquele salário. Como pode ser isto? Depois, sabe, o patronato foge — há poucas excepções —à sindicalização e obrigatória inscrição na Caixa de Previdência. Ninguém fiscaliza isto, como pode haver cumprimento da lei? Cada qual defende os seus interesses, e vence o mais forte. Veja que até já estão a reorganizar os dormitórios nas padarias que deixaram de coser e são, agora sómente depósitos de venda. Essses dormitórios, que albergam rapazes da província que ingressam na profissão, já tinham sido proibidos no tempo do Mouzinho de Albuquerque, de tal modo são anti-higiénicos.

MANUEL SILVA PINHO

É POSSIVEL O TRABALHO DIURNO

O trabalho (nocturno) dos padeiros constitui uma das excepções previstas na lei. Por isso não é indemnizado especialmente. O horário em vigor deve, em princípio, ir das duas às 10 horas de cada dia, incluindo uma hora para a refeição. Parece, contudo, que as coisas nem sempre (ou quase nunca) se passam assim. Vejamos o que nos disse, a propó-

Cont. na pág. 10

Mnemonika

J. MARTINS GARCIA

O filho do célebre senhor de **La Palice** respondeu um dia a certo cavalheiro que lhe explorava a hereditariedade com intuitos cómicos: «Saiba, caro senhor, que eu ainda não pisei o solo da Lua pelo simples facto de não viver no século XX!».

Poder-se-á exclamar **Tal pai tal filho!**, poder-se-á sorrir, rir ou gargalhar. Mas não se poderá negar fácilmente á evidência os direitos de representação e de encarnação. **La Palice** filho tem lugar no Panthéon da Evidência. **La Palice** filho poderá entrar nessa ambiguidade que dá pelo nome de História. E, como diria o neto de **Monsieur de La Palice**, «a História nunca se repete... mas gagueja!».

Dizia **Monsieur de la Palice**, o Velho, que Mnemonika era a arte de fazer digerir a um burro um molho de cardos, fazendo-o crer que de pão-de-ló se tratava. A definição, que o incauto julgará apreender á primeira vista nas dimensões parvo-zombeteiras, traz a marca das evidências e implícitamente um ror de armadilhas. Uma análise, mesmo superficial, da referida definição não poderá esquecer o carácter da vítima escolhida — o burro — nem um provérbio que diz: **Burro com fome cardos come**; nem a pitoresca frase: **Antes sustentar um burro a pão-de-ló.**

A primeira vista Mnemonika, de raiz nobre, parente próximo das divindades ociosas que habitavam gratuitamente a carcaça dos poetas antigos, parece bem afastada da condição do burro, pobre animal que, depois de montado por Sancho, se manchou de tanta baixeza que comporta todos os ditos e todas as calunias que o humano engenho lhe atira para o lombo. **Monsieur de La Palice**, porém, com a sagacidade **sui generis** que todos conhecem, querendo definir Mnemonika, não se lembrou de outro animal. Vejamos o início da frase: «arte de fazer digerir a um burro...»; se associar Mnemonika a tão desprezado animal já nos parece heresia, o vocábulo que representa o elemento activo da operação mnemónica é nada mais nada menos que **arte**, essa ambiguidade a que normalmente se associa a **beleza**. Mas o senhor de **La Palice** devia possuir da arte uma concepção assaz degradada, porque a arte de fazer digerir algo a alguém escapa inteiramente á dignificação estética. **Arte**, na definição do velho **La Palice**, lembra-nos logo a cadeia **artifício, artificioso, artificial**, isto é, uma série de mistificações que, tendo embora raiz na arte, não seguem o rumo artístico. Como **fogo de artifício, cavalheiro artificioso, discurso artificial**... formas **artificiais**, testemunho de engenho aplicado com astucia, mais do que com arte, forma de **artimanha**, talvez de **malas artes**. Ora, não sendo o burro susceptível de sensibilidade artística, o elemento activo — arte — aplicado á vítima — burro — s5 deverá ser entendido como **artimanha** (ou **malas artes**) capaz de mistificar o real. Neste caso, entenda-se por real um molho de cardos e por realidade mistificada o pão-de-ló. E' visível o parentesco entre o significado nobre de **arte** e o seu significado degradado em artimanha. Semanticamente o laço que se estabelece entre ambos consiste na capacidade de transformação inerente á arte, o poder alquímico da arte, divergindo ou para o êxtase ou para a alienação; de qualquer modo atribuindo ao real uma carga sugestiva que o transforma em algo qualitativa e funcionalmente diferente.

Mnemonika é arte... mas arte com artimanha. Mnemonika é artimanha destinada a fazer digerir a um burro... Falemos agora do vocábulo **digerir**. **Monsier de La Palice** poderia ter dito **comer, engolir...** Mas não. Digerir não é comer nem é engolir. Digerir é assimilar, incorporar no organismo. O burro que **assimila** cardos, julgando tratar-se de pão-de-l5, torna-se vítima irremediável da artimanha, na medida em que, joguete do ludíbrio, acha saboroso o manjar, digere-o por precioso. Mnemonika é arte, mas arte poderosa, alquimia capaz de proporcionar a melhor das digestões. Mnemonika, a divina, aplica-se ao burro, o animal desprezível. Tamanho desconcerto só é possível graças á **arte**, artimanha, um dos atributos de Mnemonika. E o burro, cujo atributo é o de ser burro, digere. Mas digere porquê?

Aqui começa a justificação do burro, aqui entra em jogo o provérbio, á laia de atenuante. E' que **burro com fome cardos come.** Tal constatação faz-nos crer numa subalimentação tradicional do burro. Nos tempos do feudalismo não era um animal nobre; a burguesia herdou-o já conspurcado por Sancho Pança; a Revolução Francesa ignorou-o talvez por causa do tamanho das orelhas; e hoje parece não interessar aos novos Estados. O burro tem ficado sempre á margem dos grandes embates históricos; é um animal incapaz dum mínimo de consciência cívica. Sendo assim, é natural que nenhum regime se tenha preocupado com melhorar-lhe a ração. Por isso, quando a fome aperta, o burro até come cardos, a planta imprestável que nem o Diabo seria capaz de rilhar. Digere-os.

Digere-os, como se de pão-de-ló se tratasse. E aqui entra em cena o outro provérbio: **Antes sustentar um burro a pão-de-ló.** Pão-de-ló — eis o manjar que o burro nunca verá á sua frente. O provérbio traduz o receio duma despesa exorbitante ou o absurdo duma situação. O que se rejeita com todas as forças, o que não entra nos quadros do entendimento, o que não se aceita de modo algum, o que nunca poderá vir a ser realizado — tudo se concentra na frase **Ah não! Antes sustentar um burro a pão-de-ló.** Porque o pobre do burro nunca lhe porá a vista em cima.

Nunca?! Ah sim, comerá pão-de-ló **em espírito** quando, suficientemente debilitado pela subalimentação, propenso a miragens e a visões, encontrar alguém que, pelo poder mágico de Mnemonika, converter os cardos em saboroso manjar — para digerir, para digerir...

☆

Mnemonika alimenta. Mnemonika conforta. Dotada de poderoso ilusionismo, reinou por séculos e séculos. Mnemonika facilitou, Mnemonika ensinou. Ensinou Lógica, Gramática, Retórica, etc. Silogismos, figuras de todos os tamanhos, regras do bom uso, flores de estilo. Mnemonika ditou para as oclusas surdas PATACA e para as sonoras BODEGA. Sábio sem Mnemonika sempre pareceu navegador sem bussola. Mnemonika era a transmissão de bens, de sabedoria, de beleza, de moral, de direito, de tudo quanto era belo e bom. Mnemonika era um monumento sem brecha. Mnemonika tornava o duro mole e o difícil fácil, Mnemonika bafejava de bênçãos os seus eleitos, o numero dos iniciados nas suas concavidades balsamicas. A todos os seus fiéis Mnemonika garantia a perenidade, a deles e a do seu mundo. Mnemonika conquistou o mundo culto: era uma comodidade altamente culta transmitida de eleitos para eleitos e de geração em geração. Mnemonika tudo sabia e tudo ensinava. E o Homem, esse bicho orgulhoso e preguiçoso, sorvendo os legados de Mnemonika, chegou a escrever nos frontões dos monumentos: HOMO EST MNEMONIKA.

Mas um dia chegou o triste momento de contestar o despotismo de Mnemonika. Vieram os blasfemos da Ciência, curiosos e famintos. Destronaram Mnemonika e proclamaram o direito de penetrar, de analisar, de medir e de pensar. Esse movimento, felizmente, não passou de uma pequena nuvem sobre a divina fronte de Mnemonika. Reorganizadas as coisas conforme os novos interesses, os novos deuses depositaram aos pés de Mnemonika os frutos da inteligência, da penetração, da análise, da relacionação, da medição, do pensamento e da síntese. Mnemonika saiu da luta mais imponente que nunca, recheada de ciência e de experiência. Mnemonika, evoluída, ditou novos estribilhos.

Um Dicionário do século XX dá de Mnemonika a seguinte definição: «arte de facilitar as operações de memória por meios artificiais, ligando ideias e factos difíceis de reter a factos e ideias mais familiares e mais simples — o que nos mostra quão atractivos são os reinos de Mnemonika.

Já não é a Mnemonika escolástica, aquela vetusta divindade. Como manda o bom senso, actualizou os seus métodos. Já aceita nos chamados «meios artificiais» um sem-numero de aparelhos que outrora teriam sido queimados na fogueira publica. Nada de alarmes: Mnemonika é poderosa e sabe aproveitar, até publicitáriamente, os frutos da ciência contemporanea.

Interrogada sobre essa abertura ás coisas modernas, Mnemonika respondeu: «Mas, caro senhor, eu já dizia, em plena Idade Média, que não usava então os meios audio imaginativos porque ainda não tinha surgido o vosso brilhante século!».

Por onde se vê claramente a afinidade que existe entre os raciocínios de Mnemonika e os da família **La Palice**.

A música

A música «ligeira» que se ouve. Que sai, agressiva ou molemente, das telefonias, dos transistores de domingo ou de fim de dia. A música que as discotecas querem que a rua ouça; a música dos discos mais vendidos. A música dos discos emprestados, gravados ou só ouvidos, a música a que são dadas honras de televisão, que chega cada dia a quantas pessoas pelo País á espera do que a televisão dará. A música das reuniões não musicais mas musicadas, a música que se dança, ou que se ouve, ou que «faz ambiente». A música dos altifalantes das praias, das feiras, a música das «boites», dos «dancings», a música das «joke-boxes». Música «ligeira» — música popular urbana.

Música que se consome, música que se prefere, música que se vende e que se compra. Qual é e o que é essa música? Quais as razões de uma preferência? Qual o seu papel na formação (ou deformação) das pessoas que a consomem (justificando-a)?

No encontro e nas palavras de pessoas sem preparação musical, quisemos esboçar respostas ou caminhos para elas. Importou-nos ir «mesmo» procurar nas pessoas, e em relação á música de que gostam, os motivos, as razões de ser, a exigência, e até averiguar a importância que dão ao problema.

O velho que encontrámos num jardim de Lisboa pode ser um símbolo de grande parte da massa de gente que passa nas ruas, meio a dormir, meio apressada, sem vontade de parar sobre o quer que seja. Quando quisemos iniciar uma conversa com ele, e sem termos dito de que se tratava, ou sobre que faríamos, semiabriu os olhos para dizer:

— «Eu desconheço essas coisas, menina. Eu estou a dormir». (Com o que, se calhar, queria dizer que desconhecia tudo, e que dormir pode ser um modo da vida que espera pela morte).

A falta de educação musical em Portugal

Todas as pessoas com quem falámos afirmaram «gostar», «gostar muito», até «adorar» música, ao mesmo tempo que nos confessaram a sua mínima cultura musical, e, em grande parte dos casos, uma vontade viva ou já submersa de a aumentar.

Uma empregada de escritório de 46 anos, Maria Alexandra Soares, disse:

— Por acaso gostava de saber música. Gostava de tocar piano. Gostava muito de cantar, acho que a pessoa pode exprimir uma quantidade de coisas, atirar-se cá para fora. Tenho pena de não estar a ser proporcionada à criança essa possibilidade de expressão, que lhe pode dar prazer como o saltar à corda, que a pode enriquecer, desenvolver-lhe as perspectivas.

Esta respostat, típica entre as que obtivemos, levа-nos a considerar um facto que está na consciência de todos ainda que (demasiadas vezes) de uma forma latente: a falta de educação musical em Portugal.

A criança portuguesa (e falamos em termos da grande maioria) não é incentivada a um gosto pela música, não é levada a uma intimidade com ela. As aulas de canto coral e o orfeão do liceu são (para os que chegam ao liceu) uma obrigação sem sentido, não aproximam nem levam o adolescente a nada, e ficam só como recordações predominantemente desagradáveis.

Vítor Oliveira Jorge, estudante universitário, 22 anos: — *canções de escola, sempre odiei. Odiava porque estava de bata branca e tinha de cantar o mesmo dos outros, ainda por cima orquestrado por professores com boas intenções.*

João Caixeiro, empregado de escritório, 56 anos: — *Do grupo coral da escola a única recordação que conservo é a de que o professor passava as aulas a dar-nos com uma vergasta na cabeça.*

Lembramo-nos das nossas aulas de canto num liceu de Lisboa, em que enquanto as alunas «com voz», na parte da frente da sala, bisavam as mesmas gastas canções, a professora recomendava ás «outras» que fizessem os seus trabalhos das aulas de Lavores. Assim, quando não havia voz, nada a fazer nas aulas de canto, senão coser.

A falta de educação musical, determinando na generalidade das pessoas um gosto fácil, não exigente, é um dos factores da tolerância, da aceitação, da (actual) eternização do êxito de subprodutos musicais.

De que música gostam as pessoas?

Maria Cristina, empregada doméstica, 17 anos: — *Gosto das cartas românticas. Gosto de todas as que sejam boas. Boas, quer dizer, as de que eu gosto, canções levezinhas, que não sejam aborrecidas, que não falem de tristezas.*

Carlos Manuel Baptista do Carmo, funcionário público a cumprir serviço militar, 22 anos: — *Gosto essencialmente de dois géneros: daquela música que chamam antiga, romântica, género de valsas; depois, gosto de música ligeira ritmada.*

Argentina Ferreira Marques tem 52 anos e trabalha a dias: — *Música portuguesa, espanhola, italiana, canções românticas, sentimentais. A Amália, a Hermínia Silva, a Simone, o Tony.*

Maria da Conceição Faria Pinto, 16 anos, 1.º ano do curso do comércio: — *Gosto de música pop, desta música moderna, de conjuntos. Gosto imenso do Tom Jones.*

João Paulo de Oliveira, de 60 anos, criado particular: — *Gosto de música clássica, porque acho mais alegre, mais bonita. Há pessoas que acham a música clássica triste, mas se calhar sou eu que sou triste, gosto de coisas tristes. Também gosto de ouvir fados, mas dão-me menos alegria.*

Nesta amostragem de gostos, surge repetida, aplicada à música que se prefere, a ideia de «romântico». — *(Eu acho que tinha já uma tendência sentimentalista, e o género de música que ouço desenvolveu em mim essa tendência* — Carlos Baptista do Carmo) Esse é um papel que a música dita ligeira tem desempenhado conscientemente — jogar com aspectos emocionais, sentimentais, fornecer às pessoas um certo «romantismo», um sonho de fotonovela. Falar-lhes da vida de uma forma alienatória, «à antiga» ou «à moderna», falar-lhes de amor azul ou cor-de-rosa, misturado com rosas vermelhas, férias à beira mar, e uma enorme vacuidade de tudo o que seja alguma coisa para pensar.

(A resposta de João Paulo de Oliveira encaminha-nos para a possibilidade, mesmo entre as pessoas mais simples, de alegria pela verdade da música, de alegria perante a criação.)

Música «ligeira» e música «séria»

Que ideia fazem as pessoas de música «ligeira» e de música «séria»? Em que assenta o simplismo desta distinção?

— *É bastante difícil destinguir a música «ligeira» e a «séria» dentro do meu conceito de música.* — diz Fernando Dacosta, jornalista, de 28 anos — *sou contra essa separação convencional. «Ligeira», seria a musica que acompanha poemas, e a «séria» seria uma musica para concerto.*

— *A música ligeira talvez seja aquele género de música que na maior parte dos casos pode ser interpretada por um conjunto. Música séria é a que exige uma orquestra, senão não ficaria completa.* — Carlos Baptista do Carmo.

Para Maria Cristina: — *Música séria é música com pianos, violinos, e assim. É música sem ritmo, muito triste, muito chata, não gosto.*

— *Uma dicotomia que tende e que seria bom esbater-se. Considero esses termos impróprios* — diz Vítor Oliveira Jorge — *Uma distinção autêntica parece-me que deveria assentar numa maior ou menor intelectualização da música, intelectualização essa relacionada com momentos do quotidiano em que a sua audição se integra, e até, infelizmente, numa maior ou menor massa de público que a entende. É uma distinção mais herdada do que actual. Parece-me que não há que justapor a essa hierarquização uma hierarquização de valores.*

A música «ligeira» pode afastar as pessoas da música «séria»? Parece-nos que a musica «ligeira» boa só pode aproximar de todas as manifestações da música, incluindo a chamada «séria». O afastamento das pessoas da música séria dá-se pela música ligeira que não é nada, que não é música, que é um produto promovido por toda uma máquina que não está interessada na cultura das pessoas. Quando a música ligeira é má, como é quase toda a nossa, evidentemente que vicia as pessoas.

O papel da música que se ouve

Quando a música está presente em tantos momentos da nossa vida, do trabalho aos tempos livres, do assobio na rua ao automóvel, da solidão libertada ao cantar em grupo, o que representa ela para nós? Que papel atribuímos á música que ouvimos na nossa formação? Para que serve uma canção?

— *Uma canção serve para divertir as pessoas* — diz Ana Cristina Faria Pinto, de 9 anos, que passou para o ciclo preparatório.

João Manuel Madureira tem 57 anos e é funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, para onde partiu há 20 anos, de Trás-os-Montes: — *Uma canção pode servir para matar saudades. Para lembrar a terra e o tempo em que se foi jovem.*

— *Uma canção pode servir para instruir a pessoa, para a pessoa se elevar,* — pensa João Paulo de Oliveira: — *Uma canção pode servir para muita coisa.*

Fernando Dacosta: — *Para imensas coisas.*

— *Uma canção, se as pessoas gostarem dela, pode servir para se arranjar um bom emprego* — diz Conceição Faria Pinto.

— *Criação por parte de quem a cria, recriação por parte de quem a ouve, é só para que serve uma canção. Boa parte da música popular anglo-americana que tenho ouvido tem-me ajudado a criar o clima em que escrevo. Mas, de uma forma mais geral, a música ajuda-me à procura de uma generalidade, de uma harmonia superior, de uma felicidade, ajuda-me na procura ambígua de dizer o indizível, de atingir o inatingível.* — Vítor Oliveira Jorge.

João Caixeiro: — *Não atribuo papel especial à música na minha formação mental. Apenas me proporciona momentos de despreocupação, de descanso, de distracção.*

Para muita gente a música continua a ser o tão pouco que é «distracção». Distracção que se confessa pouco exigente. São as mesmas pessoas que vão ao cinema para se divertir, porque «para séria já basta a vida, não tinha mais que fazer senão pagar para ainda ter de pensar».

Também clima para a criação, também meio (ou esperança) de promoção económico-social (um bom emprego por uma boa garganta), também apelo sentimental. Mas a música «ligeira» pode ser muito mais. Pode ser uma «companhia», e um apoio, e uma evasão. A música que se canta é um extraordinário veículo de homem para homem.

Contou-nos Carlos Baptista do Carmo: — *Ouvi a canção «Those were the days» quando vinha há dois anos num combóio, de Vila Real, passar a casa o primeiro fim-de-semana desde que estava na tropa. Pelo menos nesses primeiros tempos tudo me desagradava na tropa. Ia a caminho de casa e gostei da canção. Era uma coisa agradável; a primeira coisa uma companhia.*

— *«Sargent Pepper's lonely hearts club band» sustentou-me durante um Verão em que estive empregado* (diz Vítor Oliveira Jorge) *quando estive sózinho na Dinamarca numa quinta em que ninguém me entendia, senti que era amigo de Bob Dylan ao ouvi-lo cantar numa planície cheia de sol onde não havia uma única casa além daquela onde eu estava.*

Música também é expressão colectiva, que realiza o homem como elemento integrante de um corpo social, que o aproxima do homem que canta com ele.

— *Canto de noite ás vezes, para distrair, coisas á moda do meu sítio, Viana do Castelo* — é Alberto Gonçalves Ruas, de 38 anos, ajudante de padaria — *lá há canas verdes, viras, chulas. Gosto de cantar mas é na minha terra, mano-a-mano, um diz uma coisa, eu respondo-lhe outra e assim. Aqui tenho de cantar sózinho, não vale nada, é só para me distrair, para passar o tempo mais depressa.*

Tem sentido a expressão «música portuguesa?»

Que sentido tem para as pessoas a expressão «música portuguesa?» Será a música que os portugueses aceitam como sua? Será a música que os portugueses fazem? Será a música que fala dos portugueses? Reina a confusão na nossa música ligeira, logo a partir da sua definição.

E, nas respostas que nos dão, ainda vem o fado, o «sentimento», o intérprete conhecido, o folclore mistificado de Pavilhão, as manifestações bairristas oficializadas. São gostos, escolhas, que as pessoas não fizeram por si, porque os herdaram do que já era opinião feita, porque não têm preparação para contrariar a insistência da publicida-

Montras de discos e caixas de música: tentação para uma juventude imundada de música «fácil»

que consumimos

de, a pressão de uma tendência maioritária.

O fado é um ponto assente. O fado acata-se.

— *Musica portuguesa é o fado. Gosto do fado porque quando nasci já se ouvia, toda a gente acha bonito, não é? Não sou eu que sei, eu não percebo nada* — diz João Manuel Madureira.

Mas o «ramo do fado», como disse, de boa consciência, uma das pessoas com quem falámos, tem muito que se lhe diga. Ele oferece ás pessoas o tal «romantismo» para juntar aos dias tão pouco românticos, e não se trata de um romantismo vão. É a «tradição», a conservação ao nível de política de restauro, de um sistema desigual de relações homem-mulher, é o repisar de todo um formulário que corresponde a uma mundividência. É o persuadir (quantas pessoas!) de um «modo de ser português» (nostálgico, temperamental, «fadístico»), e adormecê-las nessas pseudoconcepções.

— *É habitualmente focado o amor, a traição, a saudade, o ciúme, situações por que as pessoas passam, coisas da vida, a que o português, pelo seu temperamento, está sujeito*» — Maria Alexandra Soares.

— *Musica portuguesa entendo-a: o fado, o fandango, o vira, marchas (militares e populares). No fado gosto da dolência que caracteriza o nosso modo de sentir* — João Caixeiro

A defesa comercial do fado está a ser feita ao nível turístico. O turista é presentemente o maior consumidor do luso fadário. A sua procura justifica o aparecimento de edições de discos estilo «Uma noite no Machado», «*Uma noite na Severa*», etc., que o turista transporta como «souvenir» de uma refeição bem comida e regada.

Uma passagem pelas discotecas da Baixa de Lisboa á procura dos discos de música portuguesa mais vendidos, obteve os seguintes dados: Amália sempre a mais procurada, sobretudo por estrangeiros. Também sobretudo por eles, Carlos do Carmo, Fernanda Maria e os tais discos-reportório de restaurantes típicos. Ainda Hermínia Silva e António Mourão.

Mas não só. As formas largamente estereotipadas já não são únicas no nosso horizonte.

Ana Elisa Monteiro, 21 anos, estudante universitária:

— *Musica portuguesa é a que tem raízes aqui, a que está vincada da nossa gente, da nossa história, da nossa maneira de pensar e de agir, das nossas condições de vida e da atitude que assumimos perante elas. Música portuguesa será a que não podia ter sido feita em França, no Japão, no Méxixo. Neste sentido a expressão tem hoje pouco conteúdo concreto, mas continua a ter todo o sentido que descola da sua necessidade, da nossa exigência. Música portuguesa é o resultado das recolhas de Giacometti e Lopes Graça. Temos tentativas, procuras, que significam essa necessidade, a urgência de mais verdade e mais qualidade na musica ligeira.*

Os programas de rádio, como as editoras de discos começam a aperceber-se de que o público não é já a mesma criança, de que a exigência de qualidade e de elaboração é maior, de que as estafadas vedetas da cançoneta já não agradam senão a um público que escasseia de dia para dia, porque se apercebe cada dia mais do pouco que elas têm para lhe dizer. Assistimos ao desmoronar, ao esquecimento de vedetas da canção, cuja mercadoria já não é comercialmente rentável.

A pressa publicitária

Até que ponto o público é pressionado nas suas preferências musicais? Terão as pessoas consciência de lhes ser «impingido» pela publicidade determinado tipo de música? em todas *as pessoas com quem falámos encontrámos* esta consciência, mais ou menos elaborada.

Carlos Baptista do Carmo: — *Há grandes interesses económicos em jogo. As pessoas são obrigadas a suportar o estilo de música que as «estrelas» cantam, por trás do qual estão esses Interesses, e de que se faz uma grande publicidade na rádio.*

Fernando Dacosta: — *«O público é pressionado até um ponto de tal modo grave que ainda nos escapa em muitos dos seus aspectos. Sujeito a uma publicidade, a uma vidência intensiva, exercida sobretudo pela rádio, o público não tem capacidade para tomar uma posição crítica, nem alternativas de escolha de outros tipos de música».*

Ana Elisa Monteiro: — *Fala-se em dar ao povo aquilo que ele quer, aquilo que ele pede. E todo o esforço é feito no sentido de o levar a querer aquilo, a não conhecer nem perceber outra coisa. Ao povo, riquíssimo de verdades cantáveis, pretende atribuir-se uma cançoneta desenraizada, oca de conteudo, sem qualquer significado social ou cultural.*

Vítor Oliveira Jorge: — *O gosto é dependente dos meios de informação que eu tenho ao meu dispôr e que me canalizam a música. A maior parte da música ligeira que se ouve em Portugal é de má qualidade. É claro que há numerosíssimos Interesses por trás da música que se produz. É claro que existem muitos valores desconhecidos e que até não há interesse em divulgar. Há tendência, numa sociedade de consumo, para cada vez mais todos gostarmos do mesmo, apesar de ludibriados pela «personalização» da publicidade. É claro que o esforço de qualquer indivíduo atento é o de, adentro de um tal sistema de objectos, em que a música não é mais do que um objecto, procurar uma satisfação mais duradora; ou seja, no fundo, procurar a criação autêntica, porque só a criação, numa sociedade que nos encaminha para a mediania pode ainda constituir uma aventura e uma razão de vida.*

Para grande parte da população portuguesa a telefonia continua a ser o maior veículo de conhecimento musical. A difusão do transistor, que poderia ter um papel na expansão de uma música portuguesa autêntica, só viciou e desviou o gosto das pessoas para a cançoneta.

O problema da música é puramente musical?

— *Não é possível resolver o problema musical sem factores que o impulsionem* — diz João Caixeiro —, *da mesma maneira que não é possível instruir um povo sem a existência de escolas.*

— *«O problema da música, como o de qualquer forma de arte, é essencialmente um problema político*, diz-nos Fernando Dacosta.

Perguntámos sobre música. As respostas vieram-nos das pessoas de classes socioeconómicas menos elevadas, mescladas dos seus problemas mais graves — a luta pela sobrevivência, a subsistência na velhice, até o analfabetismo.

— *Já tive mais de quantos empregos.* — diz Alberto Ruas — *Eu queria era ganhar a vida sem trabalhar. Mas trabalho que me farto, e a minha vida não me permite nada. Tomara eu saber cantar o fado. Então é que me governava.*

— *Ouvir musica distrai-me mas não me pode pôr bem disposta*—diz-nos Marcelina da Silva Santos, de 70 anos, viúva. — *Ando muito aborrecida. Vão deitar o prédio abaixo e eu estou num quarto, não tenho para onde ir. Ouço música na telefonia da dona da casa, já lá vivo há muitos anos, é como seja família. Gosto de música mas não sei ler.*

— *Gosto muito de musica* — diz Umbelina de Jesus, de 72 anos — *cantam muito bem, gosto muito de ouvir. Não sei ler, não sei explicar. Olhe, mais não lhe sei dizer. Andei sempre a trabalhar no campo, lá na Beira Baixa, ao pé de Cernache do Bonjardim. No campo cantávamos a ceifar, nas debulhas, essa coisa toda. Mas não me lembro de nada. Naquele tempo gostava de cantar. Agora já não tenho voz para isso. Tenho tristeza, não tenho vontade de cantar.*

É possível neste momento em Portugal uma música de qualidade susceptível de agradar simultâneamente, a um médico, um estudante, um operário, um empregado de escritório, um industrial?

— *Acho que, por exemplo, das que foram divulgadas. «O meu menino é d'oiro, a «Pedra filosofal», agradaram a toda a gente»* — Maria Alexandra Soares.

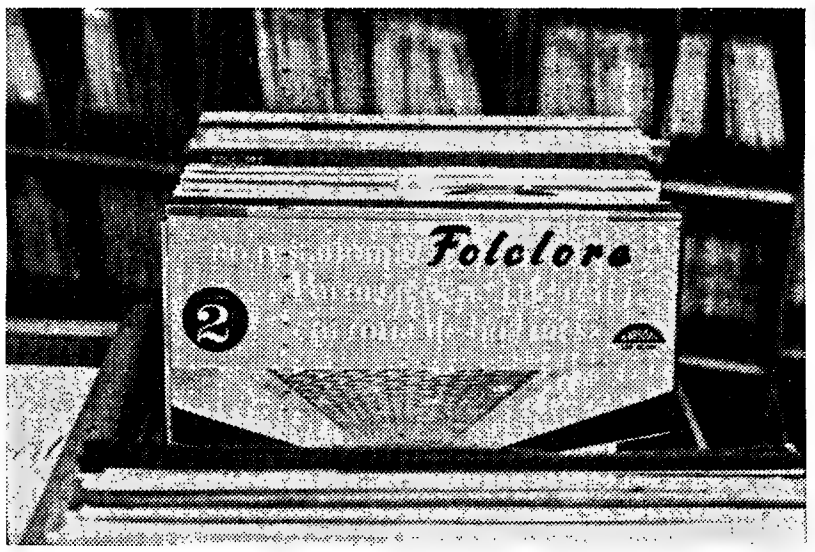
— *Seria necessário* — diz Ana Elisa Monteiro — *construir uma música que fosse buscar a sua verdade, a sua força, áquilo que há de mais enraizado e mais puro no nosso povo. Seria necessário devolver-lhe essas formas enriquecidas, actualizadas, trabalhadas. Música que o povo entendesse sua, música que não lhe desmentisse as preocupações, que não fosse uma mentira canhestra para crianças.*

Na opinião de Fernando Dacosta: — *É possível o seu aparecimento, e ele parece até estar a esboçar-se, mas muito problemática a sua divulgação.*

O que fica destas palavras ganhas no encontro de caras da solidão na cidade? Falaram-nos das canções que se lembram da infância, antigas canções ingénuas e jocosas que se ouviram e também se cantaram, até com as letras ao contrário, «para as sentirmos mais nossas». Falaram-nos e lembraram-nos os discos caros que não se podem comprar, as emissões más, os meios de informação canalizados para uma música fútil, piegas, narcotizante, a falta de educação musical, a música a que as pessoas não têm acesso.

A música que as pessoas têm, ouvem, cantam no quotidiano, é tão importante que gerações inteiras se têm exprimido através dela. Uma mulher a dias, Argentina Ferreira Marques, disse-nos: — «Quando estou cheia de neura, uma canção pode dar-me vontade de viver». Fica-nos a importancia da musica ou a necessidade de dar a todos a musica que interessaria conhecer.

LEONOR
MARTINHO SIMÕES



A música ligeira é tema fundamental para a prática publicitária — e dela se aproveitam os seus «fornecedores»

Indústria do tomate: ascensão e queda v

REPORTAGEM DE JOSÉ JOÃO LOURO

A cultura do tomate em Portugal passou ràpidamente de uma agricultura de auto consumo (produção para as necessidades alimentares locais) para uma agricultura capaz de alimentar trinta fábricas com uma capacidade diária superior a 20 000 toneladas de tomate fresco (números de 1968).

Os problemas levantados pela passagem de agricultura de auto-consumo para uma agricultura tendo em vista a indústria de concentrados de tomate, assumem, de uma zona produtiva para outra, aspectos que a seguir procuramos desvendar aos nossos leitores.

«PODIA SER UM BENFEITOR»

O «primeiro» tomate que chega ao mercado provem tradicionalmente do Algarve mercê de um amadurecimento prematuro em relação a outras regiões. Compramos (nós os consumidores) esse tomate a preço elevado. Ficamos com a ideia de que o produtor algarvio ganha muito nestas primeiras transacções. Algumas dúvidas vieram esfriar o nosso primeiro entusiasmo. Quanto custa o transporte do Algarve até Lisboa? Quais os preços pagos pelos intermediários no Algarve? Como se pode chegar ao mercado lisboeta sem passar pelo intermediário?

Estas três questões estão ligadas, dados os baixos preços pagos pelo intermediário, a única opção para o produtor é pagar o transporte das poucas dezenas de caixas de tomate (poucas, porque o amadurecimento se faz lentamente e mesmo em grandes áreas de produção o tomate maduro recolhido é sempre em pequenas quantidades) e utilizar um mandatário num mercado lisboeta.

Esta opção de comercialização tem os seus riscos. Os mandatários não perdoam ao produtor que tomou a iniciativa. Chegamos aqui ao mundo fantástico em que só acreditamos de factura na mão. Será possível um produtor enviar trinta caixas de tomate para o «Mercado de 24 de Julho» e as despesas de armazenagem e de descarga das trinta caixas serem superiores ao preço de venda? É possível. E quem nos garante é uma fotocópia de factura amàvelmente enviada pelo engenheiro Fausto Alves de Sousa. O mandatário José Morais Canas, do «Mercado de 24 de Julho» enviou a sua «conta de venda» n.º 1900 ao sr. Joaquim Mascarenhas relativa a uma remessa de 39 caixas de tomate. As caixas, segundo o mandatário foram vendidas a 20 escudos: é 780 escudos no seu total. As despesas do mandatário são de 468$00 de descarga, e 351 escudos de transporte ou armazenagem (não se compreende muito bem a origem da despesa) e 19$80 para a Junta Nacional de Frutas, num total de 838 escudos. O sr. José Morais Canas não pediu os cinquenta escudos *que o produtor ainda lhe ficou a dever*. Esta situação seria ridícula se não tivesse como causa, mais ainda do que a ânsia de lucro dos intermediários, a total desorganização da comarcialização dos produtos hortícolas frescos, a qual permetiu alguns desabafos do produtor que o eng.º Fausto Alves de Sousa nos transmitiu:

MANUEL DIONISIO

— Se o tomate fosse distribuído de graça pelas pessoas da região, ainda podiam passar a «benfeitores». Assim, mandam o tomate para o mercado perdem uma boa oportunidade de fazer adubo e ainda pagam aos mandatários!

Este é o destino do primeiro tomate que aflue ao mercado: beneficiar os intermediários. O tomate da primeira época apesar de vendido a alto preço não compensa (dada a margem de lucro) o produtor.

E o outro, o que por contrato é vendido às fábricas? Ou aquele que podia ser lançado no mercado livre (e que) por causa do contrato não pode ser vendido?

«TENHO DE IR ENTREGAR TOMATE AOS RIACHOS!»

«Depois da Estalagem do Gado Bravo são uns dez quilómetros!». Era a informação que tínhamos. Mas foram alguns mais. Andámos entre lezirias e meloais até atingirmos as grandes áreas de tomatal. No caminho camiões e tractores carregados, mostravam-nos que a direcção estava certa. Quatro produtores, Manuel Dionísio, José Gomes Lopes, Diamantino Amorim e José Amorim levantaram-nos francamente os seus problemas.

— *A seara de tomate está no fim. Ninguém a quer fazer. Há quinze anos que os preços são os mesmos. Cinquenta e cinco centavos para primeira, quarenta para o de segunda, nada para o refugo. Pelo refugo não se recebe nada. E ainda temos os transportes à nossa conta (mais de 10 centavos por quilo). O ano passado tive 5 por cento de refugo, 15 por cento de segunda e oitenta por cento de primeira. As classificações roubaram-me 5 centavos por quilo e os transportes 10 centavos. Ficou-me o tomate a quarenta centavos* — contou-nos Manuel Dionísio, produtor a pensar sèriamente em abandonar as searas.

Diamantino Amorim reafirmou-nos:

— *Se eu não tivesse comprado o tractor, se calhar, nunca mais fazia tomate. Em anos de excesso, eles põem-se a aguentar, empatam e o tomate estraga-se. Em*

O transporte para a fábrica é da conta do produtor

Nova cultura, velha realidade?

Para determinar, com a possível exactidão que tal cálculo envolve, os benefícios que para o país resultam da adequada cultura do tomate industrial parece ser demasiado simplista a sua contabilização em termos de acréscimo do produto agrícola ou aumento das exportações.

E dizemos demasiado simplista, não porque as cifras que se têm apontado em abono da expansão da cultura não sejam importantes mas porque só traduzem uma certa parte da realidade que a cultura intensiva do tomate veio modelar sobre o tradicional panorama da agricultura portuguesa e muito particularmente da bacia do Tejo.

É no sentido de corrigir essa simplificação dos curtos-benefícios da nova cultura que nos parece urgente apontar duas perspectivas que não têm merecido, os favores da divulgação.

Por um lado deve considerar-se que a actividade económica de uma qualquer região é um todo particular e integrado. Particular porque deve corresponder ao máximo aproveitamento das vocações económicas específicas da região; integrado porque esse máximo aproveitamento deve explorar as conexões possíveis entre os diversos sectores da actividade económica da zona.

Quando, por qualquer motivo — descoberta de mercados, descoberta de novos recursos, reunião da massa crítica do investimento necessário, etc., etc., — se introduz ou se reforma completamente uma actividade económica deverá então procurar maximizar-se os efeitos dessa nova actividade em relação aos seus resultados específicos e ao agregado regional em que se insere.

Para o caso da cultura em questão importa certamente aumentar o respectivo volume e valor da produção. Mas, e isso é que nos parece andar longe da realidade, importaria também que a alta tecnicidade da cultura se espraiasse para outros domínios, que a introdução desta nova cultura originasse um novo sistema equilibrado de produção (relações apropriadas de culturas, aproveitamento regular da mão-de-obra, complementaridade dos investimentos, etc.).

Ora o que parece passar-se na região é que a nova cultura invadiu os terrenos ocupados por outros sistemas de produção e aí se mantêm. Todos os benefícios que a cultura pode trazer devem assim equacionar-se com o regime de monocultura a que uma parte do território agrícola foi sujeito. E monocultura significa ocupação estacional, significa esgotamento dos solos significa a longo prazo exaurimento dos recursos naturais, significa, como alguém escreveu, actividade mineira.

Uma segunda perspectiva que se deve introduzir nesta análise, e cujas relações com a primeira agora enunciada são relativamente claras, têm a ver com o destino final da produção e o seu «contrôlo».

É facto conhecido e apregoado que a maior parte da procura final da produção é constituída pelos mercados estrangeiros, sendo este até um dos argumentos utilizados para realçar a sua importância no actual contexto nacional. Menos apregoadas e também menos conhecidas são as nuvens de pânico que à mínima perturbação dos mercados se adensam sobre as cabeças dos empresários, e cultivadores directamente ligados aos resultados da cultura. Se os grandes grupos internacionais dispõem de uma enorme margem de manobra (dispersão dos mercados abastecedores, leque de preços e qualidades, etc.) o mesmo se não passa ao nível da região que assenta boa parte do seu desenvolvimento numa só actividade. Um preço ligeiramente inferior significa muitas vezes a ruína dos esforços de um ano de trabalho.

Por outro lado se se pensar que o desenvolvimento deverá ser reproduzido ao nível da região uma outra interrogação se levanta.

A complexidade do sistema de relações de produção é tal que a atribuição do excedente económico gerado pela cultura e sua industrialização confere uma grande parte desse excedente ao grupo estrangeiro detentor das fábricas, da técnica, do acesso ao mercado.

A parte que fica, numa primeira aproximação, na região é ainda dividida pelo proprietário fundiário e pelo empresário na hipótese mais simples das relações de trabalho. E desta fracção qual é que é reinvestida na região? Qual a parte que, embora detida por nacionais, emigra para os pólos de atracção do capital (Lisboa, na melhor das hipóteses)? E como se poderá pensar em atingir um novo equilíbrio na exploração dos recursos regionais e um estádio social mais elevado quando a região se pensa como uma mina de exploração rápida e de futuro aleatório?

Esta é, parece-nos, a interrogação fundamental que poderá resultar de um completo exame dos custos e benefícios da cultura.

As contas privadas não fornecem neste domínio senão uma imagem parcial, e portanto deturpada, de uma contabilidade social regional para a qual sòmente quisemos apontar os títulos de alguns capítulos.

ARMANDO DE ABREU

vertiginosas

1964 foi um problema. E quanto à J. N. F. nunca intervém. Refugaram-me uma tonelada de tomate. Fiz um telefonema à J. N. F. e quando eles quiseram resolver o problema já o tomate estava moído.

No meio da conversa surgiu o problema do arrendamento. A fábrica, neste caso a dos Riachos subarrenda-lhes a terra por sete contos e quinhentos. Antes, tinha arrendado muitos hectares ao grande latifundiário a um preço inferior. José Gomes Lopes um dos produtores, pensa que a fábrica ganha dinheiro com estas transacções:

— *Pagamos sete contos e quinhentos por época de tomate. Andamos a trabalhar do nascer ao pôr do Sol. Mas não é só no arrendamento que as fábricas ganham dinheiro, também nos pesticidas e adubos. Vendem-nos pelo preço normal mais os fretes. Aqui ganham uma grande margem porque fazem a compra de adubos e pesticidas com descontos. E depois há sempre aborrecimentos. Em relação ao ano passado a «Ecril» ainda não pagou aos produtores.*

O problema dos arrendamentos é importante. O arrendamento é uma defesa da fábrica de maneira a ter o tomate necessário à sua capacidade de laboração. A fábrica dos Riachos tem terras arrendadas nos campos de Samora e Benavente.

Nos contratos vem a exigência de entrega a estas fábricas longioquas. Neste caso, os produtores, ao invés de entregar o tomate, como seria natural, na fábrica mais próxima entregam-no a vários quilómetros de distância. Isto influi na qualidade do prodtuo, obriga o produtor a maior despesas de transporte e o tomate chega com uma grande percentagem de refugo, descendo, naturalmente de preço.

As fábricas «contratam», segundo as suas conveniências, grandes áreas (20 000 hectares segundo cálculos aproximados) com a exigência de entrega. O critério assumido por cada grupo é a entrega na fábrica mais próxima. Mas, muitas vezes, porque as fábricas na ânsia de encontrar mão-de-obra barata se distanciaram dos locais de produção, o arrendamento de terras é uma política seguida para assegurar a produção.

Assim as principais empresas, em 1969 (numa informação fornecida pelo Grémio respectivo) tinham assegurado 19 175 hectares contratados para 21 295 estabelecidos como objectivo.

As empresas com maiores áreas contratadas eram a Compal (1200 hectares), Sorrala (620), E.C.A. (1000), F.I.T. (760), Hortil (700), Idal (1300), Idiago (700), Serrano (600), S.I.C. (1050), Spalil (900), Sugal (950), Sulei (900), Unitac (850).

Estes contratos prévios permitiam às empresas terem assegurado o tomate suficiente a preço baixo, para a sua capacidade de laboração.

A produção destas empresas em 1967 e 1968 não foi muito elevada. Tomando como exemplo as empresas que asseguraram mais de 900 hectares de contrato teremos como produção em 1968:

Empresas	*Áreas contratadas (ha)*	*Produção (ton.) em 1968*	*«Stock» (ton.)*
Campal	1200	7 321	920
E. C. A.	1000	9 500	350
Idal	1300	15 718	480
S. I. C.	1050	9 000	—
Spalil	900	8 500	282
Sugal	950	10 575	—
Sulei	900	—	—

A produção total em 1968 foi de 128 348 toneladas e os stocks atingiram, segundo as mesmas informações, 11 986 toneladas.

Em relação às empresas há ainda uma indicação com interesse. O Decreto-Lei n.º 401/70 vem facilitar as condições das empresas que exploram a indústria de concentrado de tomate e se reúnam em agrupamentos de exportadores sob a forma de sociedade comercial, as quais «beneficiam de diversas regalias desde que representem uma capacidade mínima diária de 5000 tonaladas de tomate fresco».

Tem interesse conhecer a capacidade de laboração das diversas fábricas em 1968. A maioria laborava menos de 1000 toneladas diárias de tomate fresco: Ortil 500 (1), Inalsa (150), Tudalgo (520), Roga (615), Saipol (550) (1), Henrique Serrano (720), Set (520), Socidan (470), Spogal (680), Sapalil (880), Sulei (150) (1), Sumali (560), Tocan (880), Vasco da Gama (870). Só as empresas Idal (1575), Sic (1835), Sugal (1250), Unital (1500), Compal (1240) (1) e a ECA (1050) tinham uma capacidade mínima diária de evaporação superior a 1000 toneladas de tomate fresco. O benefício do decreto sugere-nos que qualquer das pequenas empresas terá de associar-se a um ou outro dos grandes agrupamentos possíveis. Como algumas empresas já estão associadas os grandes grupos estarão sempre em condições de obrigar as pequenas empresas a conbarrendam as terras ao seareiro com a obrigação de entrega na fábrica.

JOSÉ GOMES LOPES

cessões, dadas as suas dificuldades em beneficiarem do decreto.

É nítido que muitas fábricas, aproveitando o baixo preço do tomate, o elevado preço do concentrado no estrangeiro e os salários baixíssimos da mão-de-obra sazonal feminina (tal como reconhece o texto do decreto-lei), se fundaram em várias regiões utilizando como critérios:

a) *proximidades de zona com desemprego feminino na época.*

Enquanto a vindima não começa as mulheres não têm trabalho no Ribatejo e mesmo no Alentejo, onde se deslocam para as vindimas.

b) *proximidade relativa de zona produtiva.*

Este critério não foi muito seguido. Como os produtores pagam o transporte do produto até à fábrica, as empresas que ficam longe das zonas de produção subarrendam as terras ao seareiro com a obrigação de entrega na fábrica.

c) viabilidade de transportes.

Até onde este critério foi seguido? A resposta só a poderá dar o recém-formado conselho técnico da produção, transformação e comércio de tomate.

Os salários actualmente pagos às operárias (cerca de 36$00 diários)

Cont. na pág. 10

Há fábricas instaladas onde a mão-de-obra feminina é mais abundante — e mais barata

CONHECER O NOSSO TEMPO

O NOSSO TEMPO EM DEBATE

cadernos d. quixote

Publicados:
N.º 22 — A RODÉSIA E A INDEPENDÊNCIA
N.º 23 — JAPÃO, OUTRO GIGANTE
N.º 25 — ITÁLIA ENTRE DIREITA E ESQUERDA
N.º 26 — O BRASIL NA ENCRUZILHADA
N.º 27 — DROGA — INFERNO OU PARAÍSO?

FAÇA UMA ASSINATURA NAS SEGUINTES CONDIÇÕES:
— Não fará qualquer pagamento adiantado.
— Pagará cada número contra reembolso sem nenhum aumento de preço (o custo de cada caderno oscila entre 20$ e 30$).
— Terá a garantia de receber todos os títulos no próprio dia de saída.

Basta enviar o cupão abaixo a: PUBL. D. QUIXOTE, Rua Luciano Cordeiro, 119, Lisboa.

Desejo tornar-me assinante dos CADERNOS D. QUIXOTE.
Entretanto queiram enviar-me _____ exs. dos n.os _____
_____, já publicados.
NOME _____
MORADA _____
_____

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO 119

lemos para si

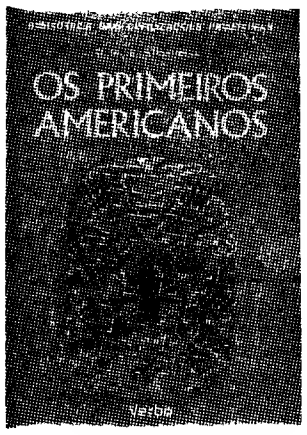
OS PRIMEIROS AMERICANOS

G. H. S. Bushnell, edição da «Verbo»

O proposito deste livro nas palavras do seu autor: «Quando Colombo chegou às águas americanas em 1492» (...) «as culturas das terras altas tinham muitas características que os espanhóis podiam entender. Eram estados hierárquicos, cujos governantes viviam com esplendor considerável, tinham belos edifícios, artífices especializados e uma religião que desempenhava um papel dominante nas vidas das pessoas, embora as suas práticas estivessem muito longe de ser as que eles aprovariam. Por outro lado, as civilizações que os espanhóis encontraram não possuiam o ferro, a roda, o arado e o alfabeto, e devem ter achado muito estranho encontrar um povo civilizado sem estas coisas — que eles estavam habituados a considerar como essenciais na sua própria vida — e que, além disso, não dispunha de cavalos, bois, carneiros e porcos e comia plantas exóticas. Este estado de coisas levara muito tempo a estabelecer-se, e o propósito deste livro é o de delinear o seu processo de evolução»

Boa documentação iconográfica a valorizar o texto

A propósito destes «Primeiros Americanos»: há necessidade de sairmos do nosso *ocidentalcentrismo*, se queremos a fraternidade de todos os povos do mundo.



RODÉSIA

Da America à Africa, à «supremacia branca», ao «ferrolho de segurança», a Rodésia, com o Caderno 22 da *D. Quixote*, «A Rodésia e a Independência», textos de Judth Todd, Marion Kaplan, Guy Bosschére e David Smock que ajudam a compreender o acontecimento, trazendo para tanto á explicação certos factos do passado e assinalando as consequências previsíveis do acto de 11 de Novembro de 1965

O volume inclui o documento da proclamação da independência que dado o seu interesse, a vários títulos, transcrevemos para os nossos leitores.

«*Atendendo* a que, na evolução dos problemas humanos a história tem demonstrado que se pode tornar imperioso para um povo romper as ligações politicas que o uniam a outro povo e assumir, no conjunto das outras nações e numa base de igualdade, o estatuto diferenciado que se atribuem;

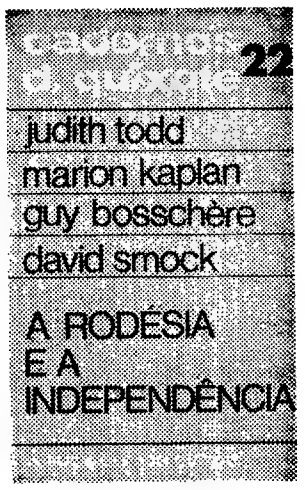
E atendendo a que em tais circuntâncias o respeito pelas opiniões humanas o obriga a declarar ás outras nações quais as causas que o levam a assumir a plena responsabilidade dos seus assuntos;

O Governo da Rodésia, por consequência, declara:

Que é um facto histórico, incontestável e aceite que o Governo da Rodésia tem exercido desde 1923 os poderes de governo autónomo, sendo responsável pelo progresso, desenvolvimento e bem estar do seu povo;

Que tendo o povo da Rodésia demonstrado a sua lealdade à Coroa e às nações irmãs tanto no Reino Unido como em qualquer outro lugar ao longo de duas guerras mundiais e tendo-se mostrado pronto a derramar o seu sangue e dar dos seus bens sempre que considerou estarem em jogo os interesses mútuos dos povos amantes da paz;

Que o povo da Rodésia tem sido testemunha de um processo destruidor dos próprios preceitos



em que assentou a edificação, num pais primitivo, da civilização; tem assistido ao ruir, por toda a parte, dos principios da democracia ocidental, do governo responsável e dos padrões morais; e não obstante, tem permanecido inabalável;

Que o povo da Rodésia apoia plenamente os pedidos, por parte do seu Governo, de independência soberana, mas tem-se-lhe deparada a recusa sistemática do Governo do Reino Unido em aceder a tais esforços;

Que o Governo do Reino Unido demonstrou assim não estar disposto a conceder a independência soberana à Rodésia em termos aceitáveis pelos rodesianos, persistindo em conservar uma jurisdição incontestável sobre a Rodésia, fazendo obstrução às leis, aos tratados com outros Estados e às negociações com outros países, e recusando a promulgação de leis necessárias ao bem público — tudo isto em detrimento da paz, prosperidade e boa gestão futuras da Rodésia;

Que o Governo da Rodésia negociou pacientemente e de boa fé, durante longo tempo, com o Governo do Reino Unido, com vista à extinção das limitações que ainda atingiam os rodesianos e ao reconhecimento da sua soberania

Que, na convicção de que qualquer adiamento atinge gravemente a própria vida da nação, o Governo da Rodésia considera essencial que a Rodésia atinja sem demora a independência soberana, facto cuja justiça se encontra fora da questão;

Deste modo, o Governo da Rodésia — em humilde submissão a Deus Todo Poderoso que controla o destino das nações, e consciente da lealdade e dedicação constantes que o povo da Rodésia tem dedicado a sua Magestade a Rainha, e orando com devoção por que nós e o povo da Rodésia não sejamos impedidos na nossa determinação de continuar a exercer o nosso incontestável direito de mostrar a mesma lealdade e dedicação e procurando promover o bem comum de maneira a assegurar a dignidade e a liberdade de todos os homens — adoptamos, promulgamos e entregamos através desta proclamação, ao povo da Rodésia a Constituição anexa.

DEUS SALVE A RAINHA».

Assinam esta declaração Ian Douglas Smith, primeiro ministro, e os restantes ministros á data de 11-11-1965.

Barco pesqueiro de investigação

O estaleiro naval «Lenin» de Gdansk construiu para o Governo polaco um barco de investigação ultra-moderna que será utilizado para um projecto de desenvolvimento da pesca, executado pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura). Trata-se de um arrastão para investigação, de 3000 toneladas que, além dos instrumentos electrónicos mais recentes para a navegação e detecção do peixe, estará equipado com um computador.

O navio representa a contribuição do Governo polaco ao projecto da FAO. A organização internacional, por seu lado, fornecerá o computador assim como equipamento electrónico desta unidade de investigação, que será utilizada especialmente para a exploração e conservação do peixe nas zonas tropicais do Atlantico, e para a aprendizagem dos pescadores de alguns países em vias de desenvolvimento.

O arrastão, com duzentos e noventa e quatro pés de comprimento, é impulsionado por um motor Diesel de 2400 cavalos, e poderá albergar 45 homens de tripulação, 29 instrutores e 11 alunos. Poderá utilizar 5 tipos diferentes de rede, incluindo o tipo clássico para o bacalhau, a rede com uma grande abertura vertical, engenhos de trabalho para grande profundidade, e uma rede pelágica. Será também equipado com dois barcos anexos de 13 metros para a pesca do camarão e para outras operações de pesca.

O material de detecção do peixe será constituído por um sonar, um sonar de investigação, três sondadores para trabalhos científicos, um registador de profundidade e integradores de eco.

O computador, que funcionará conjuntamente com aparelhos ultramodernos de ajuda á navegação, será utilizado para a investigação sobre a pesca e a elaboração de cartas de pesca, assim como para a investigação nos arrastões.

Dará respostas rápidas aos problemas de detecção do peixe e a sua intercepção pelo arrastão.

Poderá também ser utilizado para a compilação rápida das informações respeitantes ás capturas e á detecção por uma frota de pesca comercial, de modo a perfazer as tácticas a pôr em acção quando vários barcos de pesca operam em conjunto numa determinada zona.

As instalações laboratoriais no arrastão comprenderão uma cabina hidroacustica, que fará parte do equipamento da ponte de comando. O arrastão será também dotado de equipamento para o estudo da hidrografia, do fundo e dos platons. Será além disso equipado para a análise dos diferentes utensílios de pesca e para o estudo profundo das técnicas da pesca, e conservação do peixe. Será dotado de uma verdadeira fábrica para a fabricação de farinha de peixe, que poderá tratar até 35 toneladas de peixe fresco por dia.

adapt. CANAL 1

Pelikan para o Estudante

desenhar, pintar, safar, escrever e colar

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

KONI

a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC · Lisboa
Telef. 560156

ASPECTOS DO TERCEIRO MUNDO

Andes, o paraíso infernal

Para termos uma ideia do que é o drama do chamado Terceiro Mundo, é por vezes mais chocante tomarmos conhecimento do relato ingénuo de dois ou três casos isolados do que lermos longos, documentados e frios estudos. A título de exemplo, oferecemos aos nossos leitores o pequeno relatório de um perito da FAU, elaborado a partir de elementos obtidos nesse «paraíso infernal» que os Andes constituem:

«A estrada transformada em barranco escarlate pelas primeiras chuvas pára bruscamente contra uma barreira. Pedro Chavualt, 30 anos, espera-nos. Não tem boa aparência, de pequena estatura, olhar modestamente baixo. No coração dos Andes colombianos, o Cauca toma o aspecto de paraíso terrestre, pequenos vales dum verde pouco acentuado, grandes manchas brancas do café em flor. É todavia um inferno de lágrimas, de suor e de extrema miséria. Forças e recursos são ùnicamente destinados a sobreviver.

Até agora a luta do camponês do Cauca era desesperada. Quaisquer que fossem os seus esforços, encontrava-se limitado pela superfície das suas terras, montanha dividida em pequenas propriedades de 2 ou 3 hectares. No quadro mais geral dum esforço maciço de desenvolvimento da região e ao qual as autoridades consagram milhões de dólares, o governo fomenta a pequena criação de gado intensiva e concede facilidades de formação e de critério graças à ajuda do Programa Alimentar mundial ONU/FAO.

Estes pequenos proprietários hesitam em recorrer ao crédito. Poder-se-á tirar juro e capital? Valerá a pena passar de uma economia de subsistência para entrar no circuito monetário? Pedro lançou-se na aventura. Está pronto a correr qualquer risco para que a sua família prospere. Pode avaliar-se a sua coragem ao debruçarmo-nos na boca dos três poços que abriu, sòzinho, enfrenhando-se nas entranhas da montanha até dez metros de profundidade, sem qualquer escoramento. Para realizar o seu trabalho de toupeira, foi armado dum chuço de ferro e dum cesto no qual o seu irmão, que ficava à superfície removia a terra.

Fala com muita simplicidade. Ao escutá-lo, acs seus irmãos e aos seus vizinhos, descobrimos que estes pequenos homens tranquilos, são gigantes, dignos dos seus antepassados, fundadores de impérios nestes vales milenários. Estão prontos a transformar uma vez mais os Andes num aprazível jardim.

OS ANIMAIS MELHOR TRATADOS QUE OS HOMENS

Pedro tem orgulho na casa que construiu para a sua criação de frangos. Os animais dormirão numa casa com chão em laje de betão, enquanto que a família Chavualt se contenta com um chão de terra batida, paredes feitas de barro amassado com palha cortada e um tecto de colmo, que se tem que substituir de dez em dez anos.

— Disseram-me que poderia ter um benefício de 25 dólares criando frangos durante um ano. Com este dinheiro, comprarei um tecto de chapa ondulada. O pior foi que, depois que a chocadeira do Comité dos cafèzeiros se escangalhou não se encontram pintos na região. E com a estação das chuvas, nenhum carro poderá em breve vir até aqui Será necesssário transportar tudo às costas numa distância de quinze quilómetros.

A mulher e os dois filhos de Pedro, Albina e Nester, vieram ter connosco. Albina com toda a graça dos seus quatro anos, come uma banana.

— Tenho um hectare plantado de café. Quando as árvores estiverem bastante grandes, espero dal tirar uns trinta dólares, se a qualidade for bastante boa para exportação. Se não, será necessário deixá-la para o consumo local. Tenho um outro hectare no qual poderia ter uma vaca se me for concedido um outro empréstimo. Isto dar-me-ia leite para as crianças

— Mas enquanto esperam, que comeis?

— Bananas, laranjas, yuca (espécie de batata), um pouco de leite para as crianças e algumas vezes carne. Somos todos pobres nesta região e há muita ignorância. Eu consigo ler o que é impresso mas faço erros ortográticos. A nossa família é privilegiada: somos três irmãos e graças ao nosso trabalho meu pai agora deve possuir, pelo menos, 3000 árvores de café.

À MERCÊ DO MENOR ACIDENTE

No «ranchito» vizinho, Juan Gregorio Sanchez foi conquistado pelo exemplo de Pedro e quer crédito para comprar uma vaca.

— Tenho cinco filhos e cinco filhas. Com uma vaca poder-lhes-ia dar leite. No rádio, o professor diz que as crianças se desenvolvem melhor quando se lhes dá leite porque é rico em proteínas. Poderia pagar a vaca com a venda do meu café. É uma pequena plantação mas, com adubos produtos antiparasitários vale perto de 150 dólares. Este ano não pude pedir um empréstimo para comprar os produtos e tirei apenas 40 dólares.

Isto é o Cauca. Um camponês semianalfabeto fala-nos dos seus erros ortográficos, um outro de proteínas — magia da rádio — enquanto que sua mulher por falta de meios para se tratar, está em risco de perder a mão direita.

— A sua mão foi esmagada na prensa da cana-de-acúcar, num momento de distracção. Nada pudemos fazer. No Centro de Saúde, a 20 quilómetros daqui, não puderam verificar o acidente. Não tínhamos dinheiro para pagar radiografias.

O fundo de crédito que tira os seus recursos da venda de forragens confeccionadas com géneros do PAM deve permitir a estes proprietários proletários corajosos de vencer o imolacável limite da sua profunda miséria.

Em Santander de Quilichao, vimos outros agricultores — como Laudila, a mulher de Luciano Elen — que põe todas as suas esperanças em uma ou duas vacas, e uma capoeira. Os Elen possuiam um vasto campo que arrendavam por um bocado de pão a um grande criador de gado. Agora uma das suas duas vacas lá teve um vitelo. Isto não se faz sem sacrifícios. Para pagar os transportes, Luciano tem que ir trabalhar em casa dos vizinhos. Toda a quinta depende do trabalho de Laudila e apesar de tudo, num certo prazo tem que se vender a porca.»

Congo: Problemas do ensino

O arranque dos países africanos para a educação, esbarra em graves dificuldades económicas baseadas na inexistência de anteriores coberturas educativas. Um exemplo é a Republica Democrática do Congo. De 1968 para 1969 as verbas concedidas para a educação aumentaram de 20 milhões de zaires (num orçamento total de 113,7 milhões de zaires) para 37 milhões (num orçamento total de 145 milhões de zaires) ou seja cerca de 25 por cento.

Este aumento tinha em vista ir ao encontro da verdadeira explosão escolar, dado o aumento da população escolar deste 1959:

Ensino	*1958-59*	*1967-68*	*1968-69*
Primário	1 644 044	2 341 057	2 444 320
Post Primeiro	22 505	9 051	11 490
Secundário	37 386	162 237	199 401
Superior	763	5 827	8 401

Estes numeros são a expressão numérica de um acentuado progresso sobretudo no ensino primário (65 a 70 por cento). Mais de metade das crianças em idade escolar neste país africano, não vão além do segundo ano em quatro anos de ensino primário. A escolarização das raparigas é apenas de cerca de 35 por cento.

A dificuldade em professores primários é uma das barreiras ao desenvolvimento do ensino no Congo. Os 60 825 professores congoleses são auxiliados por 439 estrangeiros, necessitando-se actualmente de cem mil. Só estão previstos 7000 professores primários formados por ano o que não permite o salto necessário.

A escolaridade secundária aumentou mas ainda muito relativamente.

A percentagem de raparigas no ensino secundário congolês é reduzida (cerca de 20 por cento).

São necessários 9000 professores de ensino secundário para 1971 (7000 em 1967-68). Ora as escolas normais superiores em 1968-69 não tinham senão uma frequência de 1024 alunos.

ENSINO SUPERIOR

O ensino superior do Congo está muito dependente dos professores estrangeiros.

Em 1968-69 para 219 professores e assistentes congoleses havia 460 estrangeiros. As escolas tinham 388 professores estrangeiros para apenas 118 congoleses.

O Congo (Kinshasa) tem três universidades (Oficial de Lubumbashi, a de Kinshasa e a Universidade Livre de Kisangani). As três universidades tiveram apenas a frequência de 183, 160, 199 raparigas nos anos lectivos de 1966-67, 1967-68, 1968-69, num total respectivo de 2925, 3476 e 5483 alunos. A frequência das três universidades aumento em dois anos em cerca de 90 por cento.

O ENSINO TÉCNICO

As Escolas Superiores são também de frequência limitada.

Existem ao todo quinze (Normais, Médias, Instituto Pedagógico Nacional, Escola Nacional de Administração, Obras Publicas, Instituto Superior de Arquitectura, Escola Superior de Comércio, Ensino, Peritos Geómetros, Centro de Formação M,e t e orológica, Nacional de Minas, Escola Superior de Desenvolvimento, Escola Superior de Formação Comercial e Instituto Nacional de Aviação Civil.

Existem ainda escolas de ensino universitário e ao nível de adultos para aperfeiçoamento. A formação técnica privada é feita a nível de empresas (Gecosin, Otra Co.) e vai desde a escola de quadros para a exploração de caminho de ferro até cursos de ensino geral e especializado nas empresas.

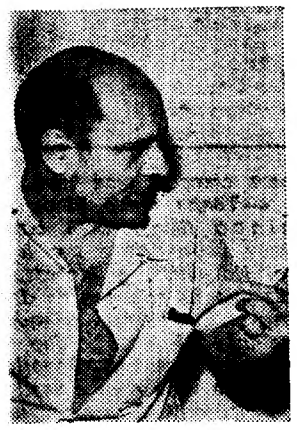
CONHEÇA O MELHOR CONJUNTO TURÍSTICO DA FIGUEIRA DA FOZ

QUINTA DE SANTA CATARINA

- RESTAURANTE
- BAR
- PISCINA
- COURT DE TÉNIS

TELEFONE: 2 21 78
ENTRADA PELA
RUA JOAQUIM SOTTO MAYOR

Trabalho diurno para os padeiros



ADRIANO VASO

Cont. da ppg. 3

...eito, o sr. António Valinhas de Barros, ajudante de padaria:

— A lei estabelece que não pode fazer-se um período de trabalho superior a quatro horas, antes de uma refeição. Pois, vá por essas padarias e pergunte onde é que a lei é cumprida. Trabalhamos as sete horas seguidas e pagam-nos a oitava, a tal do descanso. Isto é o que acontece quase sempre. Por outro lado, pensa que fazemos só as sete horas? Trabalhamos, é caso para dizer, até acabar. Seja qual for a hora. E raros são os patrões que pagam horas suplementares. E os que as pagam não o fazem legalmente, pois evitam os 50 por cento a mais que a lei estipula. Ao fim e ao cabo — concluí — reina aqui uma enorme confusão. E a nós não interessa trabalhar nela — porque somos sempre as vítimas. Desejamos ver tudo isto bem regularizado, bem regulamentado, bem fiscalizado. Eu próprio já fui despedido por ter exigido o cumprimento dos direitos que a lei me confere.

O sr. Adriano da Costa Vaso, forneiro, acha perfeitamente possível, pelo menos, o regime de semana inglesa.

— Então, quando nos calha um feriado ao sábado, a gente não fabrica todo o pão necessário até à uma da tarde? Por que não acontece isso sempre? Já agora, gostava de chamar a atenção para um facto que toda a gente desconhece ou esquece: nós somos das poucas classes, senão a única, que trabalha sete dias na semana, já que ao sábado temos de fazer dois turnos, veja bem. Em qualquer país os trabalhadores nestas circunstâncias ganham o oitavo dia — que seria, afinal, o cumprimento da lei geral, pagando em dobro o segundo período de trabalho — extraordinário, portanto — dos sábados.

ANTÓNIO VALINHAS

Mais longe vai a última pessoa com quem falámos, o sr. José Maria da Silva Pinho, amassador, que aspira desde sempre a conquista (ou reconquista) do direito de trabalho diurno para a sua classe.

— É perfeitamente possível o trabalho diurno para os profissionais de panificação, mesmo sem alterar os costumes adquiridos pela população. Com a maquinaria moderna, os fornos eléctricos, uma organização eficaz, é perfeitiamente viável começar a trabalhar às cinco da manhã, por exemplo. Afinal, para que são as câmaras frigoríficas? É hoje possível apresentar pão fresco a qualquer hora. De resto, isso já acontece, quando convém ás empresas. Apresentam-se rodões de ordem social para defender este anacronismo, quase o último. Mas essas razões desaparecerem quando, como aconteceu há dias com o feriado de 15 de Agosto, convém ás empresas cozer para dois ou três dias. Nesse dia, um sábado, os patrões teriam de nos pagar os salários em dobro. Vai daí resolveram com o sindicato — e sem conhecimento da classe — da maneira que mais lhes convinha: cosíamos à sexta-feira pão para três dias.

Meu amigo, se isto é possível, também o é, e por mais válidas razões o trabalho diurno para os padeiros. E a população para quem a gente trabalha, a maioria trabalhadora, compreende os trabalhadores — e bem sacrificados — que somos. As mercearias, o comércio em geral não fecha hoje às sete horas da tarde? E tempo houve em que as lojas estavam abertas até muito mais tarde.

Uma última questão queremos pôr a todos os profissionais de panificação com quem nos avistámos: a qualidade do pão que comemos. Em princípio, com certa lógica, responderam que é problema que não lhes diz respeito. Contudo, todos observaram que se impõem a existência de um único tipo de farinha. Enquanto houver dois, a tentação da «mistura» é mais do que certa. Acaba por surgir como a outra compensação para a congelação dos preços, a tolerância de 10 por cento a menos no peso legal do pão. E eles, profissionais de padaria, que desejam condições higiénicas melhoradas, mudança diária de roupa (o que não acontece), que têm consciência da importância do seu trabalho, acabam por ser vítimas indirectas deste estado de coisas, as primeiras a quem os dedos são apontados. Clareza e regulamentação: condições básicas que pedem para o exercício do seu mister.

JOSÉ MARIA PINHO

Universalidade do jornal

Cont. da pág 1

papel o jornal. Precisamente, por se dedicar á actualidade em curso e não tanto pela doutrina ou cultura que procure inculcar, supletivamente em relação ao livro).

O que caracteriza a interacção, que mantém de pé as estruturas da nossa sociedade actual, é a discussão e dependências resultantes dos acontecimentos dia-a-dia. (Aliás não é por acaso que o homem de hoje sente, de forma aguda, a instabilidade).

Ora, em todo o diálogo, e também no diálogo social, é elemento essencial para o seu normal decurso a ampla, livre e sincera troca de impressões. E o jornal é um dos instrumentos desse diálogo a nível social. Instrumento, pois, e não fábrica de diálogo, o jornal — que seja autênticamente jornal — nem opera o diálogo (simplesmente o veículo), menos ainda fabrica a famigerada opinião pública (antes é dela joguete porque, também dela é veículo).

Parece pois, que o mais importante para um funcionamento são e equilibrado deste instrumento de diálogo que é o jornal é a sua isenção e independência. Quando um qualquer «grupo de pressão» — económico, político, ideológico que seja — quer manobrar ou estrangular o jornal para defesa ou propaganda do um qualquer ponto de vista, rouba-lhe uma das suas essenciais características: a universalidade. Universalidade que diz respeito aos assuntos, ás ideologias, aos campos de interesse nele versados, bem como ao público que pretende atingir e, com isso, servir.

Sem universalidade, o papel impresso periódicamente, por mais actual e sensacionalista que seja, não passa de mero boletim de informação e ou defesa de interesses de um ou mais grupos (pequenos ou grandes), nunca será um orgão ou instrumento do diálogo social, em serviço da sociedade, da sua opinião e também por reflexo, dos seus valores e conceitos duradoiros.

Indústria do tomate

Cont. da pág. 7

trabalhem elas de dia ou de noite (oito horas de trabalho diário) são manifestamente insuficientes. Estas operárias não beneficiam de qualquer protecção tendo pràticamente o estatuto das camponesas (os salários variam de acordo com a evolução dos salários no campo).

CRIEMOS UMA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE TOMATE

O contrato não se faz em pé de igualdade entre industriais, reunidos num grémio, e produtores de 2, 3, ... 12 hectares.

A maioria destes produtores vai deixar de fazer tomate. De facto, o contrato é feito entre uma entidade que o estudou tècnicamente com a ajuda de advogados e economistas e outra (o produtor) a maioria das vezes semianalfabeto sem capacidade de defesa.

Parece-nos que esta situação só se pode solucionar através da criação de uma Associação Nacional de Produtores de Tomate, associação criada a partir dos produtores, seareiros ou pequenos proprietários, que possam discutir em pé de igualdade as condições do contrato com o Grémio dos Industriais de Tomate. Não se entende como o contrato possa ser estabelecido a partir dos industriais, agora reunidos em agrupamentos para a exportação (os agrupamentos, se funcionassem interiormente, criariam problemas. O produtor entregaria à fábrica do agrupamento mais próximo e deixaria a fábrica distante do local de produção sem tomate), para os produtores, sem estes serem ouvidos juridicamente no seu conjunto. A solução só pode provir de uma Associação de Produtores que contrate com o Grémio numa base geral. Cada filiado da Associação com base no contrato geral fará o seu próprio contrato. Outro processo é necessàriamente injusto.

Esta afirmação está generalizada entre os produtores. Manuel Dionísio, a propósito do rendimento do tomate por hectare, disse-nos:

— *O ano passado chegou a dar 48 toneladas por hectare. Mas o contrato não me dá qualquer liberdade na venda.*

JOSÉ AMORIM

Este número tem importância. Calculando um rendimento médio por hectare de 30 toneladas, podemos deduzir que algumas empresas asseguram mais tomate, através das áreas contratadas, do que a sua capacidade de laboração. Isto permite prever que essas empresas, exigindo ao produtor a entrega total do tomate, jogam num excesso de produção que lhes permitirá recusar algum tomate em piores condições ou mesmo deixar apodrecer algum na lezíria.

«UMA TONELADA!»

Arcangela pertence a um rancho de Borba com várias mulheres. Tem 18 anos. Trabalha de empreitada na colheita do tomate, comandada por um velhote eficiente. Apanha uma caixa de tomate escolhido em pouco mais de dez minutos.

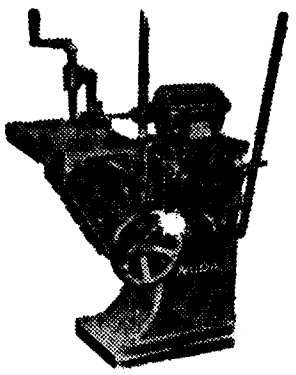
Arcangela tem o 5.º ano da Escola Comercial e vem com o rancho para ganhar algum dinheiro. São raparigas (muitas) e alguns rapazes jovens:

— *Ganhamos 40$00 por dia. Mas se apanharmos 45 caixas ganhamos sessenta.*

Quarenta e cinco caixas de tomate escolhido por dia de trabalho. É possível? Arcangela e outras companheiras mostram que sim. Vieram de Borba do Alentejo. São a outra face da exploração. A exploração dos produtores (porque as fábricas pagam pouco!) face aos ranchos da colheita. Estas moças apanham diàriamente mais de uma tonelada de tomate escolhido (45 × 30 quilogramas). São jovens. Algumas têm 13, 14 e 15 anos. Vieram do Alentejo.

(1) Números de 1967.

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

FURADOR POR BROCA MODELO FU

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF 44147)

A marca mais vendida na Europa

Miele

máquina de lavar louça

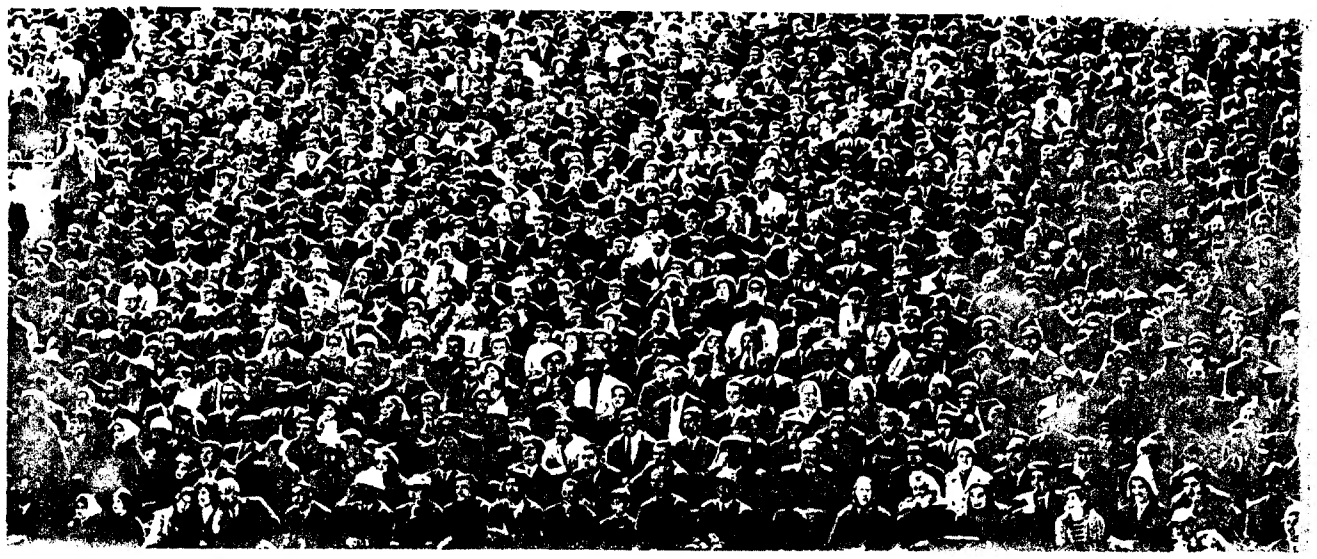
AGENTE OFICIAL

OLIVEIRA

Electrodomésticos
Av. Almirante Reis, 91-A

inquerito

O que é o povo?



Com frequência aparece, em textos políticos e outros, a palavra povo. **Ora trata-se de uma noção que não é das mais claras. Por esse motivo abrimos um inquérito, interrogando pessoas que, por um motivo ou outro, entendemos qualificadas para nos darem uma resposta.**

ANTÓNIO BORGES COELHO

«Não estava nada à espera que me destechassem uma pergunta dessas, no entanto não me esquivarei a responder.

A ideologia dos diferentes grupos sociais faz largo consumo do vocábulo «povo» e — que outras razões não houvesse — tanto bastaria para se não ignorar este conceito na investigação sociológica e histórica. Mas, evidentemente, há que definir com rigor ao menos os seus conteúdos principais e indicar o conteúdo eleito.

Creio que a palavra «povo» mantém hoje duas significações capitais: a primeira designa aqueles que alguns persistem em chamar os humildes e que outros preferem designar como os humilhados e ofendidos na expressão de Dostoiewski.

Esta corrente de significações está na linha da divisão tradicional, que se atribui à Idade Média — Clero Nobreza e Povo —, embora tal nomenclatura não apareça na boca dos nossos medievais. Uma segunda corrente de significados ligados à palavra «povo» designa o conjunto da população que habita um determinado território, com uma história e uma língua comum (mas nem sempre) e com um governo autónomo (mas nem sempre).

A primeira ordem de significados não pode ser utilizada com proveito como ferramenta mental em estudos sociológicos porquanto os tais humilhados e ofendidos constituem não um grupo social, mas uma amálgama de grupos sociais. O povo ou terceiro estado incluía, no final do Antigo Regime, como se sabe, a burguesia comercial, industrial e da terra, artesãos, operários, diferentes grupos de camponeses, mendigos etc. Ora, ao menos nestes últimos dez mil anos de história, o conceito de classe social, caracterizada pelo papel que cada grupo desempenha na produção da riqueza colectiva, revela-se insubstituível para ver ou ler os movimentos sociais.

Já a segunda ordem de significados encontra a sua utilização na investigação histórica e sociológica porquanto, ao falarmos em povo português, espanhol ou brasileiro, designamos uma realidade irrecusável, carregada de emocionalidades explosivas. Mas mesmo aqui, usando uma linguagem das ciências da natureza, estamos ao nível molecular e creio que temos que explorar o campo atómico. É neste domínio, o conceito de classe social é o que melhor nos permite apreender o desenrolar da marcha colectiva desses mesmos povos. Se afirmarmos, por exemplo: em 1383-85, o povo português rechaçou a ameaça de absorção por parte de Castela —, não dizemos pròpriamente uma falsidade, mas estamos ainda na superfície de terreno ideológico.

Talvez não sejam descabidos dois ou três apontamentos sobre a evolução histórica do vocábulo «povo». Como se sabe, «povo» vem do latim «populus». Mas «populus» não abarcava toda a população romana e muito menos os habitantes das províncias conquistadas. Mesmo depois do édito de Caracala que atribuia a cidadania romana a todos os homens livres do império, ficava ainda de fora a grande massa dos escravos nos quais começava a grassar o cristianismo.

Fernão Lopes que viveu num período de exacerbado anticastelhanismo quando pretende designar a realidade povo português fala no «bom Portugal». Por outro lado, o vocábulo «povo» aparece nos seus escritos ligado a dois objectivos bastante significativos: «comum povo» quando pretende designar aqueles a quem chama mais precisamente «arraia meúda», ventres ao sol» e «comunais»; e «bom povo» quando se refere à união revolucionária de grupos desirmanados.

A palavra «povo» ganhou toda a sua carga na Europa com o Liberalismo e o Movimento Romântico, segundo julgamos, precisamente quando a expansão da burguesia europeia atinge grande intensidade. Herculano, por exemplo, é entre nós um bom consumidor do vocábulo.

A individualidade dos povos é uma riqueza de que a Humanidade se não pode dispensar sob pena de empobrecer, ao menos ao nível da nossa contemporaneidade, e constitui uma força política poderosíssima. No entanto, é visível que assistimos no nosso tempo, nesta era final da Idade agrária, à erosão rápida das individualidades nacionais e à evolução do seu conceito. Com índices e factores dessa erosão encontramos, à uma análise de superfície, a construção moderna dos grandes espaços económicos, a revolução dos transportes aéreos e terrestres, a construção das grandes metrópoles urbanas, as migrações, o turismo que desenraizam o homem do século XX no seu rincão de origem. E se por certo a névoa das cidades do Norte as distingue bem das cidades do Meio Dia, a paisagem humanizada é comum. Já se pensou, por outro lado, no papel que a televisão desempenha nos tais países desenvolvidos no sentido desta erosão? Milhões e milhões de pessoas gastam boa parte dos seus ócios a consumir os mesmos filmes televisivos, a consumir a mesma dose de estupidez e violência. Nunca se sureiram à Humanidade padrões ideológicos tão uniformes e tão ràpidamente como hoje nos países desenvolvidos. E contudo, uma verdade irrecusável parece-me ser a de que a humanidade vai tomando progressivamente consciência de si própria.

CARLOS DE OLIVEIRA

1) Comentador (episódico, aliás) dos contos tradicionais portugueses mais ligados à realidade social, verifiquei que nessas narrativas o povo se identifica predominantemente com a massa camponesa na sua multiplicidade de faínas agrícolas e pequenos artesanatos. Claro, isto não surpreenderá ninguém. Os contos foram recolhidos quase todos nos meios rurais durante os fins do século XIX e começos do século XX, graças a Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Tomás Pires, Ataíde de Oliveira e outros. Além disso, vieram de longe, quando as diferenças entre «a cidade» e «as serras» eram bem maiores do que hoje. Trata-se, portanto, de um povo reduzido ao universo rudimentar e tradicionalista da enxada, do arado de madeira; das oficinas elementares em que se estalam o bate-sola, o ferreiro, o alfaite, o marceneiro; das sacristias, dos almocreves conduzindo pela arreata as bestas carregadas, da sopa de pedra, etc. Mas este povo contracena com os outros mundos sociais (o clero, a nobreza, os magistrados, os ricos, os conselheiros reais, o próprio rei) e então a sua acuidade crítica irrompe, atinge por vezes as proporções dum verdadeiro panfleto contra as classes que estão por cima. O povo ridiculariza-as ou intruja-as, servindo-se dum arsenal espantoso de manhas, patranhas e artimanhas, para sobreviver. Enfim, um povo astucioso, malhadinhas (no sentido aquiliniano do termo), fazendo das fraquezas forças, transformando a dependência, a coacção e outras servidões, numa espécie de guerrilha irónica e involuntária que dá a esta literatura picara o seu tom mais original.

2). Na literatura neo-realista, o povo é um pouco diferente. A área sociológica em que se move aumentou. Aparecem-nos já a metamorfose do camponês e do artífice em operário; o próprio operário industrial; e certas camadas pequeno-burguesas que receiam a proletarização acima de tudo, acima do diabo. Mas o trabalhador rural, por força das circunstâncias, locais, ocupa ainda um lugar de primeiro plano. Também o pícaro tradicional é substituído por uma visão dramatizada dos choques sociais, embora persista (e alcance até novas dimensões) nalgumas narrativas de Fernando Namora e Manuel da Fonseca.

A poesia dos escritores do mesmo movimento ocupou-se igualmente do povo Não tanto como o romance. Em todo o caso é uma das suas teclas importantes. O que tem irritado nos últimos trinta anos um número considerável de estetas citadinos ou cosmopolitas. Mas porquê? Não foram os neo-realistas, evidentemente, que descobriram esta pólvora. Cesário, por exemplo («Cesário Verde, ó mestre», como dizia Fernando Pessoa), cantou muito antes deles:

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo

Povo! No pano-cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas;
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

Cá estão os «homens de carga» (e de descarga), a «vida tão custosa, que diabo». Os cavadores, as enxadas, as «calosas mãos gretadas», «o pano-cru rasgado das camisas» (o pano-cru que é, com a chita, o tecido mais barato do mercado). Cá estão o sofrimento, o vinho, a agonia. Não falta sequer a esperançosa «bandeira que transluz». Quer-me parecer que os melhores poetas neo-realistas se mostraram talvez mais comedidos. O povo de Cesário, poeta do campo e da cidade (uma Lisboa, de resto, invadida francamente pelas hortas) inclui ainda as varinas (sim, as das «ancas opulentas»), os calceteiros, a arraia-miuda dos «arsenais» e das «oficinas», «os mestres carpinteiros, etc. E já o povo duma sociedade pré-industrial, parecido com o do neo-realismo. Cesário foi o exemplo que me ocorreu. Mas há outros antecessores ilustres.

3) Duas notas à margem. A primeira, para garantir o seguinte ao Leitor Distraído, de que fala Alexandre Pinheiro Torres: o povo não é, pelos vistos, um tema exclusivo dos neo-realistas, nem é também o único tema deles. Quando lhe disserem o contrário, e estão fartos de lho dizer e insinuar (como se fosse um pecado), esteja de pé atrás. Há mesmo obras neo-realistas onde o povo não aparece ou aparece pouco. Já leu Augusto Abelaira? A segunda nota é ainda uma simples verificação: o povo, os rurais, a sua linguagem, os caciques a denúncia da exploração económica e política, os temas sociais, o colonialismo financeiro, regressam pouco a pouco á superfície da literatura moderna, sobretudo através dum ou outro grande romancista sul-americano. Regressam sob formas literárias diferentes já se vê. E algumas de raiz popular.

4) E pronto. Para um bom entendimento do significado complexo e flutuante, da evolução histórico-social, que a palavra «povo» foi tendo na vida portuguesa desde a Idade Média á época contemporânea, permito-me remeter agora o Leitor Atento para o «Dicionário de História de Portugal», dirigido por Joel Serrão. Aí encontrará três elucidativos estudos assinados por especialistas (entre eles o próprio Joel Serrão) e ainda uma bibliografia complementar que lhe permitirá o aprofundamento de vários aspectos do problema.

FERNANDO LOPES GRAÇA

Ao harmonizador de centenas de canções populares portuguesas perguntámos: — O que é para si o povo?

— Harmonizador ou não dessas centenas de canções populares portuguesas o povo é para mim a primeira realidade, a realidade fundamental de uma nação, a que lhe define o próprio ser, a ponto de podermos dizer que a história de uma nação é a história do seu povo, nos seus esforços e nas suas lutas nas suas vitórias como nas suas derrotas, para se perfilar no tempo e no espaço e para se prolongar, como unidade social. Nesse sentido, todos nós trabalhadores do braço e trabalhadores do espírito, que, pelo tempos fora, contribuimos para a formação e consolidação dessa unidade, desse edifício em que lado a lado vivemos e agimos, somos povo.

Aquilo a que se chama — embora com uma propriedade que não precisa a totalidade do escopo — as minhas «harmonizações» de canções populares portuguesas, constitui da minha parte, e como artista uma como que homenagem á porção mais humilde, mais obscura, e também mais desoroteqida — mas não menos essencial — deste nosso povo, homenagem que, num «tempo de desprezo», intenta mais significá-lo através de uma manifestação anímica própria sua, que mais fielmente o retrata e o exprime.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO)TELEFS. 727654-7[illegible]665-713057
Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento peças legítimas estação de serviço oficinas

FORNECIMENTO DE ARMAS À ÁFRICA DO SUL

A Grã-Bretanha expulsa da Commonwealth?

JIM HOAGLAND

No ar apreensivo do primeiro-ministro conservador Heath, a imagem dos graves problemas que afligem a Comunidade Britanica

NAIROBI — A intenção do Governo britânico de retomar as vendas limitadas de armas à Africa do Sul dominará, decerto, todas as outras questões, durante as duas reuniões políticas mais importantes do ano em África: a conferência da Organização da Unidade Africana, em Adis Abeba (no próximo dia 1 de Setembro) e a cimeira dos países não alinhados, na Zâmbia (daí a uma semana).

A África Negra não sabe ainda se irá além dos protestos verbais, no caso de a Grã-Bretanha persistir em melhorar as suas relações com a África do Sul levantando o embargo sobre as entregas de armas. A maior parte das medidas possíveis de represália — como o corte das relações diplomáticas — prejudicariam mais os países africanos que a Grã-Bretanha.

Mas o azedume e a violência das reacções dos países africanos surpreendeu claramente o governo Heath. Uma série de reuniões que se desenrolaram este mês, na África do Leste, com a participação da Tanzânia, Zâmbia, Uganda e Quénia indica que as represálias podiam ir até à adopção de medidas restritivas sobre as trocas comerciais e ao desmantelamento dos últimos vestígios do Império britânico — a *Commonwealth*.

A surpresa britânica deve-se talvez ao facto de o governo de Heath ter contado de mais com a França, que nunca foi censurada em África, apesar de ter vendido material militar à África do Sul depois do embargo britanico de 1964.

Esta diferença de reacções levou alguns a acusar de hipócritas os países que tão veementemente se atiram á Grã-Bretanha. Mas esta acusação esquece as relações especiais que as duas antigas potências coloniais mantêm com as suas ex-colónias africanas.

Por um lado, as antigas colónias francesas não têm sobre a França os meios de pressão que as antigas colónias inglesas podem exercer sobre a Inglaterra. Por outro lado, grande parte dos países da África francófona estão a intensificar discretamente as suas trocas comerciais com a África do Sul.

Além disso, os franceses continuam a deter os portos-chave nas infra-estruturas da maioria desses países: controlam o exército do Chade, a economia da Costa do Marfim e o sistema de aducção de águas do Senegal.

— Para que um protesto seja eficaz, é preciso que lhe dêem ouvidos — dizia-me recentemente um jovem funcionário senegalês. É preciso que haja diálogo. Essa possibilidade existe para os países africanos de língua inglesa, que a Grã-Bretanha considera como membros da sua família diplomática. Mas, se nos atacássemos os franceses, estes limitar-se-iam a sorrir com indulgência...

DIFERENTES COMPORTAMENTOS

Notam-se estranhas divergências no comportamento pós-colonial das duas grandes potências europeias. Se os francófonos foram muito mais prontos em aceitar social e culturalmente as instituições francesas, o certo é que a França, como nação, não parece ter aceitado psicològicamente a soberania das suas antigas colónias africanas. E enquanto continuar a cobrir grande parte das despesas dos países africanos de línguas francesa, é pouco provável que modifique a sua atitude.

Sem quererem entrar em pormenores, os diplomatas sul-africanos mostram-se francamente esperançados em estreitar os laços económicos da África do Sul com os países africanos francófonos de economia relativamente forte, como o Gabão, a Costa do Marfim e Madagáscar. Este interesse é bem acolhido pelos africanos, em privado, embora receba desmentidos publicos.

Finalmente há uma certa razão crucial que explica a diferença de comportamento entre os países africanos francófonos e os anglófonos. Basta o simples exame de um mapa para o demonstrar: a maioria dos países francófonos situam-se no Centro e Ocidente africanos (à excepção de Madagascar, que cultiva a sua amizade com a África do Sul), a Zâmbia está a poucos minutos de um ataque da África do Sul e da Rodésia.

O presidente Keneth Kaunda tem um medo bem real de um ataque do género. A Tanzânia, cuja costa é vulnerável aos ataques da esquadra sul-africana, nutre os mesmos receios.

Por mais destituídas de realismo que estes temores possam parecer ao *outsider*, o certo é que os dirigentes dos países africanos de língua francesa são os que têm mais a recear de novas entregas de armas à África do Sul. E, como não têm nenhuma influência sobre a França, vêem-se obrigados a afirmar a sua posição contra os ingleses.

Regra geral, as reacções dos países africanos francófonos da África Ocidental são mais moderadas e será interessante ver com que intensidade a Nigéria irá protestar contra o levantamento do embargo, depois de ter beneficiado das entregas de armas britânicas, durante a guerra do Biafra, apesar dos protestos da oposição interna britânica.

Mas a reacção crucial será a do Quénia, que é o país anglófono da África Oriental que tem melhores relações com a Grã-Bretanha (e cuja balança de trocas comerciais é positiva).

O Quénia tomou a iniciativa de reunir os ministros dos Negócios Estrangeiros da África Oriental no princípio do mês. E, segundo informações de fontes seguras, mas não confirmadas, teria recomendado que se entrasse calma e decididamente em contacto com o Governo britânico.

Há poucas semanas, os chefes de Estado da Tanzânia, Uganda e Zâmbia reuniram-se em Dar-Es-Salaam e anunciaram o seu acordo quanto ao programa de acção comum — que não revelaram — se a Grã-Bretanha reiniciasse as entregas de armas. O presidente Kenátta não assistiu a esta cimeira, o que possivelmente não tem qualquer significado dada a sua reconhecida hostilidade às viagens. Mas o Quénia parece menos disposto que os três outros países a tomar medidas mais duras.

A ruptura das relações diplomáticas provocaria a suspensão do auxílio económico da Grã-Bretanha, medida radical. O que parece mais provável é que estes países se retirem simultâneamente do Commonwealth, que já enfrenta sérias dificuldades.

Outra possibilidade seria a expulsão da Grã-Bretanha da Organização que ela própria fundou e alimenta com os seus fundos.

Todas estas possibilidades vão ser passadas em revista durante a próxima conferência da Organização de Unidade Africana e a cimeira dos países não alinhados. A este propósito a iniciativa do Governo britânico de adiar a sua decisão final seria útil ao governo de Heath, que poderá fazer uma ideia, ao longo das próximas semanas, da maneira como a África reagiria a um levantamento do embargo.

Exclusivo «Washington Post» - «D. L.»

A situação em Atenas

Oitenta comunistas, ou como tal supostos, que tinham sido deportados para a ilha de Leros, foram recentemente libertados e conduzidos ao Pireu. Esta medida segue-se ao anúncio feito pelo secretário de Estado grego para a Informação, Gheorgalas, da libertação próxima de quinhentos presos políticos. O mesmo anunciou ainda a aplicação integral, até ao fim do ano, da Constituição de 1968 e a próxima passagem de passaportes aos políticos do «antigo regime».

Os militares no poder em Atenas fizeram muitas promessas não cumpridas, pelo que se levantam dúvidas sobre o alcance real desta nova ofensiva de «liberalização». Se acreditarmos no senhor Gheorgalas, «o parêntesis constituído pela revolução saída do golpe de Estado, há três anos e três meses, está agora quase fechado». É, sem dúvida, dizer muito. Numa entrevista recente ao «Sunday Telegraph», o primeiro-ministro Papadopoulos afirmava, é certo, que a lei marcial — sob o regime da qual os gregos vivem desde o golpe de força de 21 de Abril de 1967 — já não passava de uma «sombra»; mas acrescentava que tal «sombra» era muito útil para contrapor a um «espírito de anarquia muito intenso». É muitas vezes sob a inculpação de infracção á lei marcial que os opositores ao regime são julgados e severamente condenados. Ainda na semana passada vinte e uma pessoas compareceram perante a jurisdição militar de Atenas.

Devem tomar-se mais a sério as recentes declarações de Gheorgalas do que as que as precederam. Parece não se poder separá-las da luta envolvendo as diversas facções do governo grego.

Se, na verdade, a junta próprìamente dita, que constitui a tendência «dura» do regime, demonstra uma hostilidade sem limites ao mundo político tradicional, a posição de Papadopoulos é completamente diferente. Este último, que concentrou nas suas mãos as funções de chefe do Governo, de ministro da Defesa e, há pouco tempo, de ministro dos Negócios Estrangeiros, rodeou-se pouco a pouco de um pessoal constituído por gestionários, preocupados antes de tudo com a eficácia. A reforma ministerial de 29 de Junho último esclarece a evicção progressiva dos militares pelos «tecnocratas». Estes, a instâncias do primeiro-ministro, desejam tirar o regime do isolamento e procuram persuadir um certo número de homens políticos que ocuparam funções importantes antes do golpe de Estado de 1967 a que lhes dêem pùblicamente a sua adesão.

As pressões exercidas, nomeadamente durante os três últimos meses, pelos Estados Unidos sobre o regime de Atenas não são estranhas á vontade de abertura manifestada por Gheorgalas. A Casa Branca, preocupada com a crescente presença soviética no Mediterrâneo oriental, está muito tentada a reconsiderar as restrições decretadas, após a chegada dos coronéis ao poder, á venda de armamentos pesados a Atenas. Dispõe, sem dúvida, junto da opinião mundial, de um argumento de peso com o desenvolvimento recente das relações entre a Grécia e os países comunistas vizinhos. Os Estados Unidos não podem, contudo, permitir-se um choque frontal com aqueles dos seus aliados que continuam resolutamente hostis ao regime grego.

É por esta razão que a diplomacia americana não parou um momento na sua tarefa de convencer os dirigentes de Atenas para empreenderem processos de «liberalização».

Acontece que estas medidas surgem num momento em que a oposição ao regime dmonstra as suas divisões. Farto de esperar, o povo grego acabará por contentar-se com uma paródia de democracia? É visivelmente a esperança de Papadopoulos e o sentido dos seus actuais esforços.

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 28 DE AGOSTO DE 1970 — N.º 59